This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

Apr. 5180.14

Harvard College Library

GIFT OF

Archibald Cary Coolidge, Ph.D.

(Class of 1887)

PROFESSOR OF HISTORY

TRATADO BREVE

DOS

RIOS DE GUINE' DO CABO-VERDE

DESDE O RIO DO SANAGA' ATE' AOS BAIXOS
DE SANT'ANNA 8.° 8.°

Pelo Capitão

ANDRÉ ALVARES D'ALMADA,

Natural da Ilha de Santiago de Cabo-Verde, pratico e versado nas ditas partes.

1594.

Publicado por

DIOGO KÖPKE,

Capitão da 3.ª Secção do Exercito, e Lente da Academia Polytechnica do Porto.

PORTO:

TYPOGRAPHIA COMMERCIAL PORTUENSE;
Largo de S. João Novo N.° 12.

1841.

TRATADO BREVE

DOS

RIOS DE GUINE' DO CABO-VERDE

DESDE O RIÒ DO SANAGA' ATE' AOS BAIXOS
DE SANT'ANNA &.ª &.ª

Pelo Capitão
ANDRÉ ALVARES D'ALMADA,
Natural da Ilha de Santiago de Cabo-Verde, pratico e versado nas ditas partes.

1594.

Publicado por
DIOGO KÖPKE,
Capitão da 3.ª Secção do Exercito, e Lente da Academia Polytechnica do Porto.

PORTO:
TYPOGRAPHIA COMMERCIAL PORTUENSE:
Largo de S. João Novo N.º 12.
1841.

Afr 5180.14

HARVARD COLLEGE
JAN 26 1910
LIBRARY

Gift of
Prof. A. C. Coolidge

JOAQUIM AUGUSTO KÖPKE,

Em testemunho publico

De Amisade e Gratidão

C. D. e O.

O PUBLICADOR.

INTRODUCÇÃO.

De André Alvares d'Almada outras noticias não temos senão as que desta sua Obra, que hoje damos á luz publica, podemos colher. Foi natural da Ilha de S. Tiago do Cabo-Verde, e nella morador. Tratou muito em Guiné, percorreo muito do paiz, e devêra ter sido familiar com algumas das linguas dos indigenas. Foi homem estimado em sua terra, em tanto, que foi eleito pelo povo para vir a Portugal, (ahi pelos annos de 1580,) tratar com o Governo de Phillippe I. sobre o modo de se povoar a Serra-Leôa; e parece que gosára de alguma boa opinião na côrte, onde o vemos "fazendo lembranças a El-Rei no Conselho de Portugal em Lisboa e em Madrid," sobre a fundação d'uma casa de Religiosos na Ilha de S. Tiago. Delle diz Barbosa, em sua *Bibliotheca Lusitana*, o seguinte:

"*André Alvares d'Almada.* N. em a cidade de S.Tiago em Cabo-Verde, onde foi morador e capitão. Impellido da curiosidade penetrou com alguns soldados o continente de sua patria, e grande parte do Reino d'Angola, observando com diligente investigação a situação das terras, os ritos e costumes dos seus habitadores. De todas estas observaçoens alcançadas pelo seu desvelo fez huma exacta descripção que no anno de 1594 dedicou aos Governadores do Reino, a qual mandárão fosse examinada por D. Fr. Pedro Brandão, Bispo de Cabo-Verde, como testemunha ocular do que nella se relatava; o qual testemunhou, por huma carta, ser dig-

TRATADO BREVE

DOS

RIOS DE GUINE' DO CABO-VERDE

DESDE O RIO DO SANAGA' ATE' AOS BAIXOS
DE SANT'ANNA &.ª &.ª

Pelo Capitão

ANDRÉ ALVARES D'ALMADA,

Natural da Ilha de Santiago de Cabo-Verde, pratico e versado nas ditas partes.

1594.

Publicado por

DIOGO KÖPKE,

Capitão da 3.ª Secção do Exercito, e Lente da Academia Polytechnica do Porto.

PORTO:
TYPOGRAPHIA COMMERCIAL PORTUENSE:
Largo de S. João Novo N.º 12.
1841.

Catalogo (incompleto) assim dos M.SS. do Mosteiro de Tibaens como dos do de S. Bento da Saude em Lisboa, em 1795, e que escripto por penna que julgámos ser do hoje Ex.mo Snr. Patriarcha Eleito, foi para nós a maior recommendação, e será para o publico o maior elogio de André Alvares d'Almada:

"Tratado breve dos *Rios* * de Guiné &c. Era 1594. Do Capitão André Alvares de Almada, que foi um ascendente de João de Almada, pelo qual lhe veio um morgado que tem a sua casa em Cabo-Verde. No fim vem o Index dos 19 Capitulos que contem este M. S. Todos elles se podem ler com gosto, por tratarem de muitas e diversas naçoens de negros que ha na Costa Occidental d'Africa, desde o Rio Sanagal até Sant'Anna, e de seus costumes; e por fallar o Autor como testemunha de vista de quanto escreve, e com tal miudeza que não será facil ao Leitor achar outro tanto em algum tratado geographico dos que correm impressos."

Sobre este exemplar podemos dizer que vai fundada esta nossa edição, — que a copia que adquirimos, foi evidentemente feita, pouco antes da suppressão das Ordens Religiosas, sobre este mesmo exemplar. Julgamo-nos todavia authorisados para seguir alguma acertada variante desta nossa copia, da qual a mais importante é no Prologo, começando este do mesmo modo como começa o Codice da Bib. Pub. Lisb. e não como o do Codice da nossa Bib. Pub. Port. **

Da adulterada edição desta Obra de André Alvares d'Almada, de que falla Barbosa, foi-nos franquea-

* Não hesitamos em conservar no impresso a palavra *Rios*, que não *Reinos*, porque assim vamos d'accordo com o uso de A. A. de Almada, que miudas vêzes toma o vocabulo *rio* na accepção dos lugares e paizes que banha. O trato principal em Guiné fazia-se então (como ainda hoje em dia em partes se faz) abordo dos navios surtos nos rios.

** V. Nota II. no fim desta Introducção.

do hum exemplar pelo Ex.mo Snr. Conselheiro Joaquim José da Costa de Macedo, Secretario Perpetuo da Academia Real das Sciencias. E' este impresso hoje em dia rarissimo; e a este e outros obsequios que nos tem feito o Snr. Macedo (com quem outro conhecimento não temos senão o da correspondencia litteraria com que nos tem honrado) mal temos termos em que agradeçamos. *

E' na verdade totalmente differente da obra original, na ordem e estilo, esta publicação do seu Editor *Antonio da Costa Valle.* E' offerecida ao *Senhor D. Gabriel Antonio Gomes.* Consta de dez Capitulos e sessenta e duas paginas de 4to. A materia é de André Alvares d'Almada, que o editor revestio em palavras e estilo propriamente seu; — mais corrente e mais a-

* Houvemos informação de que existia outro exemplar desta obra na Bibliotheca Real do Paço da Ajuda, — mas, averiguado o caso, viemos a saber que havia lá, na verdade, uma " Descripção de Guiné, " mas de outro Autor que não A. A. de Almada, e escripta em 1600 e tantos. Em quanto agradecemos ao Bibliothecario da mesma o Snr. Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo a indagação que a este respeito nos quiz fazer favor de instituir, approveitamos a occasião para publicamente reconhecermos o quanto lhe somos devedôres pelos valiosos socorros que nos prestou na edição do Roteiro de D. Vasco da Gama, e mui principalmente nas elucidaçoens geographicas. A pressa e confusão com que pozemos fim ás notas que accrescentámos ao Roteiro, e a falta de revisão da nossa parte — tudo procedido de incommodo pessoal que então soffriamos, — forão causa de que se extraviasse o que a este respeito tinhamos escripto. Ao Snr. Alexandre Herculano em nada faz falta este nosso tributo; mas alem de ser de nosso dever não assumir o que não he nosso, a esta declaração somos obrigados por nos constar que alguem attribuio este nosso descuido a uma cousa que por ahi querem chamar *differença de opinioens politicas*, — que já mal entendemos senão como palavras de rancor, que entre litteratos não tem cabimento.

purado de certo que o de Almada, mas por isso mesmo falho daquelle cunho de verdade que tão distincto sobresahe na lhana singeleza de Almada. E' muito mais resumida que a obra original, e bastante incorrecta em denominaçoens Geographicas; assim, por exemplo, vemos os *Sapes* e os *Sumbas*, transformados em *Capes* e *Cumbas*, e daqui talvez passando como *Kapes* e *Kumbas* para os Mappas Inglezes e Francezes. Assaz estropeados pelas "linguas Runicas do Norte" andão os nomes que os navegantes Portuguezes derão aos seus descobrimentos; e bem escusavamos nós de assim concorrermos para a obliteração da nossa memoria maritima. Encarada por este lado, a publicação do texto original de A. A. de A. fará essencial serviço á historia geographica portugueza em particular, e á synonimia geographica em geral.

Em todo o caso Antonio da Costa Valle reconheceo a seu Autor, e não commetteo a seu respeito senão culpas de entendimento; outros houvérão que de seus escriptos se valêrão sem mencionarem a fonte donde tirarão sua informação. Assim na "*Relação Annual das cousas que fizeram os Padres da Companhia de Jesus nas partes da India Oriental, e no Brazil, Angola, Cabo-Verde e Guiné, nos annos de* 602 *e* 603... Lisboa; Anno 1605"; — os Jesuitas, que ás suas missoens a Guiné forão talvêz principalmente instigados por A. A. de Almada, como do texto da obra transluz, della compilárão o Cap.° IX, da "*Missam das Ilhas de Cabo-Verde, e terra firme de Guiné*", sem indicarem a Almada; e aqui forão em alguns pontos tão pouco correctos com A. da C. Valle.

Julgámos essencial ajuntar a esta obra hum Mappa indicador dos paizes mencionados por Almada. Do contorno exacto das costas d'Africa Occidental nada havia de delineado até há muito poucos annos. A maior parte dos mappas existentes forão baseados em

grosseiras demarcaçoens e distancias estimadas : o mesmo Rio de Gambia, tão frequentado ha 400 annos, não foi mensurado scientificamente senão ha 8 ou 9 annos ; o Archipelago dos Bijagós era delineado por conjecturas e ás tentativas. Mas graças aos governos de Inglaterra e França todas estas costas tem sido examinadas e delineadas por habilissimos officiaes de Marinha; algumas cartas exactas se tem já publicado ; e não duvidamos que em breves annos teremos series continuadas e perfeitas de todo o contorno de continente Africano. Quizeramos nós pois cingir-nos em nosso Mappa ao que houvesse de mais exacto em Hydrographia, e introduzir-lhe de nosso os nomes Portuguezes; mas achamo-nos aqui no Porto desprovidos de quanto se tem nestes ultimos tempos publicado e escripto sobre Geographia. N'estas circumstancias lançamos mão do que, para os nossos fins, nos pareceo mais adequado: e seguimos nos contornos do nosso Mappa o Mappa LI (Africa Occidental, 1840,) da Sociedade Ingleza Promotora dos Conhecimentos Uteis. Quizeramos approveitar-nos de Mappa de mais larga escala, e estivemos quasi para escolher aquelle que se encontra no Atlas da obra franceza "Voyage au Sénégal &c. Par Jean-Baptiste-Leonard Durand 2. Vol. Paris An. X (1802)"; mas achamos-lhe tanta inexactidão, especialmente em quanto ás Ilhas dos Bijagós, que julgamos mais acertado cingir-nos á estreiteza daquelle em que temos mais razoens para confiar.

Na nomenclatura geographica introdusimos os nomes proprios portuguezes, segundo o texto de André Alvares d'Almada, cujos conhecimentos não ultrapassámos. Para isto confessamos que de muito nos valêrão, (e mais ainda nos terião valido se nosso mappa fôra em ponto maior,) dous Mappas, hum Inglez e outro Francez, que nos forão tão uteis como são curiosos, attento que ainda que publicados, o 1.° em 1768,

e o 2.º em 1802, podérão, se não quizessemos attender a alguns defeitos hydrographicos, sem escrupulo affixar-se ao "Tratado Breve" de André Alvares de Almada, 1594! Tão conformes são, até na divisão dos reinos de Negros, que não podemos deixar de suspeitar, que se formos recorrendo de authoridade em authoridade viremos a final a cahir na de nosso Autor; que temos esfolhado e lido todas as narraçoens de viagens á costa d'Africa que podemos haver á mão, desde as "Viagens de Luiz de Cadamosto" até "L'Histoire Générale des Voyages" (em seu texto ou no de suas referencias,) e affoutamente diremos que do cahos de tanta confusa relação não podia sahir a lume um Mappa claro e intelligivel, como qualquer dos dous que mencionamos; e que a fonte mais pura foi forçoso recorrer em immediato lugar. Nem isto á nós nos admira, que ahi por Autores estrangeiros encontramos apreciado o que nós menosprezamos; que sabemos que os Mappas *Portuguezes* se devem procurar com titulos *Hollandezes*; que démos com mappas de nosso cosmographo Vaz Dourado, que os Portuguezes nunca se lembrarão de publicar, já impressos em Hugo de Linschott; e lemos que sabia avaliar nossas riquezas em conhecimentos geographico-commerciaes quem mais prezava algum Roteiro da India que um galeão carregado das ricas mercadorias do Oriente *!

Os Mappas a que nos referimos são os seguintes:

1. "*The Western Coast of Africa from Cape Blanco to Cape Virga, exhibiting Senegambia Proper:* By T. Jefferys, Geographer to his Majesty." Uma Nota indica que este Mappa foi copiado d'um original d'Anville, gravado á custa da Companhia Franceza das Indias Orientaes, publicado em 1751, e supprimido depois da Paz de 1762."

* V. Nota III. no fim desta Introducção.

2. " Carte de la Côte Occidental d'Afrique depois le Cap Barbas jusqu'au Cap Tagrin; dressée d'après les mémoires de La Jaille, ancien officier de Marine, chargé par le Gouvernement de visiter cette partie de la Côte em 1784 et 1785. Par Lapie Ingénieur-Geographe &c. 1802."
(Na obra " Voyage au Senegal &c... de Lajaille " par P. Labarthe. Paris. 1 Vol. 1802).

Quanto á ordem que seguimos na copia que publicamos, nada mais fizemos senão cingir-nos strictamente ás palavras de Almada, que nunca quizemos emendar senão quando a exactidão grammatical o exigia, e neste caso nossas correcçoens não passárão de alguma transposição, ou alguma mudança de terminações de verbos ou nomes. Na orthographia sómente modernisamos alguma outra palavra, ou absolutamente antiquada na forma em que a appresentava o A., ou erroneamente escripta segundo erro de pronunciação vulgar.

Trabalho mais largo e muito mais perfeito podéra basear-se sobre esta Obra de Almada; mas a mais não alcanção nossas acanhadas forças e mingoado tempo. Por felizes nos déramos se esta publicação servisse de incentivo ao exercicio de mais perita penna.

Nota I.

Eis aqui o indice de Capitulos, tanto do exemplar M. S. da Bib. Pub. Lisbonense, como da adulterada edição de Antonio da Costa Valle, de que falla Barbosa.

Exemplar M. S.	*Edição de A. da C. V.*
Tit. Tratado breve dos Reinos de Guiné do Cabo Verde,	Tit. Relação e descripção de Guiné, na qual se trata

feito pelo Capitão André Alvares d'Almada, natural da cidade..... do Cabo Verde, versado e pratico nas ditas partes.

Cap.º I. Que trata dos negros Jalofos que são os primeiros e mais chegados a nós e dos seus costumes e leis.

Cap.º II. Que trata do Reino do Alem-viçane, Barbaçim, que confina com este dos Jalofos Budumeis.

Cap.º III. Que trata do Reino de Gambea chamado por outro nome o de Cantor, que he o reino dos Mandingas, mui grande em si como se dirá.

Cap.º IV. Que trata dos Arriatos, Falupos, Casangas, Banhuns, e Papeis, chamados por outro nome Buramos.

Cap.º V. Que trata dos Bijagós, Beafares, das suas leis e costumes, vestidos, armas e de todo o mais que nestas partes ha.

Cap.º VI. Que trata dos Nalus, Coqolins, Barguas, dos seus costumes e vestidos.

Cap.º VII. Que trata do Reino dos Sapes que começa do Cabo da Vergua que está em nove gráos e dous terços até os Baixos de S. Anna que estão em sete gráos; dos seus costumes, tratos, guerras e outras cousas.

das varias nações de negros, que a povoão, dos seus costumes, leis, ritos, ceremonias, guerras, armas, trajos, da qualidade dos portos, e do commercio, que nelles se faz, que escreveo o Capitão André Gonçalves d'Almada, offerecida ao Senhor D. Gabriel Antonio Gomes. Lisboa Occidental. Na officina de Miguel Rodrigues, Impressor do Senhor Patriarcha. 1733.

Cap.º I. Dos Jalofos.

Cap.º II. Do Reino do Alleembicane e do de Brocalo.

Cap.º III. Dos Mandingas.

Cap.º IV. Dos Arriatas, Falupos, Jabundos, Banhus, e Cassangas.

Cap.º V. Dos Buramos.

Cap.º VI. Dos Bijagós.

Cap.º VII. Dos Beafares.

Cap.º VIII. Dos Nalús, Begas, e Cocolins.

Cap.º IX. Da Serra Leôa.

Cap.º X. Da Conquista da Serra Leôa feita pelos Cumbas.

Para que o Leitor possa ajuizar do estilo em que está concebida a edição de A. da C. Valle, ajuntamos o seguinte extracto, que se pó-

(Dos Capitulos 8, 9 e 10 não possuimos os titulos) de comparar com nosso texto.

Cap.° I. *Dos Jalofos.*

" Esta provincia de Africa, a que mais propriamente chamão os nossos Guiné, começa no rio de Çanagá pela parte do Norte, e continuando a costa do Sul quasi 18 leguas * se acaba na serra Leôa, o qual espaço he do districto da Capitania de Cabo Verde, de que he cabeça a Ilha de Santiago. Povoão esta terra diversas geraçoens de negros, dos quaes os primeiros são os Jalofos, que com o Rio Çanagá se apartão dos Alarves, ficando elles ao Sul do dito rio, e estes ao Norte. Pela parte do Levante os cingem os Fulos Gazalhos, que por outro nome chamão Gagos. Ao Sul terminão com os Berbecins. Possuem a mais Occidental parte de Africa que he a que commumente por razão do grande, e saido Cabo chamão Verde. Faz rosto ao Poente á Ilha de Santiago, e a outras suas vizinhas, que por razão deste Promontorio se chamão as Ilhas de Cabo Verde. He a terra quasi toda areosa, de poucas arvores, e aguas; e as de que se servem os negros, são de poços altos, faltando na terra fontes, e rios por causa de não chover no Inverno, e quando succede chover he rarissimamente &c. &c."

NOTA II.

O Prologo do Codiçe da Bib. Pub. Portuense começa do modo seguinte; que transcrevemos *litteratim*; — " Entre os Negros da nossa Africa não houve escriptores, nem entre elles se usou escrever cousa que ler se possa, posto que neste gentio ha huns negros tidos por religiosos chamados *Bixerins*, os quaes escrevem em papel e em livros encadernados de quarto e meia folha, mas de tal maneira são suas escripturas que não podem servir a outrem nem de outrem serem entendidas mais que dos que as escrevem; porque mais são certos signaes e particulares *conseptas* que letras intelligiveis, e

* Suppomos ser erro typographico por 180 legoas.

como assim seja não se póde saber as cousas notaveis que entre elles passarão, posto que seu costume seja trazê-las per historias; porque como a memoria dos homens não possa comprehender muito, (supposto que tudo comprenda) não se póde reter tanto que a continuação do tempo o não gaste e consuma: pelo que não podemos saber delles mais que as cousas que elles hoje retem na memoria, porque as que naquelles tempos antigos passarão (posto que dignas de eterno nome) os tempos as gastárão, e como os Reinos dos Negros são tantos, e as linguagens tão varias como os costumes diversos, pois que em cada espaço, em menos de vinte legoas, ha duas e tres naçoens todas misturadas e os reinos uns pequenos e outros grandes, sujeitos huns aos outros, e como nas seitas e costumes e as leis do seu governo e juramentos venhão pela maior parte a ser todos huns, não será necessario (delles) fazer declaração e particular menção, porque de todos direi geralmente."

E depois deste longo e confuso periodo segue-se: " Quiz escrever algumas cousas &c." como no nosso Prologo se lê. Limitamo-nos a esta ultima parte como prologo, assim por notarmos alguma tal e qual contradicção entre o plano da obra traçado no extracto antecedente e aquelle que se expoem no resto do Prologo, — como porque do mesmo modo como nós começa o Codice da Bib. Pub. Lisbonense; accrescendo a isto o ser evidente no Codice da Bib. Pub. Portuense que a primeira parte: *Entre os negros da nossa Africa &c.* foi accrescentada depois de se ter começado o prologo com: *Quiz escrever &c.* No fim do exemplar da Bib. Pub. Lisbonense, *verso* da fol. 101, se lê hum apontamento troncado que começa: *Como entre os negros da nossa Africa não houvesse escriptores &c.* e acaba; *Sempre foi hum Fuão Fr.ª, christão novo natural do Crato homem muito prati...* sem terminar a palavra. E' de notar o coincidir o começo deste apontamento com o do accrescento do exemplar da Bib. desta cidade.

Nota III.

No anno de 1587 o Almirante Inglez Sir Francis Drake, depois de ter crusado nas alturas da barra do Tejo... "fez-se na volta dos Açores, á espera dos galeões, e têve a felicidade de encontrar um que vinha ricamente carregado de mercadorias, e que elle, *já se sabe*, tomou. 'A preza deste navio' diz um contemporaneo * 'foi de maior vantagem aos mercadores Inglezes que o valor da carga aos apresadores; porque pelos papeis que encontrárão a seu bordo, vierão em tão cabal conhecimento do grande valor das mercadorias da India, e dos modos de tratar no Oriente, que logo depois derão começo a um trafico de muito lucro e instituirão uma Companhia de Negociantes da India Oriental". (*Penny Cyclopædia*, Vol. IX. pag. 123, col. 2.)

Ouçamos outro facto que nos déra margem a reflexoens dolorosas. " Esta obra ", (falla-se do *Roteiro de D. João de Castro ao Mar Roxo*, antes de sua publicação pelo Snr. Dr. Nunes,) " não foi nunca publicada em Portuguez; mas o Manuscripto tendo sido encontrado abordo d'um navio desta nação tomado por um Inglez, foi traduzido em Londres, e Purchass (Tomo 2.º dos seus *Pilgrims*, (Viajantes,) pag. 1122) o inserio em sua Collecção. Delle he que nos consta, que Sir Walter Raleigh o comprou por 6 Libras Esterlinas, fê-lo traduzir para Inglez, e tomou o trabalho de lhe corrigir o estilo e addicionar-lhe notas marginaes." (*Histoire Générale des Voyages.* Tomo 1.º Liv. 1.º Cap. XVII. pag. 166.)

(Sobre esta traducção do Roteiro ao Mar Roxo julgamos se fundou a versão em Latim que o Snr. Dr. Nunes reimprimio segundo o texto do *Veteris Ævi Analecta*, *&c. de Antonio Matthæo.* Da penna de D. João de Castro não a julgamos.)

Quanto melhor não nós fôra que os Inglezes se tivessem tambem apoderado do Roteiro que fêz D. João de Castro de Gôa a Dio, e cujo original, não obstante as muitas diligencias que para com seu possuidor temos feito a fim de o trazer a lume, ainda jaz clausurado em ignobil obscuridão!

* O Galeão chamava-se *S. Phillipe.* O contemporaneo é o historiador *Camden.*

E do Roteiro de D. João de Castro de Lisboa a Gòa onde acharemos mais larga noticia? N'um estrangeiro, — no *Regimento de Navegacion* de *Andres Garcias de Cespedes*, Madrid. 1606. Fiquemo-nos aqui; que larga seria a lista de M. SS. nossos, que estrangeiros mais tem sabido prezar que nós outros.

TRATADO BREVE

DOS

RIOS DE GUINÉ DO CABO-VERDE;

Desde o Rio de Sanagá até aos Baixos de St.ª Anna; de todas as Nações de Negros que ha na dita Costa, e de seus Costumes, Armas, Trajes, Juramentos e Guerras:

feito

Pelo Capitão ANDRE' ALVARES D'ALMADA, *Natural da Ilha de Santiago de Cabo Verde, pratico e versado nas ditas partes.*

Anno de 1594.

PROLOGO.

QUIZ escrever algumas cousas dos Rios de Guiné do Cabo Verde, começando do Rio do Sanagá, até a Serra Leôa, que he o limite da Ilha de Santiago; porque destas partes sei honestamente, e das cousas em que tive duvida me informei de algumas pessoas praticas e nas ditas partes versadas: — quiz, como digo, escrever deste Guiné, não porque muitos não tivessem delle dito, mas porque pode ser que ja delle não tiverão tão verdadeira noticia como eu, que vi a maior parte delle, e tratei em muitos Rios, mettendo-me por elles muitas legoas, (como foi pelo de Gambia 150 legoas), e sobre tudo me informei bem de todas as duvidas, assim de homens nossos praticos nas ditas partes, como dos proprios negros, colhendo delles noticias das cousas acontecidas nas mesmas. Tratarei pois brevemente das armas, trajes e costumes dos Negros, das suas guerras, dos seus juizos e de tudo o mais que nas ditas partes ha notavel; e nos Capitulos de cada Reino e Nação tratarei disto no melhor modo que ser possa, porque a minha tenção he tratar na verdade. Os que o lerem recebão de mim a vontade, e o desejo de melhor talento, para neste com melhor disposição dizer muito mais; mas o que disser, ainda que incomposto, será na verdade.

TRATADO BREVE
DOS
RIOS DE GUINÉ.

CAPITULO I.

Que trata dos Negros Jalofos, que são os primeiros e mais chegados a nós; e de seus costumes e trajes.

Os primeiros negros mais chegados a nós são os Jalofos, que começão do Rio de Sanagá, da banda do Sul delle; e este Rio os divide dos Alarves, que ficão da outra banda do Rio, da banda do Norte.

Vão correndo estes Jalofos pela banda do Sul do dito rio, por elle acima e pelo sertão, até confinarem com os Fulos Galalhos, chamados cá dos nossos, *Gugos*, havendo de dizer Galalhos, que he o seu verdadeiro nome. Esta terra toda he arenosa, de poucas arvores e agoas, que as não ha senão em poços altos.

Este Reino dos Jalofos era muito grande, e estava debaixo da obediencia de um Rei muito poderoso, o qual era entre esta nação como Imperador, e quando se fallava nelle se dizia o *Gran-Jalofo*. Tinha outros reis que lhe davão obediencia e pagavão tributos. Mas como o tempo costuma a desfazer a huns e levantar a outros, muitas vezes de nada, assim foi com este do Imperio dos Jalofos; que sendo muito grande, temido e obedecido, veio o tempo a fazêlo ser pequeno, e sujeito ao Rei do Galalho, que he o Gran-Fulo, a quem elle não temia, mas antes pelejava com elle muitas vezes e o vencia. Desfêz-se, ainda que não de todo, segundo o contão os antigos daquellas partes, desta maneira.

Sendo este Rei muito poderoso e senhor de muitas terras, mandou alguns capitães a governarem alguns lugares das suas terras e beiramares. Estes capitães e governadores erão escravos seus; entre os quaes vinha hum da casta dos Budumeis, que posto que fossem escravos do Rei erão de geração honrada. Este, que assim vinha governar por mandado do Rei, era altivo e de grandes espiritos; e vendo-se governador começou a imaginar que tambem podia ser Rei. Começou a pôr por obra sua imaginação, e soube se dar a tão boa manha que pouco a pouco se foi fazendo senhor dos mais lugares, assim do que elle governava com dos outros capitães, adquirindo com dadivas e promessas as vontades e amizades dos fidalgos e dos mais; e como a côrte onde estava o Rei era longe, (e ainda que o não fosse), não foi sabedor de nada senão a tempo que já não pôde remedear; porque este, como manhoso e sagaz, não deixou de lhe acudir com as dadivas e direitos reaes, e dessa maneira o segurou até ver tempo e occasião para effeituar o que tinha determinado; e tendo ja muita posse se levantou com o Reino, e o foi tomando por armas, vencendo o mesmo Rei em huma batalha que com elle teve; pelo que lhe foi necessario acolher-se á terra e reino do Gran-Fulo, e dalli tornou, mas nunca pôde cobrar o que era seu, e tiverão seus antepassados e elle ja tivera. Ficou nos fins do mesmo Reino, perto dos Fulos, emcurralado dos inimigos e sujeito ao Gran-Fulo, ao qual tomou por defensor; e devia ser parente deste o Rei Jalofo chamado *Bomaim Gilem*, que no tempo d'el Rei Dom Emmanuel da Gloriosa Memoria, veio a este reino dar obediencia ao dito rei, e pedir-lhe que mandasse fazer no seu reino fortaleza, e pôr feitoria, para se valer da ajuda dos nossos contra estes, que lhe tinhão usurpado o reino dos seus antepassados.

Fica hoje este reino do Gran-Jalofo por cima de Encalhor, que he coração daquelles Reinos dos Jalofos, e dá a obediencia ao Gran-Fulo; e quando entra algum no Reino por Rei lhe manda o Fulo o barrete, que he como coroa. Ficou o mais do reino sujeito ao Budumel e aos seus descendentes; o qual se fêz um grande rei, senhoreando muitas terras.

Era costume antigo entre os Jalofos de herdarem os filhos os reinos; o qual se desfêz, e não herdão agora senão sobrinhos, filhos de irmãs da parte da mãi; e segundo contão os antigos daquellas partes, nasceo isto de um rei deste imperio dos Jalofos, o qual veio a adoecer da lepra, e cobrir-

se todo della, de maneira que abhorrido daquella enfermidade tão contagiosa, não parecia entre os seus, nem delles era visto. Governava-se o reino por um irmão seu e pelos velhos da terra, os quaes são mui obedecidos de todas as nações dos negros e lhes dão sempre a mão. E estando o rei retrahido pela causa desta enfermidade, soube que d'ahi a poucas jornadas estava hum Caciz Jalofo, chamado naquellas partes *Bixirim*, vindo ali ter de pouco tempo, tido e havido por homem de boa vida, e que fazia mui ricas curas com hervas e outras cousas. Sabendo o rei isto o mandou chamar; o qual vindo diante delle, e (como estes *bixirins* fallão sempre pela boca do imigo do genero humano, o qual quer que sempre lhe sacrifiquem, e fação sacrificios derramando sangue humano,) vendo ao rei da maneira que estava, lhe disse, que não podia ser são, sem primeiro ser banhado no sangue de dous moços, filhos do mesmo rei; e que depois de ser feito isto, o curaria, e seria são. E como a saude he sempre desejada, e mais de hum rei que havia já annos que não governava nem era quasi visto dos seus; e como os daquellas partes costumão ter muitas molheres, e estas parem muitos filhos, quer sejão do rei quer não por seus são tidos e havidos; e como tinha muitos, pareceu-lhe facil mandar degolar a dous; e pois o remedio da sua saude, segundo lhe dizia o Caciz, estava em banhar-se no sangue dos filhos, determinou de mandar pôr isto por obra. Chamou a duas molheres suas principaes, as quaes lhe amostravão, segundo lhe parecia, mais amor que todas as outras, (e pode ser que por vezes lhe terião dito, que, se podesse ser, ellas tomarião aquella enfermidade, com tanto que tivesse elle saude), e chamando-as lhes disse o que lhe dissera o Caciz. Ellas ficárão perplexas e confusas; e estando assim, respondêrão ao rei que a sua saude era muito desejada, não dirião ellas, dellas que erão suas molheres, mas de todo o povo que o desejava, mas sendo a troco de dous filhos, que ainda podião ser reis daquelles reinos, era huma cousa muita rija em que se não podia fallar, porque quando ellas consentissem, pela obediencia e amor que lhe tinhão como molheres suas, o povo sabendo-o o não consentiria, e se levantaria contra elle, e entregaria o reino a seu irmão.

Vendo o rei a resposta destas molheres nas quaes tinha posta a esperança de sua saude, ficou muito enfadado, e por muitos dias não quiz ser visto senão do seu camareiro pequeno que o servia; e sabendo isto duas irmãs suas o fo-

rão visitar, e o reprehendêrão porque se não deixava ver, que seria causa de se acabar de consumir e gastar mais depressa a sua vida. Fez queixume ás irmãs do que havia passado com as molheres, e de como lhe não querião dar, e consentir que se degolassem dous filhos delle e dellas, para elle ser banhado no sangue delles para com isto ter remedio e ser curado. Disserão-lhe as irmãs que para elle ter saude, ellas e seus filhos se matassem, e offerecêrão cada huma seu filho; e como naquellas partes os filhos dos irmãos e irmãs são tidos por filhos dos irmãos, e não chamão aos tios senão pais, e os tios a elles filhos, acceitou o rei a promessa das irmãs, e como o Caciz não refusou o não serem seus filhos, forão degolados e elle banhado no sangue delles, e dahi por diante o foi curando e applicando lhe os remedios com hervas e outras cousas que o demonio lhe amostrava, de maneira que foi o rei são. E vendo-se são, considerando entre si de como as molheres lhe não quizerão dar os filhos para a sua saude, e que bem poderia ser não serem seus, chamou a côrte, e ajuntando-se os mais principaes do seu reino e alguns reis sujeitos a elle, examinando este caso, determinárão entre todos huma lei que he até hoje guardada nos mais reinos dos Jalofos Barbacins, e Mandingas; a qual foi esta: Que visto como os Reis tem muitas molheres e como bem póde ser não serem todos os filhos seus, e serem de outros pais, e que sendo assim herdarião os reinos alguns indevidamente, não lhes pertencendo, tirando a outros a quem de direito pertencesse, mandavão que dahi por diante não herdassem os reinos naquellas partes os filhos dos reis, senão seus sobrinhos, filhos de suas irmãs da parte da mãi, porque estas sabidamente erão suas irmãs e seus filhos seus sobrinhos, e não os filhos de suas molheres; porque bem claro mostrárão as suas irmãs que o sangue se não rogava, pois offerecêrão o sangue de seus filhos para a sua saude, que era o seu sangue proprio que o tornou a vir curar e sarar; porque se os filhos de suas molheres forão seus delle, não refusárão ellas a fazerem o que suas irmãs fizerão.

Ficou esta Sentença e Lei guardada naquellas partes, tirando na terra do Budumel, que é geração perseguidora dos *Jonaes* ou a geração do Gran-Jalofo, para os quaes foi o Budumel outro Herodes, porque lhe não ficou desta geração os que pôde haver á mão, não perdoando a idade, que não matasse. E até hoje não são seguros senão nesse pobre reino onde ficarão Jonaes, de que se appellida esta ge-

ração dos reis Jalofos verdadeiros; quer dizer naquella lingoa: *homens que não negão o que dizem*.

O Budumel, para desfazer tudo o que tinhão os Reis passados feito e leis de tantos annos guardadas, fèz em sua vida a um filho seu Rey, chamado Budumel. Esta era bixirim e não bebia vinho; folgava antes com a conversação e amizade dos bixirins e mouros que a dos nossos, e em seu tempo se foi perdendo o trato da mercancia na sua terra com os nossos. Residia na sua côrte de Lambaya, longe do mar; vinha muito poucas vezes aos lugares maritimos. Este teve hum filho, em sua vida chamado Amad Malique; e como entre elles não ha nome de principes senão de Reis, em sua vida o declarou por Rei de Encalhor, que he o coração do reino dos Jalofos, e nelle reside sempre; o qual depois da morte do pai, tendo um filho por nome *Chiláo* o declarou por Rei de Lambaya; ficando este governando o que governava seu avô *Budumel*, depois de fazer a seu pai rei de Encalhor; dividindo o reino em dùas provincias, ficando o pai, que he rei d'Encalhor, governando do Cabo Verde até o Porto da Cabaceira no Rio do Sanagá, que he o porto onde surgem os navios que vão ao resgate, porque da Cabaceira avante fica sendo do Rei Jalofo, a quem elles tomárão o reino. E alem deste beiramar tem muitas legoas o filho do Budumel pelo sertão até partir por sima pelo reino de Bala com o reino de Borçalo, do qual se tratará ao diante. O filho Chiláo ficou governando do Cabo Verde para julavento os portos beiramares até partir com o reino do Ale, e muitos legoas pelo sertão até partir com seu pai.

Estes Jalofos fallão a sua lingoa, e muitos entendem a dos Fulos, porque ha huma casta dos Fulos pretos mettidos entre estes Jalofos, chamados *Tacurores*; e alem disso confinão com os outros Fulos Galalhos, e são visinhos; e andão o mais do tempo juntos: e alguns destes Jalofos entendem a dos Mouros pela continuação de virem com cavallos a venderem a estes Jalofos, e andarem sempre muitos na côrte do Rei desta Terra.

Estes negros andão vestidos com humas roupetas a que elles chamão camisas, de panos d'algodão, pretos e brancos, da maneira que querem. As roupetas são degoladas dos mantéos, e as mangas chegão até os cotovelos, e as camisas compridas que ficão dando hum palmo por cima dos giolhos; e huma maneira de calções muito avelutados, estreitos e justos por baixo nas pernas, os quaes ficão dando por debaixo do

giolhos como os nossos; trazem as perras nuas, e nos pes huns alparcates de couro cru; e nas cabeças humas carapuças do mesmo pano d'algodão ao modo de diademas: os cabellos da cabeça trançados; espadas de 3 palmos e ½ sem guardas, com as empunhaduras chans, ao tiracolo, e facas de palmo e mais, largas, na cinta, em lugar de punhaes. São grandes homens de cavallo, bons cavalgadores, boa gente de guerra; e são os que usão a milicia bem disciplinada, nella costumados a soffrerem trabalhos; com muito pouco mantimento se sustentão; bebem muito pouca agoa, porque ha muitos negros deste sertão que em muitos dias a não bebem, e quando a bebem não ha de ser agoa pura, senão por muita necessidade; bebem-a misturada com leite azedo de vaccas, amassado o leite de maneira que fique tão ralo como a mesma agoa; e desta maneira a bebem; — ou deitando nella farinha de hum milho a que chamão *maçaroca*, mantimento de mais substancia que quantos ha em Guiné. He tão bom quasi como o trigo. E tem estes Jalofos por costume não beberem agoa senão misturada com huma cousa ou outra, em tanto que pedindo nós muitas vezes agoa no-la não davão senão misturada; e com grande trabalho se dá sem ella, porque se tem elles por afrontados dando-a pura e clara, e pelo uso de a beberem poucas vezes, soffrem muito a sede. São enxutos os mais delles, bem dispostos, de poucas carnes; embarbecem ja de muita idade.

Este reino Jalofo do Budumel he mui grande; senhorêa muitas terras, e assim como tomou o reino ao Gran-Jalofo, ficou com o mesmo apellido de Gran-Jalofo. He rei poderoso; tem muita gente de pé e de cavallo, e reis que lhe dão obediencia; he o rei mais poderoso daquella costa; e posto hoje tenha o seu reino dividido em duas partes, como já fica dito, governando seu filho Chiláo a metade delle, e elle a outra metade, he o reino tão grande em si que tudo soffre, e ambos representão uma cousa, porque o filho governa sua parte como principe, dando em tudo obediencia ao pai.

Os seus cavallos são mui domesticos, em tanto que podemos dizer que são mais domados por uso e razão que pelo freio; porque se hum negro destes diz ao seu cavallo que se deite, deita-se, — que se levante, levanta-se, — e que faça mesuras fa-las; deita-se o negro delle abaixo como hum passaro, sem ter a mão nelle, e botando-se a correr, vai o mesmo cavallo apos elle como hum cão; e desta maneira jamais nas guerras os perdem seus donos, salvo se os matão, porque estão quedos

sobre os senhores mortos. E desta maneira os tomão os imigos.

As armas que usão na guerra e na paz são as nomeadas, e alem dellas suas azagaias pequenas de humas farpas, e huma grande; nas brigas pelejando a cavallo, despedem-as tirando com ellas aos imigos, ficando sempre a maior com que escaramução, e não a largão da mão. Não usão arremeções nem lanças compridas, como usamos, por causa da terra ser coberta d'arvores, e elles fazerem suas guerras entre ellas. Usão d'outras armas de pouco custo, proveitosas para elles. Tem huns panos d'algodão compridos, os quaes torcem de maneira que fiquem bem torcidos, e estes panos cingem, começando das virilhas até aos peitos, muito juntos, e desta maneira armados lhes não passão as frechas nem azagaias. Trazem seus cavallos sellados e enfreados, como trazemos os nossos; as suas sellas muito bem guarnecidas com boas cubertas, que elles mesmos fazem. Tem somente os arções trazeiros e dianteiros derribados para tras, porque, por amor do arvoredo, nas brigas e escaramuças vão sempre baqueando por detras. São muito bons homens de cavallo. Ha negro que correndo mata o rasto do cavallo com sua adaga; outros que vão largando laranjas e as tornão depois a recolher; outros que correndo huma carreira direita, saltão por cima do pescoço do cavallo duas e tres vezes, tocando os estribos hum no outro. Ha entre elles desafio muitas vezes e apostas de escaramuçarem hum contra outro com aquellas suas azagaias grandes, a que chamão *talas*, sobre quem cortará o latigo da silha ao outro sem lhe ferir ou matar o cavallo, e ferindo ou matando, paga a valia delle e perde o preço posto.

Usão adargas, as quaes são de couros de bufaros, e de touros, e de elefantes, muito bem feitas e fortes, porque curtem muito bem os couros e os fazem brandos. Não são da feição das nossas; são redondas, e de bom tamanho. As embraçaduras ao modo de broquel; não as trazem mettidas no braço, como nós, senão apegadas na mão pelas embraçaduras.

A sua gente de pé usa as mesmas armas como os de cavallo. Trazem nas guerras, nos esquadrões e campos que formão, os adargueiros nas dianteiras e pelas alas, e os frecheiros mettidos entre elles: de maneira que ficão os adargueiros guardando-os. Usão tambem de frecheiros a cavallo, e são mui destros no frechar, e as despedem muitas vezes de duas em duas: e esta he a peor arma e a mais má que ha em

Guiné; porque são mui peçonhentas por serem hervadas, e escapão muito poucos dos que são feridos com ellas: salvo se os curar o mesmo imigo que o feriu; porque assim como fazem a peçonha para as suas armas, buscão o contrario a ella para se curarem, e os que não são curados dos mesmos correm grande risco; e muitos morrem logo, e alguns escapão porque os curão chupando-lhe as feridas com a boca, e destes poucos. E as pessoas que servem de curar aos feridos com a boca não hão de ter copula com molheres em mentes curarem o ferido, porque dizem que, tendo copula, logo arruinão as feridas pondo a boca nellas. Outros se curão da mesma maneira tendo aos feridos mettidos em fontes d'agoa, ou em charcos e vaza, por amor do grande fogo que causa a peçonha.

Na era de 66 me achei no reino de Borçaló de que trataremos: e foi o rei deste reino dar hum assalto na terra de outro rei seu visinho Jalofo, para me fazer pagamento do que me devia, e fêz boa preza; mas frecharão-lhe muitos cavallos; e eu os mandei curar com toucinho, e não morreo nenhum, e forão sãos em muitos poucos dias, de que foi o rei admirado e os seus. Verdade he que tambem açoutavão as mesmas feridas com hum cabo de seda de unicornio molhado na agoa.

Estes Jalofos do sertão são grandes criadores de gado vaccum e cabrum, e são dados a isso por confinarem com os Fulos, os quaes cingem aos Jalofos e as mais nações dos negros por cima; e o Gran-Fulo, que he o rei dos Fulos, tem muita gente de cavallo, e nas suas terras ha muitos cavallos, e destes se provem todos os Jalofos, Barbacins, e Mandingas, assim os do sertão com os beiramares; e pelos muitos cavallos que tem este Gran-Fulo e andão sempre na sua côrte, não está o Rei em hum lugar mais de 3 dias; e assim anda continuadamente no seu Reino, de lugar em lugar, por amor da palha, como pela agoa de que carece muito a sua terra e a dos Jalofos; e a dos Fulos mais, porque não ha nella fontes nadivas nem rios caudaes, senão poços de que se tira com muito trabalho, por serem muito altos.

He verdade que tem elles o Rio de Sanagá, que he caudal, mas não podem estar todos ao longo delle; o qual passão ás vezes pelo estreito delle, em humas embarcações que fazem estes Fulos, ao modo de jangadas, que entre elles he chamada *Taro*, nas quaes passão vinte cavallos, tantos e mais na mesma embarcação. E dão da outra banda do Rio (da banda do Norte)

nos mouros Alarves criadores, e fazem nelles prezas e no gado e em camellos. E chamão em toda a costa dos Jalofos a estes mouros Alarves, *Benores*, e são estes em quem os Fulos fazem as prezas — gente desprezivel e fraca.

E este Fulos são delles homens robustos bem dispostos, a cor amulatada, os cabellos corredios, e ainda que algum tanto crespos trazem as barbas crescidas. Usão na paz e na guerra as mesmas armas das que usão os Jalofos, e os mesmos vestidos. São mui guerreiros; fazem a guerra algumas vêzes aos Jalofos, e sahem alguns Irmãos do Gran-Fulo com muita gente das suas terras a favorecer a alguns reis seus amigos. Usão grandemente de gente frecheira de cavallo. Prezão-se de suas pessoas; fallão com vóz de papo como quem gagueja.

Tem o sal muita valia na terra destes, mais que outra mercadoria nenhuma; e o que lhes vai he por via dos Mandingas do Rio de Gambia, onde o fazem, e dos Jalofos do Sanagá. E o não pode comprar senão o Rei, ou Senhores das terras somente, nem o comem todos senão os grandes e suas molheres e filhos, e se dá a troco delle ouro, escravos, panos finos, e o mais que querem.

Entrão estes Fulos por toda aquella terra da costa dos Jalofos, Barbacins e Mandingas, com suas criações e gados; e no inverno se achegão á beira mar, e no verão se tornão a metter pelo sertão de vagar, trazendo o gado ao longo d'alguns charcos d'agoa e alagoas que faz o inverno; e muitos destes criadores andão ao longo destes dous formosos rios, o de Sanagá e o de Cantor, (que he o de Gambia), pascentando o gado ao longo delles; os quaes rios ambos procedem de uma madre, e se divide depois cada hum por sua parte, e se vem metter ambos no mar Oceano, 70 legoas afastados hum do outro, ficando o rosto do Cabo Verde terra firme, o qual está em 14 gráos e $\frac{2}{3}$ para a banda do Norte, no meio de ambos por igual medida. E fica toda a terra dos Jalofos, dos Barbacins e muita parte da dos Fulos e dos Mandingas (os que habitão o rio da banda do Norte) insulada. Os quaes rios nascendo ambos de uma madre são bem differentes um do outro; porque no Gambia são as invernadas mui grandes, e de grandes trovões, e cahem pedras de corisco, e he muito formoso, coberto de muitas arvores; e no Sanagá, pelo contrario, não chove nelle senão muito pouca agoa, e ha muito poucas arvores. He verdade que tambem tem no inverno suas venidas e crescentes, pela muita agoa que lhe chove no seu

nascimento; das quaes crescentes deo Nosso Senhor industria e saber a estes Fulos brutos, para usarem nas suas searas e lavouras, como usão os do Egypto com as crescentes do Rio Nilo; porque este tambem cresce, e depois de recolhido na sua madre, nos campos onde chegou a crescente, fazem as suas searas, as quaes com os vapores e humidades vem a fortificar e dar mantimento; e nisto não ha duvida.

Estes Fulos deste sertão, vendo a huns dos nossos, pasmão pelos verem brancos, sem embargo delles não serem negros.

CAPITULO II.

Dos mais costumes destes Jalofos.

Tornando aos Jalofos do reino do Budumel, porque assim se chama tomando o nome do rei: — He o maior rei dos Jalofos daquella costa, mais poderoso de gente, e maior senhor de terras, e sem embargo de ser poderoso foi algumas vezes vencido dos outros reis seus visinhos em algumas batallhas.

Esta terra he sadia mais que todo Guiné. Correm nella muito bons ares. Ha muito bons mantimentos, muitas gallinhas, vacas, cabras, lebres, coelhos, gazellas, huns animaes grandes como veados (e o são, mas não tem armadura da feição de veado com os esgalhos,) e elefantes, leões, onças, e outros muitos animaes; gallinhas pintadas e outras aves como perdizes a que chamão *chocas*. Nos rios andão garças reaes, pelicanos, patos, marrecas e outras aves marinhas; mantimentos — arroz, milho maçaroca, outro milho a que chamão branco, e gergilim; ha muita manteiga e leite e mel que se tira pelas tocas das arvores. Em toda esta costa, terra dos Jalofos até os Mandingas, ha muito boa roupa d'algodão, panos pretos e brancos, e de outras muitas maneiras de preço, — e os tintos são tão finos que cegão aos que os veem, os quaes se tirão para os outros rios aonde os não ha.

A tinta com que se tinge esta roupa, he a mesma com que se faz o verdadeiro anil na nossa India Oriental, mas estes negros o fazem por differente maneira, e não em taboletas. Recolhem as folhas destas arvoresinhas, que são pequenas, de altura até 4 palmos, e hão de recolher estas folhas antes destas arvoresinhas darem as sementes, que se dão em humas baguinhas pequenas; e recohidas as folhas as pizão muito

bem, e depois de pisadas fazem huns pelouros tamanhos como de hum falcão pedreiro ; e hão de entender que não recolhem muita quantidade destas folhas e fazem montes dellas para depois d'ahi a alguns dias fazerem estes pelouros; — não se faz assim. Recolhe-se somente aquella quantidade que se ha de fazer naquelle dia, porque tanto que seccão as folhas não prestão mais para isto: e daquelles pelouros feitos fazem a tinta com que tingem os seus panos, os quaes, como fica dito, são mui formosos e tão tintos que ficão parecendo setins.

Nos mais reinos dos Jalofos, Mandingas e Barbacins, não podem herdar os reinos os filhos, senão os sobrinhos filhos de suas irmãs, pela sentença dada pelo Gran-Jalofo, como atraz se tratou; o que succede no reino herda a casa do tio e as molheres.

Estes Jalofos e Mandingas não comem carne de porco, e alguns não bebem do nosso vinho, principalmente os Cacizes, que são os Bixirins, dos quaes ha em muita abundancia nestas partes, e mettem em cabeça aos outros muitas cousas, e dizem muitas mentiras. Ha alguns Bixirins destes, que contão os mezes como nós contamos, nos quaes tem o povo grande devoção e dão muito credito ao que elles dizem: e fazem muitas nominas que dão aos do povo, nas quaes tem muita confiança e esperança. Ha outros negros entre elles que servem de advinhadores, a que chamão *Jabacouces*. Estes, quando adoece algum, o vão a visitar como medico, mas não tomão o pulso aos enfermos nem lhes applicão mezinhas nenhumas; somente dizem que as feiticeiras e feiticeiros fizerão mal áquelle enfermo, não lhes parecendo que as pessoas morrem quando a hora he chegada e Deos servido, senão que os feiticeiros as comem; e fazem sobre isto muita diligencia. Há tambem negros hervorarios que fazem com hervas mui altissimas curas, curando a leprosos e outras enfermidades graves.

Tem este reino do Budumel muitos portos do mar, afora os do Rio de Sanagá, e começando delle, correndo pela costa até o Sereno, dos principaes he a Angra de Biziguiche, que he huma bahia muito formosa, morada continua dos Inglezes, e Francezes, onde podem estar muitas náos sem perigo do tempo por ser abrigada dos ventos; e a mesma Angra tem hum ilheo que a abriga dos ventos, e entre ella e a terra firme fica canal mui grande onde podem invernar as náos: e entre este ilheo e a terra fugirão ja algumas vezes os Francezes ás nossas galeotas.

Neste ilheo se podia fazer hum porto muito bom e com pou-

co custo, porque da banda da terra fica o mesmo ilheo amurado com a rocha que a mesma natureza fêz, e pelo lado do mar com pouco custo fica fortificado, e sendo fortificado defendia as náos dos imigos terem porto, e com bargantins (que são embarcações de pouco custo) defendião aos lançados darem carga e despacho como hoje dão aos imigos. Serve este ilheo aos Inglezes e Francezes de ribeira, onde concertão as suas náos e embarcações; e he garganta por onde passão os mais dos navios dos imigos, assim os que passão á Serra Leôa como á Costa da Malagueta, ao Brazil, e ás Indias de Castella; — todos tomão esta Angra, e nella espalmão os seus navios e os concertão, e habitão nella, e a tem por sua, como se fôra huma das abras de Inglaterra ou de França; em tanto que os negros destes portos do mar desta costa fallão muito bem Francêz, e forão muitos a França muitas vezes, e agora, depois de terem amizade com os Inglezes, fôrão já a Inglaterra aprender a lingua Ingleza e ver a terra, por mandado do Alcaide do porto d'Ale que serve de veador da fazenda d'el Rei.

Está esta angra quasi na ponta do Cabo Verde, entre elle e o Cabo dos Mastros, mais chegado ao Cabo Verde. Antigamente o maior trato que tinhão os moradores da Ilha de Santiago era para esta terra do Budumel, no tempo que nella reinava hum rei chamado *Nhogor*, muito amigo dos nossos, no tempo do qual houve tamanha fome naquella costa causada dos gafanhotos, que se vendião os escravos por meio alqueire de milho ou feijão, e tiravão as mãis os filhos de si, e os vendião a troco de mantimentos, dizendo que mais valia viverem, ainda que cativos, que não morrerem á pura fome. E da Ilha do Cabo Verde hião todos os annos carregados de cavallos e de outras mercadorias a este resgate. Succedeu neste reino o Rei chamado Budumel Bixirim, o qual não bebia vinho nem comia carne de porco. Este residia continuo na sua côrte de Lambaya, longe do mar, e fazia máos pagamentos aos nossos, e recolhia nos seus portos os Francezes, e folgava com elles; e por essa causa deixárão os moradores da ilha este resgate, o qual está occupada hoje mais de Inglezes que de Francezes, por serem mais poderosos e botarem do resgate os Francezes; aos quaes, huns e outros, dão despacho muitos Portuguezes nossos, e alguns estrangeiros, que estão de assente no porto de Joala, terra dos Barbacins, do Reino do Ale-Embiçane. E estes Portuguezes são os que dão despacho aos Inglezes e Francezes, adquirindo-lhes os despachos de rio em rio, e muitas legoas pelo

sertão. E todos os annos tirão os Inglezes e Francezes muita somma de couros vaccuns e de bufaros e gazelões, e outros animaes chamados no Rio de Gambia, *Dacoy*; o qual dizem que he a verdadeira anta; e assim muito marfim, cera, gomma, amber, algalcai e ouro, e outras cousas; tratando com ferro e outras mercadorias que trazem de Inglaterra e França; e andão estes nossos Portuguezes lançados muito mimosos destes imigos. E o dia de elles receberem as pagas e entregarem as suas mercadorias, lhes dão os Inglezes em terra banquetes, com muita musica de violas d'arco e outros instrumentos musicos; e por esta causa estão estes regates de toda esta costa do Cabo Verde até ao Rio de Gambia perdidos. E não tratão nelles senão estes lançados com os imigos, os quaes tem companhias no Rio de S. Domingos e no Rio Grande com os que nelles habitão, para onde mandão o ferro e o mais que hão, e delles lhes vem os despachos para despacharem aos imigos; e se não forão estes Portuguezes lançados, não tiverão estas duas nações tanto trato em Guiné nem commercio como tem hoje, porque o gentio não tem habilidade para lhes dar tão largos despachos; pois havendo-os da mão delles não erão importantes por não navegarem nem trazerem as mercadorias do sertão senão de muito perto, por onde não podião dar senão muito pouco despacho. Hoje atravessão estes Portuguezes lançados todos os rios e terras dos negros, adquirindo tudo o que achão nellas para estas náos de seus amigos, em tanto que ha homem nosso que se metteo pelo sertão até o Reino do Gran-Fulo, que são muitas legoas, e delle manda muito marfim ao rio do Sanagá, onde o mandão tomar as náos que estão na Angra pelos seus pataxos. Este lançado Portuguez se foi ao Reino do Gran-Fulo por ordem do Duque de Casão, que he hum negro poderoso que habita neste porto pelo rio de Gambia acima 60 legoas do mar. Este o mandou por sua ordem com gente sua, e na corte do Gran-Fulo se casou com huma filha sua, da qual teve huma filha, e, querendo se tornar para os portos do mar lhe deu o sogro licença que a trouxesse comsigo, e chama-se João Ferreira, natural do Crato, da nação, — e chamado pelos negros o *Ganagoga*, que quer dizer na lingoa dos *Beafares*, homem que falla todas as lingoas, como de feito falla a dos Negros, e póde este homem atravessar todo o sertão do nosso Guiné de quaesquer negros que seja. E com estas ajudas dos lançados vão accrescentando neste trato de Guiné os imigos, e se vai de todo acabando o que com elles tinhamos.

O Rei que succedeu ao Budumel por sua morte he seu filho chamado Amad-Malique, o qual reside em Encalhor, coração daquelle Reino. He tão máo como seu pai, porque he Bixirim; não bebe vinho nem come carne de porco, e faz salas como os mouros, e por isso se metteo tanto pelo sertão, para estar lá mais perto daquelles Bixirins e Mouros. O filho Chiláo que ficou governando os portos do mar, pelas vistas que tem dos nossos, he mais amigo delles do que he seu pai e foi seu avô.

As mercadorias que levão os nossos a estas partes são cavallos, vinhos, bretanhas, contaria da India chamada da femea (que he do tamanho e feição dos bagos de romã) limpa e boa, e o cano de pata, que he a mesma contaria comprida, outra da mesma contaria redonda, do tamanho de huma avelã e maior. Toda esta contaria he estimada entre elles e he o thesouro e joias que elles tem. Valem tambem reales de dous, os quaes chamão tostões, e os desfazem para fazerem aneis e cadeias de prata. Estimão tambem o ouro; comprão algumas peças feitas, vinta-quatreno vermelho, gran, margarideta, continha de Veneza, papel, coral meudo, e bozio meudo, o qual corre como dinheiro para gastos. Nesta costa se acha muito amber, e o rei do sertão della tem muita quantidade delle, porque de todo o que achão os negros lhe dão sua parte, e tem tanta quantidade, que tem dentro nos seus paços hum modo de casa de barro, como forno de cozer pão, e o tem cheio delle e em muita estima, dizendo que he cousa que val muito entre nós.

Estes Jalofos habitão juntos em aldeias, em casas palhaças redondas, cobertas por cima de palha e pelas ilhargas. E em cada aldeia ha hum maior a que dão obediencia posto pelo rei, chamado por elles *Jagodim*, que quer dizer naquella lingoa, *Capitão*. Comem a carne mal assada de maneira que esteja correndo o sangue, e a cosida cosem-a bem, e assim o pescado, que ha muito bom por toda aquella costa. E os que não tem commercio comnosco comem çujamente, porque muitas vezes cosem as aves chamuscadas, com as tripas e pés sem as depenarem, e os meudos das rezes com a bosta; em tanto, que estando hum Rei comendo com hum capitão nosso seu amigo, mandou o Rei vir por festa uma coalheira cosida, a qual trazia dentro o recheio; e, tendo o capitão asco, deitava fora a bosta: disse-lhe o Rei, que era parvo no que fazia, que aquillo não era nada, que era herva. Folgão de comerem os comeres feitos ao nosso modo; e costumão os nos-

sos, quando os vão visitar, levarem os comeres feitos ao nosso modo, os quaes folgão os reis e fidalgos de comerem. E ha muitos delles que, quando os vamos visitar, mandão dar alguns capões ou carne aos nossos moços para que o fação e cosão ao nosso modo, dizendo que as suas escravas não sabem fazer de comer ao nosso modo. Alguns reis ha que tem escravas boas cosinheiras, que cosinhão e fazem muito bem de comer; mas pela maior parte comem os negros çujamente, e folgão de comer o pescado o mais delle depois de podre, e a carne com bichos; e assim a cosem e comem com os mesmos bichos.

CAPITULO III.

Que trata do Reino do Ale-em-biçane, Barbacim, que confina com estes Jalofos, e dos seus costumes nos quaes são conformes.

Fica no beira mar destes Jalofos huma casta de negros a que chamão Barbacins, e são gentios, e não tem seita nenhuma de mouro. São grandes guerreiros, boa gente de cavallo e de pé. O reino destes fica cingido por cima dos Jalofos, mas são tão bellicosos que pelejão muitas vezes com os Jalofos, e hão delles victoria.

Este reino dos Barbacins está repartido em dous reinos; hum chamado o reino de Ale, de que vamos tratando, o qual fica partindo da banda do mar e da banda do Norte com o do Budumel, correndo beiramar a costa até o porto de Joala, que he onde residem hoje os lançados em huma aldeia que ali está povoada de negros, na qual residem tambem os nossos debaixo da protecção e guarda do Alcaide que o Rei ali tem posto; terra sadia, e segura, aonde acodem muitos mantimentos da propria terra; ao longo da qual aldeia entra hum braço de rio pequeno que a vai cingindo por detrás, onde recolhem algumas vezes os lançados as suas embarcações de lanchas que tem para os seus tratos, por temor das nossas galeotas quando lá andão, ou d'alguns visinhos da ilha. E no mesmo rio podem entrar com agoas vivas algumas embarcações de até sessenta moios de carga.

D'ali para o Sul vai correndo ainda esta costa até dar na entrada de hum rio que ali ha chamado o dos Barbacins,

que entra pela terra a dentro como 25 ou 30 legoas, fazendo por dentro de si algumas pernadas. Ao norte deste rio vai correndo o reino deste rei de que se trata, que he hum reino pequeno, de poucas terras, mas tão bellicoso em guerras que he tido entre os outros por hum dos da fama. Causa isto, alem delle ser muito bom capitão e animoso, o ter as suas terras muito cobertas de mato e bosque serrado, no qual se mette e delle offende aos imigos. O seu conselho de guerra jamais se descobre nem se sabe; porque quando a determina fazer, toma primeiro conselho com os seus para isso deputados, e se mette com elles no bosque que está apegado aos seus paços, e ali fazem huma cova de altura de 3 palmos redonda, e todos os do conselho se poem á roda della com as cabeças baixas olhando nella. Ali praticão todos sobre se farão guerra ou não, e depois de tudo bem examinado, e a determinação do que hão de fazer tomada, tornão a cobrir a cova, e diz o Rei: " A terra não ha de descobrir isto, porque fica enterrado nella. " Hão os do conselho tamanho medo de descobrir o que alli passão que jamais se sabe; e desta maneira nunca commetteo cousa que não sahisse bem nella, sendo hum rei de pouca posse, que quando muito não terá 40 legoas de terra.

Ao reino deste sohião ir muitas armações dos moradores do Cabo Verde com cavallos, levando as mesmas mercadorias que atraz fica dito que se levavão á terra dos Jalofos, porque as mesmas se trazem a esta dos Barbacins, que tirando fallar differente lingoa dos Jalofos, (posto que se entendão huns aos outros, sabendo as lingoas huns dos outros pela visinhança das terras e conhecimento que huns tem com os outros) no mais não ha differença nos vestidos nem nas armas.

Nesta nação não ha *bixirins*; ha outros advinhadores a que elles chamão *Jabacouces*, os quaes não escrevem. Habitão em casas palhaças da maneira dos Jalofos, e comem os comeres da mesma maneira. E todos os negros de Guiné comem de noute ás escuras sem luz e ainda que seja de dia folgão de comer onde os não vejão comer.

Nesta terra ha a mesma tinta de que se faz o verdadeiro anil, mas fazem-a em toda esta costa em pelouros, amaçado o mesmo bagaço. Tingem como os Jalofos. Ha algodão da propria terra, mas não ha muita roupa como nos Jalofos e outros reinos visinhos deste. Ha muita caça de todos os animaes, como atraz ficão nomeados e se disse. Ha mantimentos de milho, arroz, feijões mais que arroz pela terra ser fraca

e não ser apaulada; usão vinho de milho que he como cerveja, e outro vinho que fazem de hum fructo chamado *sâobirão*, o qual tambem embebeda; e o vinho he em si branco, e o fructo he como ameixas, mas maiores na grandeza. E deste vinho fazem tambem arrobe bom, ainda que não tão bom como o nosso. Tirão outro vinho das palmeiras que he branco; doce quando logo se tira, tardando alguns dias se faz muito azedo.

Estes Gentios Barbacins não deixão de terem muitos ritos; fazem reverencia á Lua quando he nova; tem humas arvores grandes que elles tem por templos, e as cayão com farinha de arroz e com sangue dos animaes que matão e sacrificão a estas arvores ou alguns páos que elles fincão no chão levantados para cima para esse effeito.

Fica o reinado deste rei correndo pelo rio acima da banda do Norte, onde tem alguns portos e onde ha poços d'agoa e aldeias perto; como he o Porto da *Palmeirinha*, o de *Gomar*, o de *Guindim* que he o derradeiro deste Rei, e fica perto da sua corte que se chama *Jagão*, que he o mais forte do seu reino. Este Rei fazia muito bom pagamento aos nossos, que deixarão hoje este resgate por causa dos Inglezes, e habitarem na terra desto os lançados que adquirem os despachos aos imigos.

CAPITULO IV.

Que trata do Reino de Borçalo, que são Jalofos e Barbatins; e do mais que nelle ha.

Entrando pela barra do rio chamado Barbacim, começa da banda do Sul delle ir correndo a terra do Rei de Borçalo, habitada de gente Barbacim, os quaes ficão na entrada daquella barra como insulados, por causa d'outro rio que entra ao Sul deste, entre elle e o rio de Gambia, chamado o de Lagos, que insulando a terra torna a vir-se metter na madre do Rio dos Barbacins. E fica esta gente como bravia e dão mal obediencia ao rei. Logo alem destes entra outro Rei da mesma nação, o qual dá obediencia ao de Borçalo, e acode a sua corte em certos tempos do anno; nos quaes fazem humas festas grandes entre elles chamadas *Tabasquios*, e tem obrigação de lhe acodir com gente e ajuda-lo nas guerras. Se-

nhorêa este Rei de Borçalo da banda do Rio de Gambia como 40 legoas ou mais, pelo sertão dos mesmos Mandingas muitas legoas, e por cima fica cingindo o Reino do Ale, de que já tratamos, até partir com o Reino do Gran-Jalofo. He senhor de grande reino; tem 3 nações de gente que lhe dão obediencia, a saber Barbacins, Jalofos, e Mandingas, e os governa por muito boa ordem por dous Capitães-Generaes chamados entre elles *Jagarafes*. Hum destes governa na paz e guerra aos Barbacins, e o outro aos Jalofos e Mandingas; e estes tem debaixo de seu senhorio muitos governadores, repartidos por todo o Reino, nos lugares, onde vivem em aldeias mui formosas, aos quaes chamão *Jagodins*, que servem de capitães e governadores dos taes lugares, e estes dão conta aos seus maiores de todo o que passa e entra nas suas terras; estes maiores o dão ao Rei, e por esta ordem e maneira sabe o rei tudo o que passa no seu reino, e quanta gente tem de guerra. E não ha mister mais para ajunta-la que dar palavra a estes capitães-generaes do que hão de fazer, e elles a passão logo pela posta aos outros governadores, e não perdem ponto do dia que cada hum ha de acodir com a sua gente e onde; e desta maneira com muito pouco trabalho ajunta muita gente, assim de pé como de cavallo, porque ha muitos cavallos nesta terra vindos por ordem dos Fulos e dos Mouros.

Usão estes os mesmos vestidos e as mesmas armas, assim na guerra como na paz; e he a mais segura terra que ha naquella costa para os nossos que nenhuma outra de Guiné. Prezão-se muito os Reis della de dizerem, que tem este nome entre elles que he chamado pelos do povo *Pai dos brancos*, aos quaes ninguem agrava nem anoja na sua terra; em tanto que estando para morrer hum rei deste reino chamado *Lagatir-balhana*, grande amigo dos nossos, e grande capitão e guerreiro, sabendo que havia de morrer d'aquella enfermidade, vendo signaes disso, mandou chamar a hum primo seu que lhe succedia no Reino por sua morte, e vindo diante delle lhe disse estas palavras: " Bem sei que hei de morrer desta enfermidade, e nisto não ha duvida; cabe-te por direito o reino; daqui digo que t'o entrego em paz; dou-te hum aviso e alem disso te rogo muito que trates muito bem aos meus brancos, como sempre os tratei e os reis deste reino; e a mesma obrigação tens, pois has de ser rei, como nós tivemos, porque são filhos de Deos, e não fazem mal. Olha que se não fizeres como te digo que me será necessario tornar cá outra vêz a tomar-te disso conta." Morreu o rei daquella

enfermidade; succedeu o outro a quem elle tinha entregue os nossos, e ainda hoje vive. Com receios de lhe parecer que ha o rei morto de tornar, ou por a constellação dos Reis daquelle reino tratarem bem aos nossos, este os trata melhor ainda do que os tratava o morto.

Entre estes desta Nação, como os mais de que tratamos, ha juizos, os quaes são determinados pelos reis com os velhos que são como desembargadores, ou pelos governadores dos lugares, assistindo sempre com elles os homens antigos e velhos. Poem as partes as suas acções, os outros as contrarião; dão logo as provas, e se determinão entre elles. Quando o caso he duvidoso, e não ha testemunhas, usão de dous juramentos horrendos, e o tomão autor e reo. A hum chamão do ferro, e o outro o da agoa. Tenho os ambos por mui difficultosos. O do ferro toma-se por esta maneira. Trazem ali hum ferreiro ou o vão tomar a sua casa, e este poem hum pedaço de ferro ao fogo, e tange os foles até que se faça o ferro tão vermelho como huma braza. Diz a parte que ha de tomar o juramento: " Deos sabe a verdade; se eu fiz tal cousa ou tal, que se me empoem, este ferro me queime, e a minha lingoa que jamais falle." Acabante de dizer estas palavras, mette-lhe o ferreiro com huma tenaz o ferro na mão, lançando de si mil faiscas, e a parte que disse as palavras toma a tenaz com a mão, e com a lingoa lambe aquelle ferro vermelho tres vezes, e, ficando livre, elle e seus padrinhos escaramução, e hão a sentença por si. E não ousando de tomar este juramento ficão condemnados. No da agoa poem-se huma panella grande cheia d'agoa no fogo pela manhã, e tanto que começa a ferver, que está aquella agoa pulando e saltando para cima, botão lhe dentro huma agulha ou huma pedrinha que vá ao fundo. A parte que ha de tomar o juramento lava as mãos com agoa fria, e diz outras palavras semelhantes ás de cima, e mette a mão, e tira a agulha tres vezes, e saindo livre sem se queimar tem o juizo por si, e queimando-se ficão condemnados, e pagão ao vencedor; e muitos casos ha por onde ficão escravos e toda a geração.

Os escravos que hão e vendem cativão em guerras, e outros sentenceados em juizos. Estranhão mais que todos os casos os feiticeiros; a estes vendem e toda a geração sem ficar até a quarta; e a alguns mandão arrancar os olhos, e deitar outros a leões e onças.

Costumão os homens em todo Guiné darem o casamento; e as molheres não trazerem nada. Quem quer casar dá

ao pai da molher, (ou a seu tio, não tendo pai), peças de escravos e vacas e outras cousas que se tem por dinheiro entre elles. Segundo a qualidade das pessoas assim dão os dotes; e quando querem que haja divorcio torna o pai a dar o que lhe dérão, e fica sua filha livre para poder fazer de si o que quizer. Não tem limitação os negros de quantas molheres hão de ter; tem-as segundo sua possibilidade e dote que tem para dar aos pais.

Ha em toda esta terra dos Jalofos, Barbacins, e Mandingas, huma nação de negros tida e havida entre elles por Judeus. Não sei donde procedêrão. He gente formosa, principalmente as molheres. Os homens são abastados de narizes. Importunos no pedir, andão de reino em reino com suas molheres, como cá os siganos. Servem todos os officios mecanicos que se usão entre elles; a saber: tecelões, sapateiros, ferreiros. Servem de atambores para as suas guerras, cantando e animando os que pelejão, trazendo-lhes á memoria os feitos dos seus antepassados; e com isto os fazem morrerem ou vencerem. Na guerra tangem tres maneiras de caixas; humas como as nossas; outras mais pequenas, as quaes levão debaixo do braço, tangendo a cavallo; outras de huma só peça, de sete palmos de comprido; e por estes instrumentos dão aviso do que querem, fazendo signal de guerra ou fogo, e nos atambores entendem e sabem de que reis e capitães são.

Usão tambem estes Judeus de humas violas de cordas e outras ao modo de harpa. Huma lei usão os desta terra, que he esta: Nenhum Judeu não póde entrar em casa de outro que o não seja; nem comem nem bebem por onde os outros bebem; e tendo copula com outra que não seja da sua geração, os vendem ou matão a ambos. Estando eu hum dia na côrte deste rei dentro nos seus paços, tinha elle hum Judeu muito seu privado que fóra da pouzada lhe dizia o que queria, e zombava com elle. Este Judeu se pôz ao longo dos paços, e como pela lei não podia entrar dentro, de fóra gritou dando muitos brados; e cançado de gritar, vendo que lhe não respondia, e, somente zombando, alguns delles lhe dizião que entrasse dentro, de enfado disse estas palavras: "Forte geração foi a minha! Não me fizéra Deus antes rato, ou cão, e não Judeu! Entrão os ratos e os cães em casa d'el-Rei e eu não posso entrar!" Sobre isto disse muitas lastimas, e de cansado se foi.

Estes Judeus quando morrem não os enterrão em terra

como os outros senão em tocas d'arvores; não as havendo dependurão-os em arvores, porque tem por erronea os outros negros, que, enterrando-os no chão, não choverá nem haverá novidade aquelle anno na terra. E tem os por huma geração maldita.

Os mais negros desta Costa enterrão-se por esta maneira. Tem seus cemiterios ao longo das aldeias onde morão, e quando morrem não os enterrão em terra como nós fazemos: fazem huma casa alta e ali dentro ordenão huma barra, e nella fazem huma cama em que deitão o morto coberto com seus panos brancos e pretos; e serrada a porta botão sobre a casa com pás muita terra. E nas covas dos Reis se poem 5 ou 6 casas daquellas, postas humas sobre as outras, botando terra da primeira até á derradeira; e desta maneira fazem huns montes muito altos de terra. E quando morrem não fazem mais que abrir as portas e deita-los naquellas camas. Offerecem a seus defuntos em potes, ao longo daquellas covas, vinho e leite e outros mantimentos; os quaes comem as aves e os bichos. E mette-se em cabeça a estes pobres, que os mortos comem aquillo que lhes offerecem, e quando passão ao longo dos cemiterios saudão aos defuntos, pondo se de giolhos, fallando algumas palavras. O dó que elles trazem he raparem as cabeças, e não criarem cabellos em mentes dura o nojo. Os choros durão muitos dias; ajuntão muitos mantimentos; muita carne e vinho, — e os que hão de vir ao choro trazem tambem de comer. Juntos, huma velha ou velho começa em vóz alta a louvar os feitos do defunto, e nos fins dão todos juntos grandes hurros com vózes mal formadas. Dura isto por espaço d'alguns dias em mentes dura o mantimento. Todo aquelle anno está a cova do defunto por quem se fêz o funeral coberta com hum pano branco, e no cabo do anno torna a haver outra junta de mantimentos. Tornão a renovar o choro, mas dura poucos dias, e no cabo delles fazem grandes festas de bailes ao som de seus atambores e atabales: chamão a isto, tirar o dó.

As molheres andão vestidas de huns panos pretos muito finos, e os cabelos trançados de maneira que ficão altos, como usão as nossas no toucar. Trazem ao pescoço ramaes de contas da nossa India que he o seu ouro, e cano de prata brandil, que se tem naquellas partes por thesouro e riqueza. Trazem por cima da cabeça huns panos pretos que lhes ficão servindo de mantos. Andão com hum passo e meneio muito quieto, principalmente as Rainhas. Tem por costume

encontrando-se duas pessoas fallar hum ao outro; os homens descarapuçando-se, e depois desta cortezia feita, o mais velho beija primeiro a mão ao mais moço; depois lh'a beija o moço. As molheres poem-se de giolhos, beijando a mão a mais velha á mais moça. Aos reis falla-se desta maneira: fazem tres continencias, a primeira inclinando a cabeça tendo-a descoberta, — e se he escravo do rei bota a roupeta fóra e fica nu da cintura para cima, e não podem estar diante delle os escravos senão nus da maneira dita. E ha muitos destes que são capitães e governadores de lugares muito grandes. Nesta segunda continencia largão as armas, e na terceira se debrução de todo no chão, botando terra por cima da cabeça, e se a não deitão por cima da cabeça botão-a por huma ilharga ao longo della; e assim fazem todos. Os que costumão andar na côrte, e parecer todos os dias diante do rei, não se debrução como os que vem de fóra; todavia poem-se de giolhos diante delle com elles ambos em terra, e tocão as mãos na terra e as poem na cabeça, que he signal de obediencia.

Estes reis comem diante de sua gente. Este deste reino de que vamos tratando, costumava mandar fazer de comer muito bem feito á nossa guiza por cozinheiras que para isto tem. Estando na sua sala o comer, que he costume trazerem-lhe suas molheres, comia ali com os fidalgos, mettendo a mão huma vêz ou duas por comprimento. Passando isso se recolhia dentro em outra camara, e ali lhe estendião huma esteira com huma alcatifa por cima e toalhas de meza, e lhe trazião de comer; e antes de comer mandava entrar os nossos que ficavão na sala, e comia com elles assentados, mas por mão. E isto usárão sempre os Reis deste Reino de Borçalo, e assim o de Ale.

Todos estes reis tem alcaides, que são os que cobrão dos nossos as dadivas, e comprão as cousas que são necessarias aos reis. Tem capitães-generaes, como já se disse, a que chamão *Jagarafes*, e aos capitães dos lugares *Jagodins;* aos veadores da fazenda chamão *Farbas*, e aos estribeiros-mores *Bigéos*, e aos moços da camara *Buquinegues*. Quando sai o rei algumas vêzes fóra vai mui accompanhado de muita gente de cavallo, e costumão ir sempre correndo até o lugar para onde vão.

Ha alguns fructos silvestres, como *sãobirão*, de que fazem o vinho, e ha maçans *******. E ha outra fructa que he do tamanho de huma camoeza grande, de côr parda, cha-

mada *tambacumba*. Tem mui bom cheiro mas ruim saber, porque trava; e os caroços desta lhes servem d'amendoas: porque os quebrão e tirão o miolo de dentro que he bom. Ha tambarinda e cana-fistula boa, mas tem os negros por erronea comerem della; porque dizem que quem comer della que lhe morrerá sua mãi. Usão das raizes das cana-fistuleiras para as enfermidades da barriga. Ha farrobas e humas arvores grandes, as quaes dão humas cabaças cheias por dentro de huma farinha muito alva, a qual tem em si pontazedo; e os caroços destas cabaças são pretos: o páo desta arvore he molle. Ha outras arvores muito grandes e altas a que chamão *polões;* não dão fructa nenhuma; dão humas cabaças pequenas compridas cheias d'algodão por dentro, o qual tem a cor de seda. He em si brando este algodão, e misturado com verdadeiro algodão, fiando-se, fazem huns panos como rajados que parecem de seda. Estas arvores são molles. Dellas fazem os negros suas embarcações, a que chamão almadias, em que se embarcão mais de 100 pessoas de guerra, e attravessão de hum rio ao outro pela costa, levando velas mettidas. Nesta terra as não fazem tamanhas como no rio de Gambia e no Rio Grande e os Bijagós, porque os Jalofos nem Barbacins não fazem guerra por mar.

Estes negros se circuncidão de idade de 15 annos e mais, porque sem o serem não podem casar nem ter copula com molheres, e por este respeito se circuncidão. E quando estão circuncidados, antes de serem sãos, não os vê ninguem senão o cirurgião que serve de fazer aquelle officio. Estão mettidos em hum bosque perto do lugar onde morão, e ali lhe levão moças donzellas de comer, as quaes os não veem, pondo o comer que levão em certo lugar, e elles o vem ali tomar. E se alguma pessoa por desastre vai dar onde elles estão, corre grande risco porque elles lhe dão muitas pancadas; de maneira que algumas vezes morrem dellas. Depois de sãos se saem, e podem casar e ter molheres e exercitar as armas. As molheres usão de outra cousa, que tambem se dirá; que he alem de consentirem que lhe cortem as carnes para lhe fazerem lavores pelo corpo ou pelo rosto, tambem tem muitas por galanteria terem os beiços grandes, e para isso os picão com humas espinhas muito agudas, os debaixo principalmente. E fazem isto sendo donzellas, as quaes tambem se emboscão no mato em mentes não estão de todo sans, e trazem nos beiços humas estaquinhas de páo, que apartão os beiços, para os derribar para baixo. E as Barbacins usão

isto mais que as Jalofas. E quando picão os beiços os untão com manteiga crua, misturada com pós de carvão, para os fazerem pretos.

Estes Jalofos e Mandingas em parte parece que usão da seita de Mafamede, porque os seus Bixirins, que são os religiosos, fazem *salas* como os mouros. Não comem carne de porco; mas vindo huns e outros a terra de christãos não duvidão a receber o bautismo, mas antes o pedem e ficão muito bons christãos. E alguns se vem por suas vontades das suas terras para as nossas a receberem o bautismo, e por falta de quem nas taes partes pregue a palavra de Deus não temos nellas muitos christãos. Usão os negros desta nação a jurarem muitas vezes; quando jurão, jurando "por vida d'el Rei", ou "assim veja a el Rei"; e quando bocejão ou espirrão nomeão o nome do Rei que então governa. Ha hum juramento entre elles que se tem por muito grande, e não pode jurar por elle senão o Rei e fidalgos; e os plebeos não. E chama-se: *Socano camate;* e jurando algum plebeo este juramento por tal caso o cativão e vendem. Ordenão estes as suas guerras pondo os seus em ordem, como ja fica dito no 1.º Cap.º Nesta terra de Borçaló ha muita roupa de algodão branca e preta, muito boa; a qual se compra a troco de contaria da India, e daqui a levão para os outros rios onde a não ha.

CAPITULO V.

Que trata do Reino de Gambia, *chamado por outro nome o de* Cantor, *que he o reino dos Mandingas, mui grande em si.*

Este Reino de Gambia começa á entrada do seu rio mui famoso, 5 legoas da barra do Rio dos Barbacins. He mui facil a entrada delle, sem perigo, porque fica sendo a entrada como huma enseada, ficando a julavento delle o Cabo de Santa Maria (que he terra dos mesmos Mandingas), e a barlavento humas ilhas, dellas alagadiças, dellas não; as quaes ficão entre o Rio dos Barbacins e este de Gambia, cobertas d'arvoredo de mangues e outras arvores, algumas povoadas de gente e outras não.

Este Rio de Gambia he todo povoado de negros Mandingas de huma banda e outra, e em cada espaço de vinte legoas

ha hum Rei delles sujeito a outros que se chamão *Farões*, que he titulo entre elles, de maior dignidade que rei; e assim vai todo este rio povoado de muitos negros e muitos reis. O de Borçalo, de quem tratámos no 3.° Cap.°, senhorêa neste rio da banda do Norte muitas legoas, e tem reis seus vassallos que lhe dão obediencia e pagão pareas. Verdade he que algumas vezes se levantão contra elle na successão de algum rei por morte d'outro, mettendo-se por força no reino; mas como he poderoso logo os torna a sujeitar. Este rio, alem de ser em si muito formoso e largo, ha nelle muitas ilhas formosas cobertas de muito arvoredo, dellas de duas legoas de comprido e de mais, e de huma de largo; nas quaes ha muita caça de muitas aves, a saber: garças reaes e das outras, rolas, pombas, muitas gangas, framengos (que são huns passaros do tamanho das gangas), muitas marrecas, patos grandes pretos (os quaes tem huns esporões nas pontas das azas), muitos animaes como gazellas, cervos e outros de muitas maneiras.

O Rio he em si doce; no verão se acha agoa doce como 30 legoas do mar, e no inverno quando ha venidas como 6 ou 7 legoas do mar. He rio de grande trato d'escravos, roupa d'algodão branca e preta, e o mesmo algodão; muita cera, e posto que não fação colmeias são tantas as abelhas, e o mato tanto, que por essa causa ha muito mel e cera; e muito marfim, mais que em nenhum outro Rio de Guiné; porque acontece muitas vezes, indo as embarcações por elle, verem bandos d'elefantes em terra como de vacas, e encontrão muitas vezes os navios com bandos delles que passão o rio de huma parte para outra, e assim se veem em terra bandos de bufaros e gazellas, e outros animaes, chamados pela lingoa dos negros, *Dacoi*, do tamanho dos bufaros; o qual dizem que he a verdadeira Anta.

He mui abundosa toda esta terra de muitos mantimentos, de milho e arroz e outros legumes. As mais das povoações estão perto do rio por amor do trato que tem com os nossos; e ha aldeias mui bem assentadas ao longo delle, de muitas casas e muitos moradores. As casas são algumas de taipa, redondas, cubertas por cima de palha; e outras não são de taipa, senão de palha, mas da mesma feição, redondas. São mui guerreiros estes negros, e nesta terra ha mais armas que em nenhuma outra de Guiné, porque, como ha nella ferro que fundem, fazem muitas armas de azagaias, dardos, facas, e muita frecha; e a sua herva he a mais

peçonhenta que todas as outras; porque vimos no parte de Cação terem com os nossos huma briga, seria ás 10 do dia, na qual houve mortos de huma parte e da outra; e depois de recolhidos, á hora de vespora, querendo os nossos dar sepultura aos mortos, os que estávão feridos de frechas hervadas não podérão ser levados a ellas, porque era tão fina a herva da peçonha que estavão já os corpos corruptos, de maneira que apegando por hum braço se despedia do corpo, e de huma perna da mesma maneira. Não houve remedio senão fazerem as sepulturas ahi onde estavão mortos, e bota-les dentro dellas. Tal he a herva destes negros. São pela maior parte atraiçoados. Toda a banda do Sul deste rio são máos; prezão-se de matarem brancos, e tomarem navios; como já fizerão, a alguns. Nem se póde ir a elle senão em bons navios, que levem boa gente e boas armas, e ter boa vigilancia nelles, porque nunca fazem a sua senão á traição. Ha algumas fortalezas de guerra chamadas por elles *Cão-sans*, ao longo do rio e esteiros, fortes de madeira muito forte fineada toda a pique e terra-plenada, com suas guaritas, baluartes, e praças d'armas; nas quaes pelejão e frechão. Fazem tambem hum betume como breo, que cosem em panellas, e no tempo de dar o assalto os imigos lhes deitão aquellas panellas com que os fazem retirar. Fazem os seus fortes, como está dito, ao longo do Rio e esteiros por causa da agoa e das suas embarcações que tem, com que dão nos outros lugares, e assi roubão os que passão por aquellas partes estando elles de guerra.

Ha ao longo deste Rio, assim de huma banda como da outra, muitas aldeias de Fulos, os quaes habitão por estas partes, deixando as suas terras por causa do pasto e agoa de que tem necessidade para suas creações; e por este respeito ha muita vacaria. Ao longo deste Rio ha mui formosas campinas, chamadas por elles *Lalas*, as quaes andão sempre cubertas de muita caça assim de animaes como de aves. Ha muito pescado nelle, e se matão algumas vezes solhos muito formosos. Ha lagartos grandes que tomão muitas pessoas e vacas, e as levão a comer nas suas covas; mas tem tal qualidade, que no alto do rio não podem tomar nem fazer mal a cousa nenhuma, senão em lugar onde possão fincar o rabo em terra; porque não o fincando não tem forças para nada, e não correm risco as cousas senão ao longo da praia onde ha pouca altura: e ha tantos neste rio, e fazem tanto damno, que usão os negros nas povoa-

ções onde morão fazerem dentro delle hum circuito ao modo de ceve que lhes fique em lugar de muralha, para beber o gado e lavarem e tomarem agoa; porque d'outra maneira correm muito risco.

Os vestidos e armas e juramentos trazem e fazem como os Jalofos e Barbacins. Os escravos que hão e vendem captivão em guerras e em juizos e furtos, porque os vão furtar de huma parte a outra; e são grandes ladrões, e vendem muitos escravos; desta maneira defende-se que se não comprem escravos furtados a estes negros. Viu-se já em Guiné trazerem a vender alguns escravos destes aos nossos, e elles por respeito de os defenderem os não comprárão; e os que os trazião e vinhão vender, por não serem descobertos, os matarão em terra. Não sei se fôra bom compra-los, porque resultava disso receberem o baptismo e serem christãos. Não me metto mais largo nesta materia, porque são casos que eu não sei determinar.

E tornando a este Rio ha nelle mais religiosos *bixirins* do que ha em todo outro Guiné; porque ha em todo elle muitas casas desta religião e mutos peregrinantes que andão de reino em reino. E ha da banda do Norte tres casas principaes grandes, como entre nos conventos, de grande religião e devação entre elles, nas quaes residem estes religiosos e os que apprendem para esse effeito. A primeira he na boca deste rio, de grande veneração entre elles, porquem veem della o Mar Oceano, e dizem que he huma cousa grande. A segunda casa ficará 70 legoas desta primeira, ao longo deste rio em huma passo que ali faz estreito, e faz tres pernadas por algumas partes que se tornão a encontrar insulando ali a terra, e chama-se o passo onde está este convento, *Malor*. Fica a terceira casa apartada desta segunda 50 legoas, e da primeira 120, em huma aldeia huma legoa mettida pela terra, chamada *Sutuco*. O maior destes religiosos, como entre nos huma dignidade de Guardião ou de Provincial, chamão elles *Ale-mame*, e trazem anel como Bispo. E todas estas 3 casas principaes estão da banda do Norte do Rio. Escrevem em livros encadernados, que elles fazem como já fica dito, nos quaes dizem muitas mentiras, e dá o demonio ouvidos aos outros para os ouvirem e crerem. Andão estes Cacizes magros e debilitados das suas abstinencias e jejuns e manjares; não comendo cousa morta por mão de pessoa que não seja religiosa. Trazem os vestidos compridos e por cima delles capas e ferragoilos, de baetas

ou bedens, e chapeos grandes, pretos e brancos, que lhes levão os nossos. Fazem suas *salas* para o oriente postos os rostos, e antes de as fazerem levão primeiro o trazeiro e depois o rosto. Rezão juntos com huma vozaria alta como muitos clerigos em coro; e no cabo acabão com *Ala Arabi*; e *Ala mimi*. Tem suas molheres que trazem comsigo, assim os que estão nas casas como os que estão fora dellas. Das mercadorias que neste Rio valem o principal he o vinho, porque morrem por elle; cavallos, roupa branca da India, contaria da India, de Veneza, margarita grossa e delgada, fio vermelho, panno vermelho, vinta-quatreno, gran, buzio, papel, cravo, manilhas de cobre, bacias de barbear, caldeirões de cobre de hum arratel até dous, cobre velho, e entre todas a mais estimada he a *cola*, fructo, que se dá na Serra Leôa e seus limites, e vale tanto neste rio que dão tudo a troco della assim mantimentos como roupa, escravos, e ouro; e he tão estimada que a levão até o reino do Gran-Fulo, onde vale muito e assim nos mais rios do nosso Guiné.

Neste rio indo por elle acima 120 legoas da barra, da banda do Norte, n'hum porto que se chama *Jagrançura*, na aldeia chamada *Sutuco*, ha trato d'ouro que trazem alli mercadores Mandingas, que tambem são religiosos. Este ouro, que aqui trazem, vem o mais delle em pó, e delle em pessas, e muito fino. Estes mercadores são mui entendidos, assim nos pezos como no mais. Trazem balanças mui subtis, marchetadas de prata, e cordões de retroz. Trazem huns escriptorios pequenos de couro cru, sem fechos, e nas gavetas trazem os pezos, que são de latão da feição de dados; e o marco he como huma maçãa de espada. Trazem este ouro em canos de pennas grossas de aves, e em ossos de gatos, escondido tudo em atilhos mettidos pelos vestidos. Trazem-o desta maneira, porque passão por muitos reinos, e são roubados muitas vezes, sem embargo de trazerem as cafilas capitães e gente de guarda; e ha cafila que traz mais de 1000 frecheiros.

A principal mercadoria para este resgate d'ouro são as manilhas e todas as mais nomeadas atraz, tirando vinho, (que o não bebem por serem religiosos) e cavallos. Todas as mais servem.

Indo eu a este resgate no anno de 78, porque algumas pessoas punhão em duvida se estes mercadores vinhão por ordem do Turco a resgatar esta manilha de cobre para fundir della artilharia, informei-me bem dos mercadores, onde ião

fazer este resgate deste ouro, e para o que querião lá as manilhas; e soube de certo que as manilhas lhes não servem para mais que ornamento e arreio de suas pessoas, e as trazem nos braços e pernas; em tanta estima as tem e em mais do que cá temos o ouro; e não usão do ouro porque o não estimão, pelo haver muito naquellas terras. E sem falta nenhuma vem este ouro e o que vai a *Tumbocutum* das Serras de *Sofala;* porque falando com *Anhadelen* capitão daquella cafila, perguntando-lhe miudamente onde hião e onde levavão as manilhas, me disse, que aos Cafres — nomeando-os por este proprio nome. Perguntando-lhe para que as querião — disse que para trazerem nas pernas. Perguntando-lhe quanto lhe davão por cada manilha, respondeu que isso me não diria, porque não erão elles tão pecos mercadores que se não ganhassem muito nellas que as levassem tão longe; porque punhão muitos dias no caminho e passavão por muitas terras com muito risco de suas pessoas.

Estes mercadores poem mais de seis mezes nas suas viagens, mas como são negros e flegmaticos não he d'espantar não porem muito mais tempo. Fazem o seu caminho por huma estrada que fica cingindo a todos os negros do nosso Guiné por cima, e vão por ordem d'hum Imperador negro a quem todos os negros deste Guiné de que tratamos dão obediencia, que se chama o *Mandimança*, não visto até hoje de nenhum dos nossos. E tanto que nomêão este nome logo se descobrem todos os negros que o ouvem nomear; tão obedecido he. E chamão os da Mina a este rei o Elefante Grande, tão conhecido he de todos os negros que obedecem ao seu nome mais de 300 legoas.

Deixei neste resgate entonces 5 arrobas e oito arrateis de ouro que havia vindo naquella cafila, por não ter mercadorias com que o resgatar. Está hoje este resgate perdido, porque ha 8 annos que a elle não foi navio nenhum, e estes mercadores devem de correr com os de *Tumbocutum*, vendo que lhes falta o resgate. Neste resgate vão ter alguns mouros, e levão ouro, e o resgatão a troco de panno vermelho e de outras cousas. Os vestidos destes mercadores são da mesma maneira como os dos Mandingas, mas o vestido desta gente de guarda que vem com elles he differente, porque são as roupetas grandes e os calções grandes; que vem a ficar os fundilhos mais de palmo por de baixo dos giolhos; e dahi para baixo vão estreitando ao modo de canhões e cobrem toda a perna. E trazem pelas roupetas muitas plumas de a-

ves e pelas carapuças que trazem. Trazem espadas curtas como as dos outros negros, e duas facas huma na cinta e outra atada no bucho do braço esquerdo. Trazem frechas, as quaes são curtas e os arcos pequenos. Dizem que as trazem desta maneira, para que não sirvão aos imigos, por serem os seus arcos grandes, — as dos imigos a elles sim. E posto que sejão os arcos pequenos, sacodem bem as frechas. Trazem tambem azagaias e adargas de verga e rota muito fortes.

CAPITULO VI.

Que trata do mais que ha neste Rio de Gambia.

Na entrada deste Rio, vai sendo assim de huma banda como da outra a terra chãn, mas toda coberta de muito arvoredo de mangues, tão altos e grossos que, se não fôra páo tão pesado, podião fazer delles mastos para navios de bom porte, e outros páos de muito boa madeira forte, de cores, adamascados e vermelhos, que lá chamão de *Carvão.* Estes mangues chegão até onde chega a maré da agoa salgada e ali acabão. Ficão descobertos os campos chamados *Lalas;* e os mais formosos estão da banda do Norte, onde se podião fazer formosos canaviaes d'açucar, e se regarião com o mesmo rio com montante e jusante, posto que ali não fará a agoa falta, porque chove muito. E d'ali onde se descobrem estas campinas, que he hum lugar chamado *Balangar,* começa de ir correndo por cima ao longo dellas hum monte que fica como muro destes campos, e vai correndo este monte mais de 100 legoas para cima, e quanto mais acima pelo rio vai sendo o monte mais alto, correndo ao longo delle espaço de menos de quarto de legoa, e isto da banda do Norte. Do Sul ha alguns montes redondos mas não correm muito como os da banda do Norte.

He este rio navegavel mais de 170 legoas, e o impedem navegarem mais por elle huma rocha e passo, onde cai a agoa d'alto, e dizem os negros que se fizerem em cima daquelle passo outra embarcação, que bem poderião ir por elle acima muitas legoas. Até ao pé desta rocha onde cai a agoa, chega a maré de montante e jusante, e quando he praia-

mar na barra, he baixa-mar de todo em cima; e quasi que se não enxerga por terra o crescimento da maré, nem o mingoante, somente se sabe pelo espaço de tempo que o navio está virado. A maré com as venidas e agoa do monte cresce tanto que não podem estar os navios no Resgate do Ouro, que he do meado de Junho até Dezembro.

Do ferro que ha nesta terra fazem os negros huns ferros do comprimento de hum palmo, de largura no começo de tres dedos, e no cabo de dous. Este ferro resgatão os nossos, e o levão ao Rio Grande e de S. Domingos. Ha nelle prata ao parecer boa, e os negros fazem della manilhas e aneis, mas os nossos ourives não fazem della boa obra, porque dizem que quebra como cousa que tem em si alguma mistura de liga.

Não deixarei de dizer huma cousa que vi neste rio em hum passo que se chama dos Fulos. Sendo elle largo e alto, veio com guerra tanta copia de Fulos que cobrião todas aquellas *Lalas*, e sujeitárão os Mandingas por aquella parte. Viérão determinando de passar este exercito da outra banda, e não havendo embarcações para isto, sendo ali o rio de huma legoa, o entulhárão de pedras de maneira que passou todo o exercito. Affirmão muitos que era tanta copia de gente que não foi necessario mais que trazer cada soldado huma pedra. Seja como fôr, elles entupirão o rio, e passou todo o exercito e bagajem que era muito grande, porque trazião muita gente de cavallo, muitos camellos, burros, e somma de vaccas, com que ião marchando, e entre ellas ião os frecheiros frechando; e quando querião fazer alto, fallando lhes pela lingoa, estávão quedas; quando querião que marchassem, fallando, marchavão. Trazião enxames d'abelhas que largavão contra os imigos, ventando e correndo o vento contra elles. Foi este exercito espantoso; nunca visto outro tamanho campo entre aquellas nações; destruindo e assolando tudo, passando pela terra dos Mandingas, Casangas, Banhuns, e Buramos, que erão mais de 150 legoas, atravessando tudo até chegar ao Rio Grande terra dos Beafares, onde forão os Fulos rotos e vencidos. Pode isto haver oitenta annos ou noventa.

Veio depois a venida da agoa do monte e rompeo o rio da banda do Sul bem ao longo da terra, e fêz por ali canal por onde passão os navios, costeando bem com a terra, em tanto que tocão os navios com as vergas nas arvores, e fica o mais secco, mas coberto d'agoa. Chama-se este passo

o dos Fulos; está por cima de *Lame* doze legoas, e passei por elle já duas vêzes.

Outra cousa vi neste Rio nestas viagens, que foi indo por elle acima, depois de passar este passo, vinhão dar comnosco esquadrões de monos, tamanhos com libréos, de huma côr ruiva, e em cada esquadrão destes vinha hum mono a cavallo, em cima de outro como hum homem; e este, que assim vinha a cavallo, não era dos maiores nem dos menores. Dizião os negros da mesma terra, que o que vinha a cavallo era rei ou capitão daquella companhia. E fallavão-lhe os negros pela lingoa da terra, e respondião huma vóz grossa mal formada, como quem pronunciava algumas palavras. E com todas as esquadras que demos vinha sempre hum a cavallo, como fica dito.

Ha nelle muitos cavallos marinhos, os quaes sahem a pascer em terra, de todas as côres, como são os cavallos. Nas côres não ha que dizer e nos rinchos a serem cavallos, e nas orelhas; mas tem a feição do corpo como de boi, e o corpo maior que de hum cavallo; e as mãos curtas, e tão curtas, que os negros nos seus arrozes, (para que os não comão,) fazem huns tapumes de madeira muito baixa, e não podem passar por cima della por causa das mãos. E tem as unhas fendidas, repartidas em duas partes como as dos bois; e a cabeça cúrta, os dentes grandes, de palmo e mais, e menos tortos; os quaes dizem que prestão para a enfermidade das almorreimas. Dizem muitos que as unhas destes animaes são mais proveitosas que os dentes para a mesma enfermidade, e que ha de ser a esquerda. Os negros matão muitos destes cavallos nos seus arrozes, e lhes comem a carne. E os matão por dous respeitos; porque lhe comem o arroz, e para os comerem. Parem dentro nos rios de baixo d'agoa, e onde está alguma parida correm as embarcações pequenas risco, como barcas e almadias; porque as acommettem e algumas vezes as arrombão. E tanto que os filhos podem andar, sahem tambem a pascer em terra com as mães.

Este Reino dos Mandingas he mui grande, porque corre por este rio acima mais de 200 legoas; e está povoado todo de gente de huma banda e da outra. Pela banda do Norte se mette muitas legoas pelo sertão até partir com os *Jalofos*, e quasi que estão todos de mistura. E pela banda do Nordeste vai por cima dar na terra dos *Beafares*, como se dirá; e pela banda de Leste vai partir com os *Casengas*

e *Banhins.* Ficão no topo deste Rio dous *Farins*, que são imperadores entre os negros: hum da banda do Norte onde se resgata o ouro, e outro da banda do Sul. Damos a ambos dadivas; maior dadiva ao da banda do Norte que ao da banda do Sul, porque estão os mercadores da banda do Norte. E os alcaides pezadores, que servem de pezar o ouro quando ali o vão regatar, hão de ser hum da banda do Norte e outro do Sul; e a ambos damos dadivas.

A cola de que já tratamos val em todo Guiné; mas neste Rio he mais estimada que em todos os outros. Uzão estes negros della como na nossa India do Betele; porque com a cola, que he como huma castanha, caminha hum negro todo o dia, comendo nella e bebendo da agoa, e tem-a por medicinal para o figado e o ourinar. Uzamos della para o mesmo effeito, mas os negros fazem muito mais conta della do que nós fazemos, e tendo dôr de cabeça a mastigão e untão as fontes com o seu bagaço. Tem-se de hum anno para o outro e mais tempo, se as quizerem ter, enfolhadas com as folhas largas de humas arvores, que chamão *Cabopas.* Quer Deos que não haja desta fructa n'outro Guiné senão no limite da Serra Leôa, que tivesse a valia que tem para remedio de muitos; e forão semeadas nos outros rios mas jamais fructificárão.

Ha neste rio, na entrada delle até 70 legoas, almadias muito grandes, que ás vezes andão de guerra, e taes que já acommettêrão algumas lanchas de Francezes e as tomárão, usando de humas mantas de páo grossas, que guardão pelouros de mosquetes, nas proas; e desta maneira investem com as embarcações e tomárão alguns navios aos nossos. Das 70 legoas para cima vão faltando as almadias, e quanto mais acima as não ha; por duas causas, por os negros não serem bons marinheiros, e por não terem varadouros onde os tenhão, pela terra lá ser alta de huma banda e da outra. E se as houvérão fizerão muito mal ás embarcações que lá vão, porque são todos os negros da banda do Sul e Leste deste Rio malissimos. Ha nelle tres passos hindo por elle acima; o primeiro he o de *Malor*, o segundo dos *Fulos*, o terceiro de *Jangue-mangue*, que he lá perto do Resgate do Ouro.

Fazem muito sal neste rio que levão a vender por elle acima, e vale muito; porque das 60 legoas deste rio para cima o não ha, nem o fazem senão, na entrada da barra deste rio; e o levão em almadias pelo rio acima até a hum

porto que está huma legoa do de *Cação*, n'huma aldeia que ali está; nella tem elles as casas onde tem este sal; e daqui o levão pelo rio acima e pelo sertão até á terra do Gran-Fulo, onde vale muito como fica dito.

Começa o inverno nestas partes no fim d'Abril, entrada de Maio por diante. Fazem os negros as searas dos arrozes naquellas *Lulas*, e fazem valados de terra por amor da venida do rio, mas nem por isso deixa o rio muitas vezes de os romper e alagar as searas. Depois deste arroz nado, o arrancão e transpoem em outras *lulas* mais enxutas, onde dá logo mantimento.

Ha neste rio muita madeira de toda a sorte, e podem fazer nelle muitas embarcações da maneira que quizerem. Ha muitas fructas silvestres, muita cana-fistula, e tamarindas, dos quaes vendem a massa feita em grandes pelouros. Como 8 ou 10 legoas da barra, por cima do porto de hum *Farim* chamado *Jaroale*, entra da banda do Sul deste rio hum braço que se chama dos Herejes, que entra até a terra dos Banhuns. Nelle se resgata muita cera, marfim e algodão.

Este rio, de que himos tratando, era o melhor que havia em Guiné, de mais resgate que todos. Fazia-se nelle com cinco ou seis cousas differentes hum escravo que não sahia comprado por 5 cruzados de bom dinheiro. Hoje está perdido, devassado dos lançados, que andão adquirindo os despachos para os Inglezes e Francezes, em tanto que se enfadão os negros delles e os matão muitas vezes nas embarcações em que andão.

Este rio he algum tanto enfermo, por causa de ser todo coberto d'arvoredo muito alto, de maneira que lhe impede ser lavado dos ventos, e assim tem muitos mosquitos e melgas. O mais sadio lugar que ha nelle he o porto de *Cação*, 60 legoas por elle acima, porque fica descoberta a terra e o rio, e correm os ventos e bons ares, e por essa causa he sadio. E esta aldeia e porto he o principal resgate deste Rio.

CAPITULO VII.

Que trata dos Arriatas e Falupos, Negros que habitão do Cabo de Santa Maria para o Sul.

Saindo do Rio de Gambia está o Cabo de Santa Maria, o qual está em 13 gráos e meio. Na entrada deste Rio da banda do Sul delle ha huma terra não alta, manchada de alguns lenções amarellos e manchas que faz a propria terra, arvorada de algumas arvores. No rosto delle, em fundo de 4 e 5 braças, estão os baixos chamados de Santa Maria, de arrecifes de pedra. Do Cabo Verde a este de Santa Maria se corre a costa Noroeste Sueste, e em toda ella não ha outros baixos, senão a baixa de *Joala*, a qual não arrebenta senão com muito mar e passão alguns navios entre ella e a terra; e os baixos dos Barbacins que estão na boca daquella barra, da qual he facil a entrada; e depois destes estão neste Cabo os de Santa Maria, que de maravilha não tem os navios que fazer com elles, porque lhes manda o Regimento que não passem das 7 braças para a terra, salvo indo demandar as barras para entrarem nellas. Correndo deste Cabo para o Sul ainda são os negros delles Mandingas e chamão por ali *Combo-mança*. Resgata-se arroz e cera, mas já vão sendo os negros bravos. Passando estes para o Sul vão outros negros que confinão com estes Mandingas, chamados Arriatas que ficão de fronte dos baixos de S. Pedro, e do Cabo de Santa Maria até á entrada da Barra de S. Domingos, que he perto de 30 legoas.

Estão estes Arriatas e Falupos por amansar, e são muito negros, e se entendem os Arriatas com os Falupos. Estes Arriatas não se circumcidão como os mais. Estão naquelle beira-mar cingidos dos Mandingas por cima. Occupão-se nas suas seáras e pescarias, e tem por officio estas cousas. Não tem trato de escravos por não terem commercio com os nossos, e sem embargo alguns se vendem, não por elles, senão pelos que confinão com elles, que os captivão nas guerras; porque os Mandingas do Rio de Gambia dão que fazer a estes, e os desinquietão, armando almadias de guerra mui formosas, e botando pelo Rio de Gambia fora, correndo a costa

do Cabo de Santa Maria para baixo, e dão nos Arriatas e Falupos que vivem ao longo dessa costa. E quando começárão esta conquista e guerra, captivávão muita gente, porque os tomavão em magotes juntos, ao longo das praias ou riachos, e em companhias, comendo peixe ou ostras, e captivando huma quadrilha a outra não fogia nem se defendia; o uso disto os fez fazerem melhor conhecimento, porque pelejão e se defendem e matão e captivão aos imigos.

Còrrendo esta costa até o cabo Roxo, pondo-se huma legoa delle, o qual está em 12 gráos, está a entrada do Rio de Casamança, á boca do qual está huma Ilha chamada dos *Mosquitos*. Entrando por esta barra de Casamança dentro, ao Norte do dito Rio, vão correndo negros a que chamão *Jabundos*, os quaes falão a lingoa dos Banhuns, e se entendem com elles os Casangas, e da banda do Sul vai correndo a terra dos *Izigichos* que são Banhuns, no qual ha trato de cera e escravos. Nesta barra de Casamança ha mais de vinte e cinco annos que não entrão navios, por causa da guerra dos negros, que tendo em cima guerra com o Rei de Casamança determinárão de lhe defender a entrada de seu rio, e assim o fizérão e tomárão nella á entrada alguns navios nossos, por ser o Rio muito estreito e ajuntarem estes negros muitas almadias com que acommettem aos navios, e por esse respeito se não servem nem entrão por este rio senão por via de S. Domingos, como adiante se tratará.

A' beira mar desta costa correm os Arriatas, depois delles para baixo, ao longo da mesma costa, os Falupos; e por cima destes os Jabundos e Banhuns do sertão; e por cima dos Casangas vão como muro os Mandingas, os quaes vão por cima destas nações e dos Buramos a encontrar por cima com os Beafares, como se dirá a seu tempo.

Tornando a estes Falupos, que habitão nesta terra de 12 gráos, ao longo do mar, são negros pretos — chamo *pretos* muito negros. Andão nús com humas pelles de cabras ou de folhas de palmas tecidas. Exercitão-se em tirarem vinho das palmeiras, fazerem suas searas, e pescarem. São grandes criadores; ha muito gado vacum e cabrum nas suas terras. Não tem commercio nenhum comnosco. Correm ao longo da Barra de S. Domingos, gente bravia, muito bons pilotos daquella barra, onde andão continuos nas suas almadias. Entrando por ella alguns navios nossos, não indo pelo canal bem navegados, estão á mira; se acertão de darem em secco os vem acommetter, e de noute, a cortar-lhe

as amarras para que dêm a cósta. Perdendo-se alguns navios, todos os nossos que captivavão matávão, sem os quererem vender nem resgatar. Estes negros entendem-se com os Buramos, em cuja terra habitão os nossos, e por meio destes vão já resgatando os que tomão; já os não matão; e vão comprar a estes que captivão á propria terra destes negros; e se correrem com elles vir-se-hão a amansar de todo, e haverá grande trato, porque nella ha muitas vacas e acodirão escravos.

Como entre estes negros não ha venderem negros, crescêrão tanto que não cabendo na sua terra, passárão o Rio de S. Domingos, e occupárão na entrada delle a terra da banda do Sul do Rio, chamado *Putamo*, e quasi que vão tendo commercio de pouco tempo com os nossos do Rio de S. Domingos pela entrada de hum esteiro chamado *Timis* que ali faz o Rio, e vão tirando delles alguns escravos e vacas, que he o principal resgate para os Bijagós, e se ajuntão já os Buramos n'huma feira que se ahi faz em certo dia. Estes negros andão nus; não trazem mais armas que facas e frechas, as quaes não são hervadas, e em lugar de ferro trazem nellas mettidas espinhas de hum peixe chamado *Bagre*.

CAPITULO VIII.

Que trata do Reino do Casamança e do que nelle ha.

Entrando pelo Rio acima de Casamança, que fica a barlavento do Cabo Roxo, vão correndo na entrada pela banda do Norte os Jabundos, e pelo lado do Sul os Banhuns de Isigichor, como já fica dito; os quaes se entendem todos huns com os outros; o qual reino he grande, porque fica no sertão sendo como muro aos Banhuns e Falupos, que lhe ficão á beira-mar. Houve nelle reis primorosos, principalmente hum chamado *Masatamba*, o qual comia em meza alta com suas toalhas postas, assentado em cadeira alta e comer cosido e feito ao nosso modo.

Andão os desta nação vestidos como os Jalofos e Mandingas, e ficão cingidos estes por cima dos Mandingas. N'esta terra corre alguma roupa d'algodão. Usão cavallos, mas

poucos, porque alguns que tem se levão da Ilha do Cabo Verde, ou da terra dos Jalofos ou Mandingas, os quaes andão continuos na côrte deste Rei, principalmente daquelles religiosos, dizendo muitas mentiras aos negros, e fazendo-lhes crer muitas cousas. Veio aqui ter hum destes, das tres casas que no Rio de Gambia ha, chamado *Ale-mame*. Este fallava muitas vezes com o rei, e quando o rei queria saber alguma cousa do que se fazia em outra parte, tomava este caciz hum moço d'outra nação com quem se elle não entendia, de muitas legoas d'ali. Escrevia na testa deste moço humas letras, e mandava-lhe pôr huma bacia d'agoa de diante, e vendo nella, e não sabendo a lingoa do caciz de antes, depois de ter as letras na testa vendo na agoa, falavão ambos e se entendião; e perguntando-lhe por muitas cousas que se fazião em outra parte, bem longe d'ali, dava de tudo razão; e tanto que deixava de ver a bacia onde estava a agoa, não se entendião hum ao outro.

Mandou o Rei de Casamança chamar este Caciz, porque estava para dar huma batalha a hum rei seu imigo, que ficava da outra banda do Rio, de nação Banhum, chamado *Bambara*, para communicar o dia que daria a batalha, e se venceria; e para isto fez o Caciz muitas cerimonias, como foi da agoa do moço, ao qual perguntava pelas cousas que fazia o imigo e outras muitas, e disse ao Rei que haveria victoria. Tendo esta resposta este se fez prestes, ajuntando muita gente de guerra, e passou a outra banda do Rio em muitas almadias e alguns navios nossos. Tanto que tomárão terra, tendo toda a gente junta, começou a marchar para o imigo, o qual estava fortificado d'ali perto. Andava este Caciz muito contente, com humas varinhas nas mãos, perante do exercito, como quem o governava, e passando palavra por todos que tanto que elle fizesse hum certo sinal dessem no imigo que estava fortificado. Não esperarão os imigos que fizesse elle o signal, por quanto que tiverão os Casangas perto, tocárão mui de pressa arma, e derão nelles com tanto impeto, que os desbaratárão. Forão rotos, e fogindo, no embarcar, morrerão muitos afogados, porque erão tantos que foi necessario aos nossos, que ali estávão em favor do Rei, matarem a muitos cortando as mãos aos que se apegavão nas embarcações, porque embarcando-se muitos as não mettessem no fundo; e desta maneira se salvou o Rei piadosamente. E o imigo os não seguio nem foi no alcance com impeto, como de principio o

fizerão; e sem embargo de haver aquella rota, logo d'ahi a poucos dias mandou o Rei fazer duas fortalezas de guerra neste mesmo rio, huma d'huma banda e outra de outra, de fronte huma da outra, e impedio a navegação aos imigos com mandar ajuntar muitas correntes de ferro humas nas outras, que abastárão a tomar o rio d'uma banda á outra. E estas correntes estavão dadas de forte a forte, e com páos muito compridos, fincados a pique ao longo da corrente, pregados com pregos muito grandes, pregados pelos fuzis das mesmas correntes nos páos rebitados, de maneira que ficavão muito fortes; o qual ardil lhe derão os nossos; e dessa maneira impedio a navegação aos imigos por muito tempo até que fizerão pazes.

Este negro caciz dava a culpa deste desbarate, porque tinha promittido victoria, aos Casangas, dizendo que se desordenarão em darem batalha antes de elle mandar. Foi-se para sua terra com muitas dadivas que lhe deu o Rei, e lhe deixou hum familiar mettido dentro em hum vaso de barro com a boca muito bem tapada, o qual dava resposta a tudo o que lhe o Rei perguntava.

Os Juizos desta terra dos Casangas fazem-se como na Costa de que já tratamos, diante do Rei ou Senhor da terra com alguns velhos que servem como desembargadores, e logo verbalmente dão as suas sentenças. As partes alegão suas razões e dão testemunhas sem dilação nenhuma, e quando ha duvida e a prova não he bastante, dá se o Juramento, mas differente do modo que se dá na Costa. Chama-se este Juramento o da agoa vermelha, que elles temem muito; a qual trazem, quando se dá, em huma panela, e a agoa he em si vermelha, com cortiças pizadas de algumas arvores desfeitas em agoa, ou que tenhão sumo que baste para este mister. E esta agoa dão ás partes, e aquelle que primeiro vomita fica livre. Muitos morrem tomando esta agoa, e são aquellas pessoas que quer o Rei que morrão se são ricas; e tem este ardil. Dá aviso a quem dá o juramento que não escape de morrer tal pessoa ou tal. Traz este, que dá esta agoa, no dedo polegar huma peçonha muito fina que despacha em poucas horas, e vai dando esta agoa primeiro áquellas pessoas que não querem que morrão, por não terem que tomar e herdar dellas por serem pobres: e indo, tanto que chega ás pessoas que lhe tem dito o Rei que não escapem, as quaes sempre ficão depois das outras tomarem, e, querendo dar-lhes a agoa, mette o dedo da pe-

çonha dentro della, e em mettendo diz ao outro que a tome. E fica a agoa tão peçonhenta que morrem em poucas horas, e ficão homicidos e condemnados em perdimento dos bens; e ha casos por onde as gerações ficão captivas do Rei e se vendem. Parece que he esta agoa em si asqueroza; causa vomitos.

Nesta terra destes Casangas há huma lei posta pelos Reis para terem de quem haver rendas, e he que quando morre algum, antes de o enterrarem, depois de posto em huns páos que servem de tumba, cobertos com panos negros em hombros de negros, andão estes com o morto escaramuçando de huma parte para a outra ao som de muitos instrumentos de atambores, trombetas de marfim, e buzinas; e os que escaramução andão com tanta furia e impeto que parece que andão os demonios mettidos nelles; e ha outros negros, a que chamão *Jabacozes*, que fallão com o morto e lhe fazem perguntas que diga quem o matou. E andando estes que o trazem ás costas com aquella furia d'huma parte para a outra, se dão em alguma pessoa e estão quedos, dizem que essa o matou; que he outro ardil inventado pelos Reis e os do seu Conselho como o da agoa, e se não dão em alguma pessoa, diz o que faz as perguntas ao morto, que morreo da sua enfermidade. E quando dão em algum este fica homicido, e prendem-o por feiticeiro, e o vendem e a geração toda, sem ficar nenhum.

Ha outra lei posta pelos reis, que a pessoa que cahir da palmeira e morrer hão por feiticeiro; dão logo os officiaes d'el-Rei em sua casa e lhe tomão tudo, até as molheres e filhos e parentes, e os vendem; e como ha nesta terra muitas palmeiras e os negros são amigos de vinho, andão continuadamente por cima dellas tirando a *sura* que bebem, e não deixão de cahirem dellas e morrerem alguns.

Achando-me nesta terra, acertou de cahir hum de huma palmeira, de que morreo. Logo dérão os officiaes d'el-Rei em sua casa e apanharão lhe as molheres e os filhos e os parentes e os vendêrão todos juntos.

Quando come este Rei em publico ou bebe, não o veem os circumstantes, porque se cobre com huns panos brancos que ficão servindo como de cortinas corrediças; dentro das suas casas come com os nossos pela maneira já dita. Estando em publico, lhe trazem suas molheres cada huma de por si o comer em gamellas grandes, que levão dous e tres alqueires de arroz e *cuscus*, cosido com grandes postas de carne

dentro; e apresentando ao Rei estas gamellas de comer, toma elle a salva se estão bem guizados, e reparte aquellas gamellas assim cheias pelos fidalgos que o accompanhão, ajuntando dez e doze juntos, e estes se mettem dentro em hum bosque dentro do qual estão os paços, e em muito breve espaço as despejão. Distribuidos os mantimentos, recolhe-se o Rei a jantar ou a cear com os brancos, se os tem na sua côrte.

Cavalgão os Reis desta terra algumas vezes em cavallos, e as mais das vezes em bois sendo a jornada perto. He costume nesta terra que o rei que entrar no reinado, quando está vago, seja eleito pelo capitão dos escravos do rei passado, que ficão sendo da coroa. E o eleger não he por votos nem ha mais cerimonias que aquelle a quem o capitão der obediencia que seja rei, ha de ser pessoa que toque á casa real, irmão, filho de irmão, filho do Rei; e posto que hajão muitos herdeiros e haja mais velho a quem de direito pertença o reino, he rei aquelle que elege o capitão. Alguns entrão por força d'armas. Estes que assi entrão se mettem logo nos Paços Reaes, e os que entrão em paz são obedecidos por todos. Ha lei entre elles que hão de estar hum anno mettidos dentro naquelle bosque, e alli lhe dão o necessario os que governão. Passante o termo o recolhem para os paços, e he obedecido d'ali por diante e temido altissimamente.

A terra he segura para os nossos. A cousa que se nella perde na mesma hora o sabe o rei e o dá a seu dono se quer. Fazem estes negros e todos os mais a seus defuntos offerecimentos de mantimentos cosidos e vinhos, como fica dito. Neste reino não bebem vinho em ajuntamento e fóra delle, que não offereção algum pouco aos mortos, derramando algum pelo chão, dizendo algumas palavras a modo de oração funeral. Os seus idolos a que reverencêão são huns páos fincados no chão, debaixo de alguma arvore grande e sombria, com as cabeças tórtas ao modo de cajados, juntos estes em feixe, amarrados, postos no chão, com as cabeças todas juntas para cima; são estes seus idolos, a que elles chamão *Chinas*, e reverencêão, offerecendo lhes vinhos da sua *sura* que he o da palma, e o de milho que he como cerveja mas não he de tanta dura. E embarrão a estes páos com papas de farinha de arroz e de milho e com o sangue das vacas e cabras e de outros animaes. Quando fazem as suas seáras poem ao longo dellas alguns páos destes fincados no

chão para as guardar, parecendo a estes pobres que tem o páo poder para isso. Usão nas guerras azagaias, frechas, adargas, facas, espadas curtas como os Jalofos e os mesmos vestidos. Trazem outra arma que são huns páos feitos de até tres palmos, grossos, e com hum modo de quinas, com que atirão ás pernas e dão na cabeça, de maneira que botão os miolos fóra. São bellicosos; pelejão com os Banhuns e por armas lhe senhoreou o rei a terra e he obedecido delles. Costumão nas guerras cortarem o membro viril aos que matão e muitas vezes aos vencidos, e levão aquellas peças por triunfo e as dependurão ás portas de suas casas; as quaes por serem de negros são boas, as mais dellas redondas, feitas de taipa, e o barro tão bom que ficão parecendo feitas de gesso, cubertas por cima de folhas de ola.

O trato desta terra he vinhos, alguns cavallos, algodão, ferro, contaria da India, papel, cravo, fio vermelho, pano vermelho; alguns vestidos ao nosso modo, bons, para o Rei; algumas peças de prata e ouro.

Tirão-se desta terra escravos, cera e marfim. Estes crião as abelhas em colmeias, que as fazem de palha ao modo de canastras, embarradas com esterco de vacas fresco, e as poem em arvores dependuradas. E ha arvores grandes que tem em si mais de duzentas colmeias juntas. Entra nesta terra algum algodão por via de *Jugo*, que confina com os Mandingas e he nos fins deste reino. Este algodão se traz a S. Domingos.

Sem embargo deste rei ser poderoso dá obediencia a hum *Farim*, que entre elles he como Imperador, e este a dá a outro que fica sobre elle, e desta maneira vão dando obediencia huns aos outros até irem dar ao Farim do Mandimança, que he Imperador dos Negros, donde tomárão este nome os Mandingas, e Casa-mança, e os mais Reis do Rio Gambia, e os Sumbas (de quem adiante se tratará) chamados pelo seu proprio nome Manes, como se dirá mais largamente no capitulo em que delles se tratará.

Fazem nesta terra huma feira muito grande em *Brucama*, que he a corte onde residem os reis, onde se vende tudo o que há nesta terra, assim escravos e mantimentos como outras cousas. Ha nesta terra algumas ribeiras d'agoa, e alagoas mui grandes que durão todo o anno, e vai sendo mais fertil a terra que a terra dos Jalofos, porque chove mais nesta. Ha toda a maneira de animaes e aves que ha nas outras partes, bons pescados, muitas ostras e outros mariscos bons.

CAPITULO IX.

Que trata do Reino dos Buramos e seus tratos e costumes.

Do Cabo Roxo para dentro, o qual está em 12 gráos, correndo delle para o Sul, vão os Falupos, de que já tratamos, os quaes correm até confinarem com os Buramos, que povoão assim a banda do Norte do Rio chamado de S. Domingos como o lado do Sul. E este reino dos Buramos com que confinão he muito grande. A primeira povoação sua está como 8 legoas da entrada da barra ao longo deste rio dito, chamado por outro nome o de Farim, o qual corre ao longo della e vaza pela mesma barra. As casas da dita povoação são de taipa como as de Casamança, dellas sobradadas cobertas de olas, com grandes cercas de páos fincados a peque feito hum muro de palha a que chamão *Tapadas*, e por dentro destas cercas vão as casas segundo a posse dos moradores.

Antigamente habitavão os nossos com estes negros na mesma aldeia debaixo da palavra e guarda de seus hospedes, e erão mui avexados delles como de outros da mesma nação que descião do sertão, e houve já muitas mortes e roubos importantes que cada dia recebião; mas haverá como cinco annos que estão os nossos em aldeia separada dos negros, e tão fortes que, antes querendo elles, podem fazer muito mal e damno aos negros. E estão ao longo do rio entre a aldeia dos negros e elle, e ali fizérão huma força sem ajuda de S. Magestade, e a fortificárão com alguma artilheria que para isso buscárão, com a qual defendem a entrada aos Inglezes e Francezes para que não tomem os navios como d'antes fazião. O autor de se fazer este forte e aldeia em que estivessem os nossos, foi hum Manoel Lopes Cardoso, visinho da Ilha de S. Tiago, o qual por industria houve licença do Rei da terra chamado *Chapala*, para fazer no dito sitio o forte, dizendo que era para defender aos imigos que não tomassem os navios no seu porto; e depois de feito e posta artilheria nelle, lhe disse que era necessario casas para estarem alguns dos nossos para defenderem e guardarem a artilheria, e desta maneira foi fazendo no mesmo lugar

casas onde passárão os nossos que estávão na aldeia entre os negros, e hoje estão desafrontados delles. Os quaes achando-se enganados, no anno de 90 ordenárão huma guerra secreta entre elles, e ajuntárão muita gente para darem nos nossos que estávão bem descuidados. Foi descoberto isto por duas negras ladinas da propria terra, que de noute secretamente viérão ter ao forte e habitação dos nossos, e disserão o que determinávão fazer os negros. Ao outro dia fizerão-se prestes; e não faltou de ser da maneira que ellas o disserão, porque se deixárão vir sobre o forte como 10000 negros, e por estarem os nossos prestes não tomárão a aldeia e o forte onde vivem. Durou a guerra tres dias, nos quaes forão mortos muitos negros, e da parte dos nossos não morreo pessoa nenhuma. Os quaes, vendo quão mal lhes hia do partido, se recolhêrão, e dahi a poucos dias tornárão a rogar aos nossos os recolhessem e acceitassem na amizade em que d'antes estávão; e são amigos, vivendo os nossos na sua povoação e elles na sua, e assim trátão huns com os outros.

E esta povoação dos nossos está habitada de muita gente, e ha quaresma em que se confessão 700 e 800 pessoas entre brancos e pretos e não falta mais que pôr S. Magestade justiça nella querendo-a fazer villa; e dessa maneira se augmentará a fé, porque hoje não falta para isso mais que quem pregue a palavra de Deos nella, e faça justiça, porque a não ha nestas partes entre estes lançados, e bem se podéra pôr justiça nesta aldeia, e no Porto da Cruz no Rio Grande, do qual adiante se tratará.

Os nossos que estão nesta aldeia tem tratos para os outros rios e para a Costa, onde vão e mandão tratar em lanchas e outras embarcações com os Inglezes e Francezes, levando-lhes couros, cera, e marfim; e o peor he que levão ás ditas partes escravos a vender aos Jalofos, a troco de ferro, que muitos delles podião ser christãos, e dessa maneira o não são; e alem de o não serem se vendem alguns aos Mouros; o que se deve sentir.

Os negros desta terra, os cortesãos que andão da côrte dos reis com quem tratão os nossos, andão vestidos com humas roupetas compridas e huns panos cingidos, e por debaixo desses panos trazem huma pelle. Os mais do Sertão andão nús, e não trazem mais que a pelle. As armas que trazem são espadas curtas, facas, azagaias, adargas, frechas, e dos páos a que chamão *manducos*, Acode nesta terra muito trato de mantimentos, de arroz, milho, gergilim, escravos, cera,

e marfim. Das mercadorias que correm nesta terra, a principal he o ferro, algodão, panos do mesmo, *teados* do mesmo que he hum pano estreito como pano de treu de vela, e vinhos; isto para os negros; e para os nossos, vestidos feitos, camisas, jubões, calçado, e toda a roupa de vestir, e cousas de comer.

Ha nesta aldeia dos Buramos dous reis, hum que se chama *Mompatas*, e outro chamado *Chapala* que fica sendo maior que o primeiro. Esta terra dos Buramos, chamados por outro nome *Papeis*, he mui grande porque corre por aquelle Rio de Farim acima muitas legoas, e sahindo pela barra fóra, como trataremos, corre outras muitas. Toda a terra de huma banda e outra he povoada destes negros, os quaes tem muitos reis huns mais poderosos que outros. Os seus vestidos he andarem nús como fica dito, trazendo humas pelles de cabras, ou feito das folhas das palmeiras, que escaçamente lhe cobrem as vergonhas. Ha alguns reis destes que tem vestidos ricos e bons que lhes levão os nossos, que nunca vestem salvo se vão visitar ao feitor ou capitão de algum navio, ou aos nossos á sua aldeia; sahindo d'ali se tornão a metter nas suas pelles e se untão d'azeite. O rei Chapala, que he o principal deste Rio, todas as vezes que se acha na aldeia dos nossos, estando clerigo nella, todas as vezes que se diz Missa a ouve com muita quietação, fazendo o signal da Cruz, e benzendo-se, e batendo nos peitos a seu tempo, e se naquelle tempo acerta de fallar alguma pessoa com outra, estranha isso muito e o reprehende, dizendo que são meninos, pois fallão em tal tempo.

Pasmava muito este rei quando via, que o Feitor do Rio (a quem elles tem em muita conta,) e todos os mais, fazião muita conta de hum clerigo preto, que por mandado de S. Magestade fôra ás ditas partes, porque em o vendo se alevantava logo o feitor da cadeira em que estava assentado e lh'a dava, e o mesmo fazião todos. Dizia o Rei e os mais fidalgos, que, sem embargo daquelle homem ser preto como elles, lhes fazião os nossos tanta honra porque fallava com Deos. E o Rei hia muito ao Forte quando se dizia Missa.

Está nesta aldeia huma povoação de Negros *Sapes*, que viérão fogidos no tempo das guerras dos Sumbas, e vivem sobre si apartados em sua aldeia, na qual tem Rei a quem dão obediencia. O Rei que hoje reina nella he Christão; chama-se *Ventura de Sequeira;* sabe ler e escrever por se crear na Ilha de Santiago. Os mais dos negros da sua Al-

deia são Christãos; os meninos que nella nascem a todos manda baptisar, e todas as noutes se ensina a doutrina Christã em sua aldeia em voz alta, onde tambem acodem alguns filhos de alguns negros ladinos da terra, posto que não sejão Christãos. Por certo que ousarei affirmar, que á falta de quem pregue a palavra de Deos perecem muitas almas, que se podião salvar em muitas partes dos Rios de Guiné.

Lembra-me, que no Conselho de Portugal em Lisboa e em Madrid, fiz lembrança a Sua Magestade quanto serviço faria a Nosso Senhor em mandar fundar na Ilha de S. Tiago huma casa de Padres da Companhia ou outros Religiosos, porque estes farião nas Ilhas e em Guiné muitos serviços a Deos e a S. Magestade; e dando-lhes o que dá para o Seminario, o qual não faz fructo nenhum, e o que dá para os pulpitos da Ilha de S. Tiago e a do Fogo, e com as esmolas da terra, se sustentárão e pregárão em todas as Ilhas, nas Quaresmas, Adventos e Festas do Anno. E da Ilha hirião aos Rios de Guiné onde farião muito fructo, onde até ao presente não se vê fazer mais que mandarem os Bispos visitar aos lançados, aos quaes absolvem de todos os casos, posto que reservados, e nelles os tornão a deixar, e desta maneira ficão vivendo no mesmo peccado. Como christão e desejoso de ver a Fé augmentada naquellas partes tratei disto aqui. Torno ao que hia dizendo de Guiné.

Passante o Porto de Cacheo por hum esteiro acima ao Norte vão dar em S. Domingos, terra dos Banhuns, no qual lugar, no beira-mar deste esteiro, está huma aldeia grande, povoada de muitos negros e muitos dos nossos, por causa do muito trato que havia nesta terra de escravos, mantimentos, e cera mais que em nenhuma das partes de Guiné; mas os negros desta aldeia, por serem muito entendidos e praticos na nossa lingoa, tratavão muito mal aos nossos, dando lhes muitas pancadas, e capeando-os, tomando-lhes os chapéos e as espadas em toda a hora do dia, e fazendo muitos roubos importantes, com algumas mortes.

Estes Banhuns ficão cingidos por baixo dos Buramos, e pelas alas e por cima dos Casangas, e se entendem huns aos outros e usão as mesmas armas e os mesmos vestidos e juramentos da agoa vermelha. Ficão perto destes Banhuns ao Noroeste por outro esteiro, outros negros da mesma Nação chamados *Chãos*, os quaes tem sempre tesa guerra com estes outros; e são muito bellicosos e dão muitos assaltos na terra destes outros, fazendo muitas prezas de noute e de

dia. E o rei destes *Châos* he muito amigo dos nossos, e folga muito com elles. Estão muitos na sua terra, na qual acodem muitos escravos, mantimentos, cera e marfim, e as mesmas mercadorias que valem e correm na terra dos Buramos valem da mesma maneira na dos Banhuns. Usão tambem estes dos mesmos choros, e perguntarem aos mortos, quando morrem, quem os matára.

Erão tão máos estes Negros da aldeia do *Buguendo* para os nossos e os tratávão tão mal que se não podia soffrer, e não se tinha por honrado negro que lhes não tomava os chapeos, e lhes desse bofetadas e pancadas. E havia muitos negros da casa do Rei chamados, huns, *Reinaldos*, e outros, *Roldões*, e outros nomes desta qualidade; e quando vinhão a esta aldeia trazião huma esquadra de negros velhacos e vadios diante delles, que vinhão dizendo aos nossos: "*Lá vem Reinaldo, lá vem Roldão;*" para que lhes fizessem prestes e apparelhassem o que lhes havião de dar; e tanto que não havião isto os tratavão muito mal. E com todas estas cousas soffrião aos negros.

Haverá como 10 annos * que Francisco d'Andrade, Sargento-Mor da Ilha de S. Tiago, indo as ditas partes, e vendo o máo tratamento que os negros fazião aos nossos, se concertou com o Rei de Casa-mança, chamado *Masatamba*, amigo nosso, e passou os nossos, que estávão nesta aldeia, a hum porto deste Rei, que está indo pelo Rio de Farim acima, e faz ali hum braço pequeno, que vai dar na primeira terra deste Rei chamada *Sarar*; no qual fizérão huma aldeia, a que puzérão nome *S. Felippe*, por amor de S. Magestade, por haver muito pouco tempo que tinha tomado posse dos Reinos de Portugal. A aldeia de Buguendo, donde se mudárão os nossos, he terra muita enferma, onde sempre morria muita gente: esta de S. Felippe, para onde se mudárão os nossos, não he sadia, por ser lugar alagadiço e de muitos charcos de agoa, mas he terra muito segura, onde se não faz mal a cousa nenhuma; e estão os nossos nella muito seguros. He toda cuberta de arvoredos de palmares e outras arvores e tem boas aguas, e algumas ribeiras frescas. D'ahi a *Brucama*, que he Côrte do Rei *Masa-tamba*, he jornada de hum dia.

Já que fallamos tanta vêz em marfim, razão será que diga como se matão os Elefantes em algumas partes deste nosso Guiné.

* Anno de 1581.

Em toda a Costa e Rio de Gambia os matão pelejando com elles ás azagaiadas, delles a pé, delles a cavallo, como podem; e dizem os Negros Jalofos, que dando o Elefante hum urro logo está o cavallo quedo como cousa pasmada. Seja isto verdade ou não, elles o dizem. Achando-me no Rio de Gambia em hum porto, em obra de hum mez matou o Rei daquelle logar mais de doze elefantes.

Os Casangas os matão por differente maneira. Tendo sabido onde está alguma arvore com o fructo que elles comem, fazem em cima della huma estancia segura de páos, onde se poem o caçador; e tem em cima hum madeiro de dez palmos de comprido, de bom pezo, da grossura de duas mãos juntas, o qual tem em huma ponta hum buraco segundo a grossura do ferro que ali mettem, que he hum ferro de comprimento de palmo e meio, n'huma das pontas de largo de dous dedos, e a outra roliça; e o rolico mèttem no buraco do madeiro. He o ferro hervado. E estando em cima o caçador, tanto que se mette debaixo algum elefante a comer do fructo que cae da arvore, despede de cima com força o páo, que dando nelle, com o pezo mette lhe todo o ferro no corpo; e em dando toma aquelle animal huma grande carreira. Cae a tranca no chão, e fica o ferro hervado nelle. O negro que está em cima da arvore, tanto que o elefante corre aquella carreira, se bota da arvore abaixo e foje por outra parte, porque logo torna o elefante ali, e atira com a tromba com muitos páos, e se embravesce muito. Mas em lhe dando o veneno no coração e sentindo-se mal, se mette pelo mato dentro e vai morrer. Acode o negro caçador após o rastro do sangue e vai dar com elle. E tanto que o acha, tira o ferro fora e corta toda a carne por onde foi a ferida, e logo o faz a saber aos officiaes d'el-Rei, para o qual dão as mãos e os pés e a tromba: a outra carne comem-a elles, e se approveitão dos doentes. Dão ao Rei alguns grandes que passem de quintal, e alguns ficão no mato, e levão os de menos pezo.

N'este Rio de S. Domingos ha mais escravos que em todos os outros de Guiné, porque delle os tirão estas nações — Banhuns, Buramos, Casangas, Jabundos, Falupos, Arriatas, e Balantas. He rio de muito trato de arroz e outros mantimentos, e muito cera; abastado de todos os mantimentos, bons pescados, e muitas gallinhas que continuadamente andão os negros vendendo a troco de algodão e outras cousas.

A barra deste rio he algum tanto perigosa, e tem quatro canaes pelos quaes entrão nella, a saber: *o Canal Grande, o de Affonso de Leão, o do Sudueste, e o dos Caravelões.* Tem muitos baixos e coroas d'areia. Sahindo por ella fóra, ao Sul dão no *Porto das Ilhetas*, terra dos mesmos Buramos, no qual á hida e á vinda nos apercebemos de agoa e refresco. Estes negros tem rei; usão as mesmas armas, vestidos, juramentos e tudo o mais que usão os Buramos. As casas que tem estes são muito boas, e são mais laberinthos que casas; e fazem-as desta maneira por causa de huma nação de Negros chamados *Bijagós*, que habitão em humas ilhas de fronte destes Buramos, ao Sul desta terra, — de que ao diante se tratará; os quaes tem continuadamente guerra com estes, e dão muitas vezes nelles, fazendo prezas; e por esse respeito tem as casas desta maneira para embaraçarem os imigos e se acolherem.

Vivem estes negros de suas seáras e do vinho que tirão das palmeiras. Tem muito gado vacum e cabrum. Acodem nesta terra das Ilhetas poucos escravos.

Os negros Buramos são bons e serviçaes escravos. Não tem mais desar que terem os dentes limados: isso mesmo as molheres, e dellas os peitos grandes. Usão de huma cousa que se pode notar, que para as molheres não serem palreiras nem comiloas, tanto que amanhece tomão huma pouca de cinza do lar na boca e ali a trazem até o jantar, e em todo este tempo não comem nem fallão. Em todo o trabalho que fazem, a maioral da casa lança mão da obra, e todas fazem o mesmo; e desta maneira ficão trabalhando sem fallarem.

Correndo por este Rio acima, que he o canal do Rio Grande, ao Norte delle vão estes Buramos. Depois destes das Ilhetas fica outro rio que se chama de *Buçis*, sete legoas das Ilhetas, da mesma nação. Nesta terra, em 11 gráos, entra hum rio chamado de *Catherina*, e na entrada faz hum braço estreito, e por dentro vai sendo largo e formoso. Dizem alguns que vai dar n'huma alagoa d'ali muitas legoas, e que se o descobrirem que será de muito proveito, que haverá resgate de ouro nelle. Mas segundo diz *Mapete*, capitão de huma destas Ilhas dos Bijagós, que continuadamente faz guerra por mar a estes negros Buramos, que este rio vai dar no Rio de Farim, que he o rio que corre da outra banda da terra de Cacheo, e que fica insulando a terra dos Banhuns e Buramos por cima; e que elle

o passára já em suas almadias mettendo-se por elle de huma banda á outra.

Ha outros esteiros onde se mettem e se acolhem os nossos navios fugindo aos imigos; e estes negros são nossos amigos, e bons; principalmente o Rei dos *Biçaos* que tambem he Buramo.

As molheres desta terra e as Banhumas andão vestidas com huns panos curtos e os cabellos trançados, e as moças trazem huma tira de pano por diante, da largura e comprimento de hum palmo, que escaçamente lhes cobre as dianteiras; e desta maneira andão até se casarem.

Acabante a terra dos Buramos entra o *Esteiro dos Balantas*, que são huns negros como bravos. Tem commercio com os Beafares e Buramos. Communicão nas suas feiras. São negros emperrados. Os grandes trabalhosamente querem ver os nossos, nem querem ser seus escravos, e de emperrados morrem. Destes Balantas se provê a terra dos Beafares de inhames e outros mantimentos. Vai este rio ter a *Degola* que he terra dos Mandingas, que vão por cima cingindo muitas nações, e vem dar neste rio, e tem commercio por elle e grande trato com os Beafares, e estão misturados nesta terra os Mandingas e Beafares. E entra de Gambia, que he terra dos mesmos Mandingas, muita roupa d'algodão preta e branca, e escravos. E a principal mercadoria que aqui corre são *colas*, nomeadas já algumas vezes, fructo que vem da Serra Leôa ao Rio Grande, e delle o trazem a este. Levão a este trato tudo o que levão a Gambia. Esta navegação he perigosa por causa da agoa de *Macareo*, que he encher este rio lá em cima com tres mares somente. Estando a maré vasia, dando tres mares, fica preamar de todo; e antes de virem estes mares se ouve roncar hum grande espaço e mette medo ás pessoas que nunca virão isto. E correm as embarcações grande risco, mas já os pilotos dellas sabem as conjunções, e as tomão de maneira que não perigão. Algumas caravellas nossas de até sessenta moios, que algumas vezes lá vão, no passar, quando dá a agoa do Macareo, usão desta maneira. Tem algumas sonderiças e amarras ostadas humas nas outras, e estão prestes com ellas, e o navio surto e a amarra na mão. Tanto que dão a quelles mares a vão largando e vão sobre elles aleiando muito depressa as amarras, e desta maneira passão sem perigo, porque se estivessem com a amarra abitada não deixarião de soçobrarem e passarem trabalho. São accomettidas

algumas vezes as embarcações pequenas de peixes cavallos. As almadias que por elle navegão são grandes, e ha muitas que levão mais de 100 pessoas e vacas e outras mercadorias.

CAPITULO X.

Que trata dos Bijagós e de seus costumes.

Este Rio, de que se tratou, chama-se o Rio Grande. Começa a sua entrada nas Ilhetas, terra dos Buramos, de que se já tratou. Da banda do Sul delle vão correndo humas Ilhas, chamadas dos *Bijagós*, dellas habitadas e dellas despovoadas, frescas de muitas ribeiras d'agoa, cobertas de muito arvoredo, nas quaes há muita caça de aves e animaes de toda a sorte, como em terra firme. E são as Ilhas estas: — a Ilha *Roxa*, *Bonabo*, *Oxango*, *Xoga*, *Farangue*, *Huno*, a *Formosa*, *Curete*, a *Carraxa*, *Gran-camona*, a ilha *de João Vieira*, a *do Meio*, a *dos Cavallos*, a *do Palão*, a *dos Fanados*, o ilheo *dos Papagaios*, a ilha *das Gallinhas*, e a *de Metambole*, a qual fica pegada com a terra firme dos Beafares da banda de Leste chamada a ilha *dos Escravos*.

Todas estas ilhas vão correndo ao mar das Ilhetas até á terra dos Beafares, como está dito, e todas senhorêão os Bijagós, tirando a Ilha das Gallinhas, que fica de fronte da ponta de *Bulama*, terra dos Beafares, os quaes habitão nesta ilha, e ha rei nella, e tem amizade com os Bijagós, mas no mar encontrando-se pelejão. Estes Bijagós habitão nestas ilhas, chamadas por alguns as Ilhas *de Boão*, e por outros as *do Infante;* as quaes parece que devião ser antigamente terra firme e toda huma com a dos Buramos e Beafares, e que o mar as cortaria de maneira que ficárão em tantas Ilhas como são, e se perderia aquella lingoagem que d'antes tinhão, e viérão a tomar a que hoje tem.

Estes negros são mui guerreiros; continuamente andão em guerras, dando assaltos na terra dos Buramos e Beafares, e tem tal costume que no mar encontrando-se de huma ilha com os da outra pelejão, bem póde ser o pai com o filho. Não ha rei entre elles, senão fidalgos a quem obedecem, senhores das ilhas povoadas; e em huma ilha ha dous

fidalgos e tres que mórão nella. Fazem suas povoações ao longo do mar ou perto delle, e ali estão aposentados com os seus parentes, e estes dão obediencia aos mais velhos, e destes lugares sahem a dar os assaltos e fazer guerra aos outros em suas almadias por mar, que são grandes e levão muita gente; e estes negros são tão destros no mar, que ainda que se soçobre e revire a embarcação, andão a nado e a tornão a endireitar e esgotar, e tornão-se a metter dentro; e atravessão muitas vezes mais de 10 legoas a ir fazer guerra, como he darem dentro do Rio Grande, terra dos Beafares, e fazerem nella grande destruição e captivarem muita gente; e irem dar no Rio de S. Domingos, dentro em Cachéo, e fazerem o mesmo: e hoje o não fazem por respeito dos nossos que ali habitão. E trazem desinquieta toda a terra dos Beafares e Buramos, que lhes ficão defronte, com as continuas prezas que sempre nelles fazem; e de tal maneira os desinquietão que continuamente vigião de noute e de dia.

Os homens não fazem mais que tres cousas — guerra, e fazer embarcações, e tirar o vinho das palmeiras. Andão mui disciplinados na arte militar ao seu modo. São grandes rodeleiros; a principal arma que trazem são azagaias, a que elles chamão *Canicos*, que são de dous palmos, de ferro roliço, e na ponta tem o ferro ao modo de nossas ginetas; as suas adargas, que são de verga forte tecida com rota, de maneira que ficão muito fortes; e suas espadas as quaes são mais tortas que fouces, mas largas. Usão frechas, mas não são hervadas, e em lugar de ferro lhes poem humas espinhas de hum pescado chamado *Bagre*, que elles tem por peçonhento, e o he.

As molheres fazem as casas, e as seáras, pescão e mariscão e fazem todo o mais serviço que fazem os homens em outras partes.

Estes negros andão nús; não trazem mais que huma maneira de calças que elles fazem de folha de palmeiras, que escaçamente cobrem suas vergonhas, e que servem mais de os peiar que de vestido. Fallão com os demonios todas as vezes que querem, principalmente quando hão de ir fazer guerra, e os invocão, e da maneira que lhes parecem assi se contrafazem, e untando-se com almagra e gesso (que há muito naquellas ilhas) e com muitas penas d'aves mettidas entre os cabellos (que os trazem trançados,) e com cabos de cavallos dependurados ao pescoço botados por detras das

costas, com muitos cascaveis, vão parecendo os mesmos demonios, e dessa maneira vão á guerra. No mar pelejão com todos, mas tanto que tomão terra não ha briga; dizem que são amigos e hospedes e ficão seguros. E antes disto fazem primeiro esta ceremonia. — Entrando algum navio nosso em qualquer dos seus portos, vem o fidalgo da terra ao mar na sua almadia; dizem-lhe que aquelle navio he seu; tomão o cabo da driça e dão lh'a na sua mão. Feito isto traz elle da terra huma cabra ou capão, que matão sangrando-o com huma faca, e toma hum pequeno do sangue e unta ao senhorio do navio nos pés, e poem-lhe a cousa morta nos peitos. Fazendo-se esta ceremonia fica tudo seguro; não ha que temer, salvo se forem das outras ilhas.

Resgatão-se nestas muitos escravos Beafares e Papeis, que elles captivão em guerras, e alguns da mesma nação que hão dos Juizos, os quaes são como os dos Buramos; mas estes dos Bijagós não são bons, porque não são seguros senão moços e moças: creando-se entre nos são bons e leaes a seus senhores; mas os grandes, principalmente homens, todas as vezes que querem morrer morrem, e nisto não ha duvida nenhuma. Não fazem mais que tomarem o folego e morrerem. E assim se resgata muito mantimento de milho e arroz, e *macaras*, que he hum mantimento redondo, e tem o sabor de favas; e dá-se este mantimento debaixo do chão mettido n'humas baguinhas, nas raizes, e se recolhe muito naquellas Ilhas; e ha outros mantimentos e fructos. Acha-se muito amber entre ellas, que entra por aquelles canaes; como foi a gran quantidade que achou Francisco Barroso no Anno de 69, (do qual se não soube approveitar,) e ja o conhecem os negros e o guardão para venderem aos nossos.

As mercadorias que correm nestas Ilhas são pano vermelho, cobre feito em caldeirões; bacias de latão grandes como pratos, d'agoa-ás-mãos, e de barbear; marguarideta grossa, vacas, bezerros de hum anno, e ferro; e posto que para lá levão vacas ha muitas, e sem embargo de as haver comprão as continuadamente, porque matão muitas nas suas festas e choros.

As molheres andão despidas da cinta para cima; trazem hum modo de saias feitas das folhas da palma, que dão por cima dos giolhos. As paridas trazem os filhos nos braços, atados n'humas corrêas de couro crû, que trazem ao pescoço, com que sostentão e tem as creanças.

Estas ilhas são todas muito formosas, e a principal de to-

das he a chamada *Roxa*, tal que foi cobiçada dos nossos; sobre a qual fôrão já conquistadores, por mandado do Infante, da Ilha de S. Santiago, a saber: Gomez Balieiro, com muita gente, e capitão-mor della e das Ilhas de baixo. Tambem vierão muitas debaixo da obediencia de Gomez Pacheco, e por desordem dos nossos forão desbaratados dos negros e mortos os capitães-mores, e salvárão-se mui poucos. Ficarão estes negros tão bravos, que passárão muitos annos sem quererem ter nenhum commercio com os nossos, e se alguns navios davão á costa naquellas ilhas, matávão os nossos que tomávão; até que o tempo tornou a fazer que tivessem commercio com os nossos. E vão muitos navios a ellas a resgatar, e deixão homens postos em terra com fazendas, e ficão resgatando entre os negros muito seguros sem os agravarem; e comtudo isto, se dá algum navio nosso á costa e se perde, captivão aos que tomão, e os tornão a vender aos nossos que os vão lá resgatar por pouco preço.

Os negros Bijagós são mui pretos, delles gentis homens; não furão as orelhas; as molheres sim. Alguns limão os dentes de maneira que fiquem abertos e não agudos. Ha nestas ilhas bons papagaios pardos. Ha muito azeite de palma. Ha huns coquinhos pequenos que dão as palmeiras, que se chamão naquellas partes *chaveos*, que tem dentro mantimento do tamanho de huma avelãa. São todas estas ilhas abundosas de mantimentos, caças, pescados bons e mariscos.

CAPITULO XI.

Que trata do Rio Grande, terra dos Beafares, e seus costumes.

Da ponta de Bulama que he a primeira terra dos Beafares, vindo de fóra, entrando pelo passo da Ilha *das Arêas*, que he huma ilha alagadiça, quasi de huma legoa, a qual está da banda do Norte, arvorada de mangues e tarafes e outras arvores, — entrando por este passo, para ir para dentro, ha de ser com hum quarto de agoa vasia, indo a demandar as *Coroas de Bissegue*, para que tomem a agoa do Canal Grande de montante, e acabem de passar o passo com a agoa de jusante do Rio *de Bonàbo*, que he o que vasa

pelo longo da terra dos Papeis; porque vindo das Ilhetas, que hé este canal, hão de vir com agoa de montante até á ponta *de S. Martinho;* d'ali hão de ir com preamar, que quando fôrem a passar o passo desta Ilha vão já com hum quarto vasio; porque indo tanto avante como as Coroas com a jusante, que he a agoa de vasante, tomem a maré de enchente que entra por outro canal grande, que sahe por entre a Ilha Roxa e a de Matão-bole. Corre neste passo da Ilha das Areas a agoa mui rijamente, nem se póde navegar, com o mais fresco vento que haja, contra maré, senão ir com ella, assim com a vasante como com a enchente; porque entra por todos os canaes destas Ilhas dos Bijagós que ficão de fronte, e vem com tanto impeto que se não pode navegar senão com ella; e a entrada ha de ser por huma legoa da Ilha, e hão de vir por fundo de 4 até 5 braças, aréa limpa; porque indo por muitas braças não vão bem, e vão chegados á baixa *de Pero Alves*, que fica da banda do Ilheo dos Papagaios, e de baixa mar apparece como hum batel grande virado de quilha. Por isso indo pelo muito fundo não he boa navegação, porque correm risco de dar nesta baixa.

Indo para dentro vão correndo as ilhas dos Bijagós, as quaes ficão na entrada deste Rio como muro. Entre ellas navegão navios pequenos, por caso dos alfaques e baixos, porque dão muitas vezes em fundo de 20 braças, e logo outra prumada em 4, e a outra em secco. E ha canaes sabidos dos pilotos por onde navegão entre ellas. Por este canal do Rio Grande há alguns surgidouros; o primeiro he passando a primeira ponta da banda do norte onde estão humas praias brancas de arêa, que se chamão as *Praiinhas*, onde surgem bem perto da terra. E assim indo pelo rio acima, passando as Coroas de Bissegue, vai correndo a terra dos Beafares, e em qualquer enseada della, assim de huma banda como da outra, se acha fundo muito perto da terra, porque ao meio rio se não acha fundo de nenhuma maneira. Indo por elle acima até passar as *Sete Pontas* vai fazendo huma pernada ao Norte, que se chama o *Rio de Guinalá*, principal posto deste rio, onde acode muito resgate de escravos.

Esta terra de Guinalá fica repartida em tres fidalgos, que entre elles são como Duques, ficando hum da banda do Noroeste, que governa aquella terra chamada *Mompara*, e da banda do Sueste chamado *Bixiloli* outro, e o de *Balola*. E alem destes, outros mettidos pelo sertão, não tendo mais titulo que de fidalgos, sendo Senhores muito grandes, os

quaes tem tanta posse como o mesmo Rei a quem dão obediencia.

Esta terra dos Beafares he muito grande, e assim como he grande ha muitos reis, huns mettidos pelo Sertão, outros ao longo do Rio. No reino de Guinala, que he a primeira pernada, anda o reinado em duas gerações, na dos fidalgos e na dos plebeos. Ha tempos que herdão os fidalgos e entrão no reinado, e ha tempos que herdão os plebeos, — ferreiros ou sapateiros; e sabem os que governão quando cabe a qualquer destas gerações. E entrão no reinado sem guerra nem dissensões, porque não elegem para haver de ser rei senão hum muito velho, e nunca os fazem mancebos; e estes velhos vivendo muito os matão, e não os podem matar senão dentro dos paços a que elles chamão *Bruco*. E muitas vezes os Reis, quando se veem já muito velhos e veem que se lhe vai chegando a hora, dissimulão e dizem que querem ir ao porto a folgar com os nossos, e quando se tornão mettem-se em casa de seu Alcaide, e estão ali e não querem sahir de lá até que morrem, e para casa do alcaide levão alguns criados e criadas amados do rei e molheres suas, porque quando morre o rei e o enterrão matão e enterrão com elle alguns destes, até o cavallo, e dizem que tem necessidade de levar tudo isto para que o sirvão na outra vida. E tanto que o rei morre ou está mal, fogem estes seus privados que receião que os mandem com elle para o servirem; o mesmo fazem alguns fidalgos grandes, que tambem levão quem os sirva. Os reis que se não sahem dos paços para a casa do alcaide como fica dito, se vivem muito, os matão, não a punhaladas senão afogados, e como são velhos e fracos ha pouco trabalho para os acabarem. Isto se usa em alguns reinos dos Beafares e em outros não.

Nesta terra se enterrão os defuntos com grande apparato, cousa que se póde ver, porque vão accompanhando aquelle morto ao som de huns tambores muita gente e vai diante grão copia de soldados, que vão escaramuçando ao som dos tambores que vão tocando, e os que levão o morto caminhão apressados até o logar onde lhe fazem a pergunta que diga quem o matou, — que he da maneira que se faz no Reino de Casamança. Tem grandes leis; usão a agoa vermelha de que já se tratou. Os velhos sentencêão as causas com os fidalgos e senhores das terras verbalmente, e á pessoa condemnada fazem-lhe huma risca, e se não sahe della sem primeiro comprir a Sentença que contra elle foi dada.

He a lei entre elles acerca do adulterio, que quem fallar ás molheres dos reis nesta materia fique obrigado á culpa como se a fizéra, e ás dos fidalgos apegando dellas para esse effeito, e ás dos plebéos tendo copula com ellas. E sem embargo destas leis são mui devassas, e fazem cada dia adulterio aos maridos. E usão os adulteros de huma treta que he não terem copula com ellas em casa, senão no campo e em matos, porque depois accusando-os os maridos pelo caso, diz o adultero aos Juizes que lhe preguntem onde o fêz com sua molher. Se foi no campo jamais o dizem, porque o tem por grande infamia e dizem que são animaes; e não assignando lugar onde foi a culpa commettida, ficão os accusados livres. E provada, pagão aos maridos certa pena em que os condemnão, e aquelles ficão vivendo com suas molheres.

Os negros Beafares são grandes ladrões; furtão escravos, vacas, e todo o mais que achão. He gente vadia o mais do tempo. Ha falta de mantimentos nesta terra, chovendo muita agoa nella, mas são os negros tão preguiçosos que lhes não dá mais que furtarem e folgarem. Semêão muito pouco mantimento, e o mais delle comem em verde, sendo a terra aparelhada para milho, e tudo o mais que nella semearem assim pão como vinho. O Rio he de grande trato e he hum dos dous principaes que ha hoje no nosso Guiné, este e o S. Domingos. Acodem neste muitos escravos da propria terra, Beafares, e Mandingas por via de *Degola*, Naluns, Bijagós, e Buramos com quem confinão. As mercadorias que nella correm são panos de algodão e *teados* do mesmo, e algodão, vinhos, ferro, cavallos, vacas da propria terra, bezerros de hum anno, mantimentos e colas.

Estes negros andão vestidos em humas camisas compridas que lhes dão pelos giolhos, e huns panos cingidos até meia perna, e por de baixo delles trazem humas pelles de cabra cortidas sem cabellos. E muitos andão sem camisas nem panos, sómente com as pelles. Usão estas armas; — espadas, facas, e frechas hervadas. E trazem humas frechas grandes com huns ferros como quadrellos das nossas bestas antigas, e não traz hum negro mais que duas frechas destas no seu coldre, e das outras traz muitas. São grandes frecheiros. Aconteceo já nesta terra andarem os negros brigando e passar por ali huma negra com a criança ás costas. Dérão na criança com huma destas frechas dos ferros a que elles chamão *Maxaxa*, e a passárão de parte a parte com a mãi juntamente. Trazem facas, (afóra as espadas,) com que acommettem a hum homem com huma espada.

As molheres andão vestidas com huns panos curtos até meia perna; as moças donzellas andão nuas e não trazem mais que huns paninhos por diante, do tamanho de hum palmo; o mais trazem descoberto. E assim andão até que conversão homens; entonces se vestem como as outras.

Entre estes negros andão muitos que sabem fallar a nossa lingoa Portugueza, e andão vestidos ao nosso modo. E assim muitas negras ladinas chamadas *Tangomas*, porque servem aos lançados. E estas negras e negros vão com elles de huns Rios para os outros e á Ilha de S. Tiago, e a outras partes. Mas não o fazem os nossos sem primeiro haver licença de seus pais ou tios, irmãos dos pais, porque em todo Guiné se tem os tios por pais de seus sobrinhos, filhos de seus irmãos.

A terra dos Beafares he em si sadia, principalmente Guinalá, porque fica descoberta e desabafada dos matos. Ha bons mantimentos, pescados, e gallinhas; as carnes boas, assim de cabra como de vaca, muitos inhames e outros muitos legumes. Usão os negros deste Guiné, dos Casangas até á Serra Leôa, de hum instrumento de páo aberto por dentro e pelas ilhargas, e as cabeças serradas, do comprimento que querem, com os quaes passão palavra de huns aos outros, de maneira que se entendem e dão todos os avisos que querem, e chamando por elles huns aos outros acodem. E soão tanto que se ouvem duas a tres legoas, e com elles em poucas horas se appelidão. E chamão a estes intrumentos *Bambalos;* e todos os fidalgos e senhores os tem em suas casas, para avisarem e chamarem aos seus todas as vezes que querem. E acertando algumas vezes de fugirem aos nossos alguns escravos, vão dar conta disso ao Senhor da terra e lhe levão huma botija de vinho ou outra qualquer cousa. Não faz mais o fidalgo que tocar aquelle instrumento, e appelida-se logo a terra toda, de maneira que não escapão os escravos e os tomão. Tambem usão estes Beafares de hum instrumento musico que arremeda ás nossas charamelas, e se concertão, e se soubessem cantar o canto d'orgão se concertarião bem; e chamão aos que os tangem, *Jabundares.* Usão tambem trombetas de marfim e outros instrumentos e chocalhos ao seu modo.

Dos mais dos negros de Casamança até este rio, os fidalgos trazem hum anel de ferro no dedo grande, e no do meio hum chocalho para a parte de dentro da mão, e falando de quando em quando dão naquelles chocalhos com o

anel humas pancadas. E estes Beafares quando querem brigar, levão das armas, dão dos chocalhos, e dizem "*Hayaya*": quer dizer na sua lingoa; "Hoje se acaba tudo". E nas brigas sempre ha quem lhes traga á memoria as suas proezas e os feitos dos seus antepassados. Usão pouco cavalgarem cavallos; alguns Reis e fidalgos o fazem, mas poucas vezes: as mais das vezes he em vacas e bois, que para isso tem mansos, com as ventas furadas, nos quaes trazem huns cordeis ao modo de freio com que os governão; e andão muitas jornadas e tem muito bom passeio. O mesmo usão Casangas, Banhuns, Buramos, e Bijagós.

Sobre os Beafares fica hum *Farim* que he como Imperador entre elles, a quem todos os reis dos Beafares dão a obediencia, chamado *Farim-Cabo*, a quem tambem a dão os Mandingas do Rio Gambia da banda do Sul delle; e por toda esta terra dos Beafares andão Negros Mandingas, principalmente daquelles religiosos chamados Bixirins, dando nominas a estes gentios, e dizendo lhes mil mentiras, e como fallão pela boca do diabo, e como dizem muitas mentiras acerta de ser alguma verdade e por essa lhes dão muito credito. Os negros deste rio e negras são mui importunos huns e outros no pedir, e pedem tanto até que enfadão, e em lhes dizendo "*Malaco*," se vão logo, — quer dizer naquella lingoa; "Sapos"; que elles tem por grande mal. E com isto se armão os nossos para se livrarem das suas importunações.

Ha nesta terra humas aves grandes que se querem parecer com perús, mas não se encrespão como elles, nem lhes cahe a crista abaixo; são como as femeas. Por leis do Reino não se podem matar, nem ninguem as mata, porque ha grandes penas postas sobre isso. Tem por erronia aquella nação em dizerem que são estas aves as almas dos seus passados. Não ha negro nenhum que lhes faça nojo. Os nossos achando-as em lugares escusos, onde não sejão vistos, as matão e as comem. E alem destas não consentem matar as aves que pousão nas arvores que tem á porta ao longo de suas casas sem licença de seus donos, porque dizem que são seus hospedes a quem se não pode fazer mal. Ha outras aves grandes pretas que tem humas plumas brancas muita ricas.

Nesta terra de Guinalá se fez a maior feira que ha em toda a terra dos Negros, chamada de *Bijorei*, na qual se ajuntão mais de 12000 negros e negras, os mais formosos

que ha em todo Guiné, e vendem tudo o que naquella terra ha e das circunstantes; a saber, escravos, roupa, mantimentos, vacas e ouro, — que ha nesta terra algum e fino. E muitas vezes ha grandes brigas nesta feira, e se matão alguns, porque se embebedão com o vinho de milho que he como cerveja. Esta feira vai diminuindo hum dia para traz, como a de Casamança, porque fazendo-se n'huma semana á segunda feira, na outra se faz ao Domingo; e desta maneira vai sempre diminuindo hum dia para traz. Nella se faz justiça dos homicidos.

O rio quando sahe fóra vai muito accompanhado com grande guarda de frecheiros, e ás vezes com pouca; e posto que andem muitos Mandingas Cacizes entre estes Beafares, dizendo muitas cousas, não tem que fazer com elles; seguem a sua gentilidade, e não poem duvida a serem christãos: e alguns se fazem na propria sua terra, assim homens com molheres, dos que servem aos nossos e andão com elles, dos quaes está esta terra povoada de muitos que nella habitão, delles aposentados ao longo do Rio no Porto da Cruz, que he em Guinalá, a par de huma força que ali fizerão os nossos para defensão dos navios, que ali os vinhão tomar os Francezes; e dos negros que estão aldeados ao longo deste forte; e á mingoa de não haver quem pregue a palavra de Deos se não salvão muitos gentios destes, e estão muitos dos nossos lançados vivendo em peccado mortal sem se apartarem delle, morrendo nelle por falta de medicos da alma. Verdade he que o Bispo da Ilha de S. Tiago manda todos os annos visitar neste Rio como faz no de S. Domingos, mas nenhum fructo resulta da tal visitação. Se se póde dizer, tenho para mim que he causadora de viverem da maneira que vivem; porque não he de mais fructo que pagarem os lançados com pena pecuniaria a culpa commettida, e ficão vivendo sempre no mesmo peccado, servindo de casas de aluguer que todos os annos lhe vão dobrando as penas. Fallo nisto outra vêz, porque me péza ver entre Christãos tanto desemparo. Bem podia, Sua Magestade sendo servido, povoar-se este lugar do Rio Grande, e para isso não tem necessidade de mais, que mandar que haja nelle Justiça e pôr Clerigos que residão nelle, homens de boa vida, que edifiquem as suas obras e vida.

Nesta aldeia dos nossos estivérão no anno de 84, obra de quatro ou cinco mezes, huns frades carmelitas descalços, que com seu modo de vida e doutrina fazião grande fructo; por

onde me parece que por falta de quem pregue a Doutrina e Palavra de Deos não ha hoje nestas partes muita Christandade. Queira Deos por quem he, que em dias de S. Magestade se veja naquellas partes muito augmento na fé.

Não deixará de alterar-se o preço dos escravos e das outras mercadorias povoando-se esta terra; mas he necessario que se acuda mais ao serviço de Deos que ao proveito dos homens. Digo isto porque depois que os nossos se aldeárão e se pozérão todos a par do forte, comprão-se os escravos e o mais que na terra ha por mais preço do que soia ser; porque antigamente estavão afastados, aposentados em casas de fidalgos huma legoa, e meia, huns dos outros, e lhes acodia mais resgate, e não abatião huns aos outros, e erão guardadas suas pessoas dos seus hospedes e de seus parentes. Hoje saindo os nossos fóra da aldeia tratão-os os negros mal, e não são seguros como dantes, dizendo que querem estar por força na sua terra. Chamo tratar mal, se fizerem os nossos ou seus escravos qualquer desaguisado não o soffrem os negros, e sobre isso ha muitas brigas, e ás vezes mortes; o que não era dantes, estando aposentados com elles; e com tudo povoando-se e havendo Justiça não consentirá fazerem-se desordens, por onde haverá paz entre huns e outros: e como a não ha, da fazenda e de quem mais pode he a justiça.

CAPITULO XII.

Que trata do que ha mais nesta terra dos Beafares.

Estes Beafares não tem as suas casas aldeadas como as outras Nações, senão afastadas algum tanto humas das outras, e as fazem segundo a posse de cada hum, e no lugar onde as fazem vivem ali os parentes todos juntos, reconhecendo ao mais velho a quem dão obediencia; e por isso em alguns cazos de Juizos e Leis que entra elles ha, sendo condemnados algumas vezes os maiores a perdimento de bens e liberdade, se captiva huma geração toda.

Vivem apartados em casas de taipa cobertas de palhas, ás quaes, como cá se chama entre nós Quintas, chamão elles *Polonias*, e há algumas de alguns fidalgos muito grandes de

muitas casas; e as mais dellas ou todas se fazem a par de humas arvores muito grandes chamadas *Polões*, á sombra das quaes fazem seus Juizos e Consistorios. As terras são de alguns fidalgos a quem pagão alguns direitos dos mantimentos que hão, como entre nós o Dizimo: mas quanto á gente commua não tem terras nem herdades; a terra he commum a todos. Cada hum faz suas seáras segundo sua posse, e no tempo das novidades dos fructos agrestes que dão as arvores não as podem apanhar, senão todos juntos, por mandado do Senhor da terra; principalmente hum fructo chamado *Amanganacho*: apanhando-o alguma pessoa antes do mandado geral, por tal caso fica escravo e se vende.

Guardão bem as Leis postas por elles; nas quaes ha huma acerca do adulterio, que he fallando á molher do Rei nessa materia hão a culpa por commettida; e ás dos fidalgos, apegando dellas para esse effeito; e ás dos plebéos tendo copula com ellas; o sem embargo desta lei não deixão de ser as molheres muito devassas. Porque na culpa do adulterio, fazendo-se, ellas não tem castigo nenhum dos maridos, senão os adulteros que se condemnão muitas vezes em perdimento de bens e pessoas; mas ficão vivendo com suas molheres. E alguns Reis e fidalgos algumas vezes as matão ou vendem, mas os plebéos contentão-se com lhe pagarem a pena. E chamão ás Sentenças, *Cospir;* dizendo; = " O fidalgo de tal parte *tem cospido* que tem tal pessoa razão "; he como dizer: " Tal Senhor ou Juiz tem dado Sentença por Foão. "

Dos mantimentos da terra, que he milho e arroz, fazem os nossos huns bolos chamados *Batanquas*, que he o pão que comem; e o do milho-*massaroca* tem tanta substancia como o pão, e cozem este pão n'humas tigellas tão largas como huma rodella grande; e fazem a estes bolos da grossura de huma pataca, e amassão duas vêzes, pela manhã e á tarde, porque se há de comer quente. Estes negros se circuncidão como os outros de que já tratamos com as mesmas cerimonias.

Vai proseguindo este mesmo Rio, fazendo seu caminho ao Nordeste; e deixando a pernada que vai a Guinalá, começa a terra de *Biguba* da banda do Norte, que he dos mesmos Beafares, grande jornada de Guinalá, mas anda-se por mar n'huma maré em huma barca bem equipada; e posto que sejão Beafares tem outra ordem no herdar do Reino; porque o não herdão senão fidalgos, parentes do Rei, aos quaes chamão naquelle Reino, *Jagras*. E muitas vezes sobre o herdar do

Reino ha muitas guerras e dissensoens. E quando nella morre o Rei he como em Roma o Papa; porque se acolhem logo os nossos todos ao mar aos navios; e estando o Rei mal vão recolheado as fazendas e mercadorias ao mar, porque, em morrendo, dão logo estes *Jagras* com outros muitos pelas casas dos nossos, e os roubão, e não se aquietão senão depois de haver Rei; e muitas vezes dura isto hum anno e mais.

Ha hum costume ruim em todo Guiné, tirando o Rio de S. Domingos; pois, em todos os mais, se os nossos se não recolhem estando enfermos ao mar, para que morrão nos navios, morrendo em terra, os Reis della herdão as suas fazendas. Agora no Porto da Cruz, que he em Guinala, por amor do forte não ha isso; porque estão os nossos aposentados ao longo delle, e adoecendo alguns em outras partes deste Rio os trazem a esta povoação, ou os recolhem ao mar, para lhes segurarem as fazendas.

Esta terra de Biguba he boa; acodem muitos escravos da mesma terra, e da outra banda do Rio chamada *Bissegue*, que são tambem Beafares, os quaes confinão pelo sertão com os Naluns, donde entrão muitos escravos a esta terra por via dos mesmos Beafares que tem trato com elles. Esta terra de Biguba he toda coberta de muitos matos e arvoredos; chove nella muito; dão grandes trovões; cahem muitas pedras de corisco. Usa Nosso Senhor com estes Gentios de sua misericordia grandemente, porque lhes dá agua em abastança e muitos temporaes, e o inverno com tanta temperança que não pode mais ser; porque ainda que chova muita agua, logo torna o tempo sereno e bom; e desta maneira cria a terra muito. E ainda que esteja o tempo claro, arma-se huma nuvemsinha pequena, que vai se fazendo maior; e quando se não precatão começão de roncar os trovões; dá hum grande pé de vento, e antes de dar há de acalmar o outro que ventava de antes; e dando o vento dura por espaço de hum quarto de hora ou mais; deixa-se descarregar tanta agoa que não há podê-la esperar; tanto que chove logo cessa o vento e dura a agua huma hora ou duas; depois torna a esclarecer tudo e fazer sol; e por isso tem tão boas novidades.

Nem por isso deixão de terem erronias e ritos, porque ha alguns reis destes que reinando defendem que não lavrem arrozes por muitos annos, por dizerem que causará, fazendo-se, morrer muita gente, e outras vezes fazer-se de outros mantimentos pelo mesmo. Usão todos os Negros de Guiné

de vinhos de milho e do da palma; huns e outros embebedão, e com mais força o de milho. Nesta terra por causa do grande mato andão muitos leões, onças, e outros animaes, que de noute arrebatão algumas pessoas, e as levão. Matão-se no sertão della muitos elefantes, e da outra banda do rio; e muitas vezes passão este rio alguns a nado de huma banda á outra.

Fica acima deste Porto de Biguba outro chamado *Balola*, da mesma nação; tem rei; guardão as leis e costumes dos outros. Estão nesta terra muitos lançados, por ser pacifica e quieta, e acodir a ella muito resgate, assim de escravos (que aqui custão mais barato) como por haver mantimentos, por serem estes Negros dados mais á lavoura que os de baixo. Ficão sobre este reinado de Balola pelo sertão outros reis da mesma nação, que guardão as mesmas leis e costumes.

Neste Porto, e no de Biguba e Guinala, ha bons varadouros; concertão-se nelles navios. Ha muito boas fontes nadivas de mui ricas agoas. Correndo por este mesmo rio da banda do Sul, são todos Beafares; tem reis, os quaes guardão as mesmas leis, costumes, vestidos e juramentos dos outros Reis, de que se tem dito, da mesma nação. Vão correndo estes mesmos Beafares ao beira-mar deste rio até dar no ponta de fóra, de fronte da Ilha de Matão-boli. Fica esta ponta da terra firme cortada como Ilha, e morão e habitão nella os negros que fugirão aos nossos e aos mesmos negros, e se vierão ajuntar nesta parte tantos que a povoárão; e ali estão alevantados.

Esta terra dos Beafares, da outra banda do Rio, da banda do Sul e Leste, pelo sertão della parte com os *Naluns*. Ha fructas que os Negros comem e se mantem dellas, que são *Mompatazes* e amexas que se querem parecer com as nossas, mas differentes no sabor. Ha muita farroba, e cabaças que dão as farinhas brancas, e hum fructo a que chamão *Manépulos*, que são amarellos, e do tamanho de amexas e maiores; cheirão bem, são medicinaes, applacão o sangue. Dá-se açucar desfeito em agoa com estes *manépulos* em lugar de enxaropes. As arvores que dão este fructo são grandes, mas o páo em si he muito molle e tem o cortiço grosso e duro. As folhas destas arvores são medicinaes; cosidas em agoa servem de dar banhos aos enfermos. Ha uvas bravas, e tem os bagos quasi como as nossas. Ha muitas canas de Bengala, mas não as sabem concertar; e

muitas rotas, e destas canas e rotas fazem os nossos que lá andão lançados amarras para os seus navios. Ha muita madeira, páos de côres, vermelhos e adamascados e amarellos, e as canas que na nossa India chamão *Bambus*.

Neste rio andão almadias grandes em que andão muitos negros ladrões que pela lingoa da terra chamão *Gampisas*. São como bandoleiros; continuadamente andão neste officio; furtão escravos que trazem a vender aos navios por não serem descubertos. E tem por costume estes negros e todos os mais que vendem negros furtados, quando os vendem, dão-lhes a beber vinho ou comer alguma cousa que lhes dão á conta do mesmo negro que vendem, e dão-lhe o comer ou beber, porque dizem que ficão desencarregados da consciencia, porque o mesmo vendido ajudou a comer o seu dinheiro. E são tão sagazes que se veem algum visonho do sertão, fingem que os querem agasalhar, e os recolhem em suas casas; e tendo-os nellas alguns dias lhes mettem em cabeça que tem no mar amigos e os querem levar lá para que sejão conhecidos delles e para folgarem; e indo aos navios os vendem; e desta maneira enganão a muitos destes.

Ha neste Rio huns peixes grandes como marraxos, a que chamão *Sardas*, muito ruins. Tem na cabeça tres ordens de dentes; acommettem altissimamente as pessoas estando na agoa, e as matão. São estes Beafares muito amigos da *cola*, e daqui corre a mesma *cola* para a Degoula em cafilas e almadias, como já fica dito. Ha muitos bichos bons, como são ginetas, gatos de algalia, e *saninhas*, que são pequenas e tem os rabos arripiados de muitos cabellos, e levantando o rabo para cima ficão cubertas com elle, e outros muitos animaes que ha nas outras partes.

CAPITULO XIII.

Que trata dos Reinos dos Naluns, Bagas e Coquolins, e dos seus costumes.

Passando a ponta da Ilha dos Escravos começa á terra dos Naluns, a qual tem hum Rio pequeno, no qual não podem entrar navios de mais porte que até sessenta moios.

Estes Naluns vão cingindo por huma ala aos Beafares da terra de Bissegue pelo sertão della, e vão correndo ao longo della até se emparelharem por cima. Estes Negros, posto que sejão muito visinhos dos Beafares, são mui differentes na linguagem e no traje e no mais. São quasi bravos; andão despidos; trazem humas pelles vestidas, em que trazem as vergonhas, parte dellas cubertas, e parte descubertas; porque trazem as naturas mettidas debaixo de humas correas largas com que se atacão, e os bolsos dependurados de fora, — parece que pelos não molestarem. Andão muito justos naquelle modo de calças. Trazem os nariges furados, na ponta delle, entre huma venta e outra. Fazem muitos lavores pelas pernas e pescoço, e as melheres pelo rosto. He gente brava, mas depois de os acostumarem se fazem bons e serviçaes. Não temos ainda com elles commercio descuberto como com os outros; porque os escravos que delles nos vem resgatão-se por via dos Beafares de Bissegue e Balola, porque alguns destas partes tem trato com elles. Vendem estes Naluns escravos, esteiras finas, marfim, mas os dentes pequenos, porque não podem trazer os grandes. E nesta terra se matão muitos elefantes, e quasi que duvido a dizer o modo como se matão, porque duvidarão os que o lerem; fação o que quizerem; he verdade e por isso o digo. Estes negros, não sei porque arte, se mettem debaixo dos elefantes com humas azagaias muito largas e grandes, e mettendo-se dão-lhes com aquella arma huma e as mais vezes que podem, e acolhem-se. Começa o elefante de correr a huma e a outra parte, e vão-lhe cahindo as tripas delgadas, e com as mãos e pés as vai trilhando e quebrando até que morre. Vai o negro pelo rasto do sangue dar com elle morto. Desfazem-o; dão ao rei o que tem d'ali, que são as mãos e pés e a tromba; o mais comem elles. Perguntando algumas vezes a alguns negros como se mettem debaixo daquelle animal tamanho e tão espantoso, respondião que comião mézinha para isso. Seja como fôr, elles o fazem.

O Rio desta terra he de grande trato, e a mercadoria nossa que mais vale nelle he o chumbo; e ha-se de levar em barretas pequenas, e a troco delle se faz muito marfim; e ha dentes de mais de quintal. Ha muitos annos que a elle não forão navios nossos, porque ha muitos homens a quem se lhes dá pouco damnarem quantos Rios e Resgates há em Guiné. Foi a este rio, ha muitos annos hum navio de homens não practicos daquelles partes. Estes entrárão neste

Rio e resgatárão muito marfim a troco de bem pouco, e os negros os não estranhárão, e forão abordo; e estes, por cobiça de huma duzia de negros que tomárão, damnárão este resgate, de maneira que ha muitos annos que não vão a elle, como não vão a outros muitos onde fizerão o mesmo.

Ha nesta terra muitos bufaros, e todos os mais animaes que ha nos outros rios, (tirando cavallos que elles nunca virão,) muito gado vacum, e são grandes criadores. Ha huma erronia entre elles que he dizerem que tem mettidas suas almas em animaes, como em onças e leões, e todos os mais animaes bravos e ferozes, e que, morrendo o animal onde dizem que tem mettida a sua alma, morrem elles; e estão muito crentes nesta erronia. Parece que o demonio ordena isto de maneira que o creião, e já me aconteceo perguntar a alguns desta geração: *Vem cá: onde tinheis mettido na tua terra a tua alma?* E respondeo-me dizendo: *Em hum Leão;* — ou em outro animal. E tornei-lhe a perguntar: *E agora onde a tens?* E respondeo-me: *Agora não; porque vim a terra de christãos, e sou christão; ficou tudo na minha terra.* São bons e seguros os moços e moças, porque os grandes antes de se fazerem comnosco são mui riscosos e morrem.

A terra destes Naluns he grande, e della pode haver muito resgate, assim de escravos como marfim; mas está por amansar; e não temos com elles commercio senão por via dos Beafares, como está dito.

Acabante estes Naluns entra o *Rio do Nuno*, terra dos *Bagas* e *Coquolins*, os quaes tem trato comnosco no beira-mar. Faz esta terra hum Rio; a barra delle he algum tanto perigosa por amor da baixa que tem á entrada. Estes Negros andão vestidos como os Sapes, de roupetas e bragas de algodão; e por bragas trazem huns panetes, e delles calções. E se entendem com os Sapes, ainda que estão longe huns dos outros, como os Portuguezes e Hespanhóes. Os Naluns que ficão atraz, de que já tratamos, e os Bagas que são estes, e os Coquolins que ficão ao sertão destes, — todos se entendem.

O principal resgate deste Rio são tintas, não como as da Costa de que já tratamos no 1.º Cap.º, que se fazem do mesmo de que se faz o verdadeiro anil: estas deste Rio são differentes, porque são arvores como hera, e vão trepando pelas outras arvores, e tem as folhas largas. E os negros, no tempo, apanhão estas folhas e as pisão, e fazem huns pães como de assucar, assim grandes, enfolhados com as folhas

de *cabopa*, e vem os nossos navios carregarem-se destas tintas, que he huma grande trato, para o Rio de S. Domingos. E já nos outros annos, governando a Rainha Donna Catherina, que Deos haja, se mandou carregar e trazer á cidade de Lisboa huma caravela destas tintas, para as experimentarem, e se levou a Cadis parte da tinta. Não sei de que modo a achárão, mas sei que da Ilha de S. Tiago se levou por muitas vezes a tinta que se nella faz a Sevilha e a Cadis e a achárão boa e da herva de que se faz o verdadeiro anil; e já se faz na mesma ilha. E o anno de 92, vindo della huma caravella nossa, foi tomada dos Inglezes, e nella achárão hum barril de anil em taboletas, o qual festejárão muito. E nas Ilhas do Cabo Verde se pode fazer muito anil, por haver nellas muita quantidade da herva de que se faz; e a boa he a mais chegada ao mar. Deixo de fallar nesta herva, e torno ao Rio do Nuno de que hiamos tratando.

Esta tinta que delle se tira leva-se para o Rio de S. Domingos, e nelle se gasta na propria terra dos Buramos e Banhuns; e se leva a Casamança, e he muito bom resgate, porque della se fazem escravos e mantimentos e todo o mais resgate; e as taboletas se vendem inteiras e em pedaços, e correm, como moeda entre nós, para os gastos. Tingem com esta tinta, e a prepárão para tingirem com ella da maneira que se prepara a da Costa, como se já disse. Tira-se deste Rio muito marfim, porque matão os elefantes da maneira que os matão os Naluns.

Estes Bagas são mui atraiçoados. Folgão estranhamente de matarem aos nossos, quando se desmandão pela terra a irem chatinar; e se sentem que he homem de sua pessoa, não o acomettem, e quando o fazem há de ser á traição. E em os matando cortão-lhes as cabeças e danção com ellas e escaramução e ficão cavalleiros. E depois as cozem e tirão a carne toda, e limpas da carne e miolos bebem por ellas, servindo-lhes de pucaros. Nisto não ha duvida. E quantos mais vasos tiver hum negro em sua casa mais honrado he. E hão de entender que não hão de ser somente de brancos, senão de quaesquer pessoas que elles possão matar. Suas armas são humas azagaias de huns ferros largos e compridos, como de partazanas. Usão espadas, frechas e adargas de verga e rota boas. Tem suas almadias, que navegão de huma parte para a outra, e de rio em rio ao longo da terra.

O principal trato della que lhe levão os nossos he sal,

bacias de latão, estanho, cobre, ferro, chasinas de cabras, e outras carnes salea, pano vermelho, e buzio grosso. E ainda que estes Bagas matem aos nossos como se tem dito, não faltão nesta terra lançados que nella habitem e andem a resgatar com elles, porque alguns são guardados dos seus hospedes; e ha outros tão maos que depois do hospede se lhe ir de casa o vão esperar no caminho emboscados e o matão se podem. Indo dous outros em camarada os não acomettem e se mettem pela terra.

Nas ribeiras desta terra há prata, como póde haver em outras muitas partes deste Guiné, que ainda está virgem, porque os Negros delle não sabem buscar minas nem betas de metaes, mais que aquillo que a boamente lhes dá e descobre a terra nas invernadas; nem tão pouco são buscadas pelos nossos, que até ao presente não pertendêrão tirar delle mais que escravos, cera, marfim, e algum ouro que vendem os negros; e por negligencia nossa, e não entenderem alguns dos nossos, que se mettem pela terra dos negros, de metaes, não se tem hoje descobertas algumas minas naquellas partes. Nas ribeiras deste Rio do Nuno ha em algumas partes muitas marquezitas, e no mesmo rio esteve hum ourives chamado Araujo. Este tinha achado ao longo destas ribeiras humas betas de prata, e se mettia em hum bosque perto d'ali com forja e seus aviamentos, e ali fundia a prata e fazia manilhas della que vendia aos negros, e não ousava a fazer a fundição em casa por temor do hospede com quem pousava. Dando depois a este hum medo na imaginação que se os negros viessem a saber como elle fazia aquellas manilhas do proprio metal que achava na sua terra delles, dirião que lhes tornava a vender o seu delles, e que por isso o matarião, deu nelle tamanho medo que se recolheu para o Rio Grande terra dos Beafares, onde morreu sem descubrir as betas que tinha achadas, as quaes buscando-se por pessoa que conheça metaes não deixará de as achar.

Estes Negros vão correndo até o Cabo da Verga, onde começão os Sapes, mas todos se entendem como já se disse. Não vendem negros neste Rio; parece que não dérão nisso, mas antes os comprão. Os mantimentos que nelle ha he arroz, milho, muitos animaes que matão, muito pescado, muitas aves, e vinho das palmeiras.

Adiante está o *Rio da Furna* que he destes mesmo Bagas, no qual ha tambem tintas, mas não são tão boas nem tão grandes como as do Nuno. As melhores são as que tra-

de vinhos de milho e do da palma; huns e outros embebedão, e com mais força o de milho. Nesta terra por causa do grande mato andão muitos leões, onças, e outros animaes, que de noute arrebatão algumas pessoas, e as levão. Matão-se no sertão della muitos elefantes, e da outra banda do rio; e muitas vezes passão este rio alguns a nado de huma banda á outra.

Fica acima deste Porto de Biguba outro chamado *Balola*, da mesma nação; tem rei; guardão as leis e costumes dos outros. Estão nesta terra muitos lançados, por ser pacifica e quieta, e acodir a ella muito resgate, assim de escravos (que aqui custão mais barato) como por haver mantimentos, por serem estes Negros dados mais á lavoura que os de baixo. Ficão sobre este reinado de Balola pelo sertão outros reis da mesma nação, que guardão as mesmas leis e costumes.

Neste Porto, e no de Biguba e Guinala, ha bons varadouros; concertão-se nelles navios. Ha muito boas fontes nadivas de mui ricas agoas. Correndo por este mesmo rio da banda do Sul, são todos Beafares; tem reis, os quaes guardão as mesmas leis, costumes, vestidos e juramentos dos outros Reis, de que se tem dito, da mesma nação. Vão correndo estes mesmos Beafares ao beira-mar deste rio até dar no ponta de fóra, de fronte da Ilha de Matão-boli. Fica esta ponta da terra firme cortada como Ilha, e morão e habitão nella os negros que fugirão aos nossos e aos mesmos negros, e se vierão ajuntar nesta parte tantos que a povoárão; e ali estão alevantados.

Esta terra dos Beafares, da outra banda do Rio, da banda do Sul e Leste, pelo sertão della parte com os *Naluns*. Ha fructas que os Negros comem e se mantem dellas, que são *Mompatazes* e amexas que se querem parecer com as nossas, mas differentes no sabor. Ha muita farroba, e cabaças que dão as farinhas brancas, e hum fructo a que chamão *Manépulos*, que são amarellos, e do tamanho de amexas e maiores; cheirão bem, são medicinaes, applacão o sangue. Dá-se açucar desfeito em agoa com estes *manépulos* em lugar de enxaropes. As arvores que dão este fructo são grandes, mas o páo em si he muito molle e tem o cortiço grosso e duro. As folhas destas arvores são medicinaes; cosidas em agoa servem de dar banhos aos enfermos. Ha uvas bravas, e tem os bagos quasi como as nossas. Ha muitas canas de Bengala, mas não as sabem concertar; e

muitas rotas, e destas canas e rotas fazem os nossos que lá andão lançados amarras para os seus navios. Ha muita madeira, páos de côres, vermelhos e adamascados e amarellos, e as canas que na nossa India chamão *Bambus*.

Neste rio andão almadias grandes em que andão muitos negros ladrões que pela lingoa da terra chamão *Gampisas*. São como bandoleiros; continuadamente andão neste officio; furtão escravos que trazem a vender aos navios por não serem descubertos. E tem por costume estes negros e todos os mais que vendem negros furtados, quando os vendem, dão-lhes a beber vinho ou comer alguma cousa que lhes dão á conta do mesmo negro que vendem, e dão-lhe o comer ou beber, porque dizem que ficão desencarregados da consciencia, porque o mesmo vendido ajudou a comer o seu dinheiro. E são tão sagazes que se veem algum visonho do sertão, fingem que os querem agasalhar, e os recolhem em suas casas; e tendo-os nellas alguns dias lhes mettem em cabeça que tem no mar amigos e os querem levar lá para que sejão conhecidos delles e para folgarem; e indo aos navios os vendem; e desta maneira enganão a muitos destes.

Ha neste Rio huns peixes grandes como marraxos, a que chamão *Sardas*, muito ruins. Tem na cabeça tres ordens de dentes; acommettem altissimamente as pessoas estando na agoa, e as matão. São estes Beafares muito amigos da *cola*, e daqui corre a mesma *cola* para a Degoula em cafilas e almadias, como já fica dito. Ha muitos bichos bons, como são ginetas, gatos de algalia, e *saninhas*, que são pequenas e tem os rabos arripiados de muitos cabellos, e levantando o rabo para cima ficão cubertas com elle, e outros muitos animaes que ha nas outras partes.

CAPITULO XIII.

Que trata dos Reinos dos Naluns, Bagas e Coquolins, e dos seus costumes.

Passando a ponta da Ilha dos Escravos começa á terra dos Naluns, a qual tem hum Rio pequeno, no qual não podem entrar navios de mais porte que até sessenta moios.

goa quente com que se lavem; e depois de lavados, e tornados ao aposento onde está o senhor da pousada, e assentados, com suas cortesias, dizem ao que vem; e, se hão de estar alguns dias na terra, manda o Senhor da pousada vir todas suas molheres, nas quaes lhes manda que escolhão a que melhor lhes parecer, e a que escolherem tem obrigação de os servir, todo o tempo que ali estiverem, de todo o serviço, porque não tenha razão o hospede de lhes tomar nenhuma das outras molheres, e por isso lhe dá aquella a seu contento; e se lhe acerta de tomar alguma das outras, fica obrigado a suas leis, que he o perder os bens que tiver. Esta molher que assim escolhe, posto que se elle vá para qualquer parte, cada vez que tornar á dita casa fica com a mesma obrigação que de antes tinha de o servir; e tem obrigação de dar a ella de vestir; e os filhos que tem as molheres que lhes dão, ficão sendo filhos do mesmo Senhor da pousada como os outros; e se acerta de ser de branco, dão-o ao pai que o leve.

O governo e juizos destas nações dos Sapes he terem na sua aldeia huma casa grande, com hum alpendre redondo, na qual casa pousa o rei; e no alpendre a que elles chamão, "*Funco*", tem hum assento como tribunal das audiencias; e da casa do rei se vem a este *funco*, o qual está armado de sua tapeçaria por baixo e por cima, que são esteiras de cores finas. E neste aposento se ajuntão o Rei e os *Solategis*, que são pessoas principaes do Reino. Em segredo administrão justiça; pondo-se o Rei no tribunal alto, ficão os Solategis mais abaixo delle, assentados de huma banda e da outra; e apparecem as partes que hão de requerer justiça, e para seus advogados sahem huns a que chamão *Arôes*, vestidos com invenções de pennas e chocalhos, e os rostos cobertos de humas mascaras mui fêas, com suas azagaias nas mãos, em que se encostão para proporem as razões das partes, e fallão. Hum acabado falla outro, e assi vão correndo e requerendo a justiça das partes, até por razões vencerem huns aos outros. E a causa de virem estes advogados assim mascarados, he porque não tenhão vergonha e empacho de não fallarem no tribunal diante do Rei. E no fim das suas razões dão sentença o Rei e os Solategis; e logo publicamente se faz execução na parte condemnada. Se he causa civel, ali manda trazer as penas em que he condemnado, sem se d'ali sahir. E desta maneira se hão seus juizos. Os feiticeiros matão-os; cortão-lhes as cabe-

Rio e resgatárão muito marfim a troco de bem pouco, e os negros os não estranhárão, e forão abordo; e estes, por cobiça de huma duzia de negros que tomárão, damnárão este resgate, de maneira que ha muitos annos que não vão a elle, como não vão a outros muitos onde fizerão o mesmo.

Ha nesta terra muitos bufaros, e todos os mais animaes que ha nos outros rios, (tirando cavallos que elles nunca virão,) muito gado vacum, e são grandes criadores. Ha huma erronia entre elles que he dizerem que tem mettidas suas almas em animaes, como em onças e leões, e todos os mais animaes bravos e ferozes, e que, morrendo o animal onde dizem que tem mettida a sua alma, morrem elles; e estão muito crentes nesta erronia. Parece que o demonio ordena isto de maneira que o creião, e já me aconteceo perguntar a alguns desta geração: *Vem cá: onde tinheis mettido na tua terra a tua alma?* E respondeo-me dizendo: *Em hum Leão;* — ou em outro animal. E tornei-lhe a perguntar: *E agora onde a tens?* E respondeo-me: *Agora não; porque vim a terra de christãos, e sou christão; ficou tado na minha terra.* São bons e seguros os moços e moças, por que os grandes antes de se fazerem comnosco são mui riscosos e morrem.

A terra destes Naluns he grande, e della pode haver muito resgate, assim de escravos como marfim; mas está por amansar; e não temos com elles commercio senão por via dos Beafares, como está dito.

Acabante estes Naluns entra o *Rio do Nuno*, terra dos *Bagas* e *Coquolins*, os quaes tem trato comnosco no beira-mar. Faz esta terra hum Rio; a barra delle he algum tanto perigosa por amor da baixa que tem á entrada. Estes Negros andão vestidos como os Sapes, de roupetas e bragas de algodão; e por bragas trazem huns panetes, e delles calcões. E se entendem com os Sapes, ainda que estão longe huns dos outros, como os Portuguezes e Hespanhóes. Os Naluns que ficão atraz, de que já tratamos, e os Bagas que são estes, e os Coquolins que ficão ao sertão destes, — todos se entendem.

O principal resgate deste Rio são tintas, não como as da Costa de que já tratamos no 1.º Cap.º, que se fazem do mesmo de que se faz o verdadeiro anil: estas deste Rio são differentes, porque são arvores como hera, e vão trepando pelas outras arvores, e tem as folhas largas. E os negros, no tempo, apanhão estas folhas e as pisão, e fazem huns pães como de assucar, assim grandes, enfolhados com as folhas

Os Solategis, que são os fidalgos, quando o Rei os poem nesse titulo e dignidade que cada hum merece, he nesta forma: — Vão ao *funco*, onde se julga, na qual o assentão em hum assento de páo lavrado que serve de cadeira; e ali trazem huma fressura de cabra, com que dá o mesmo Rei pelas queixadas ao Solategi, ficando os rostos e peito untados daquelle sangue, e deitão em cima delle farinha de arroz, e lhe poem o Rei hum barrete vermelho na cabeça. E feitas estas ceremonias fica sendo Solategi, que he dignidade como do Concelho d'el Rei e fidalgo, com a qual fica podendo estar nos Conselhos e Juizos, e tem nelles suas esportulas dos condemnados; e achando-se em outro qualquer reino, ainda que não seja no seu, fica usando e gozando de seus privilegios e liberdades, como se fôra na propria sua terra.

Estes negros em suas aldeias tem mettido em cabeça aos plebéos, que em certos dias do anno sahe o seu demonio, que elles tem por Deos, a que chamão a *Contuberia*; e antes de sahir apregoão pela aldeia, que todos fechem suas portas, e que não appareça pessoa nenhuma pelas ruas, porque sahe o demonio a passear por ellas. Pelo que se recolhem e se fechão; e não he outra cousa este Demonio e *Contuberia* senão o Rei com os Solategis ou fidalgos, os quaes vão nús, com hum páo furado ao modo de huma zarbatana, no qual vão tangendo como em huma trombeta, e faz hum som e arruido grande, e elles com páos e chocalhos fazendo grande matinada pelas ruas e aldeia. E se ladra algum cão, ou se ouve cousa viva em alguma casa, os de dentro hão lhe de deitar logo a cousa para que elles a matem. E se acertão de achar alguma pessoa que vem de fóra sem saber do pregão, o matão a poder de pancadas, salvo se o Rei lhe acode lançando-se sobre ella, pondo-lhe o seu barrete na cabeça; com o qual effeito fica sendo Solategi, e podendo ver e entrar nesta Contuberia.

Tem por ordem nos reinos terem huma casa grande apartada das outras, a que chamão Casa de Religião, da qual he guarda hum fidalgo velho, tido e havido entre elles por homem de boa vida. Nella se recolhem todas as moças donzellas da aldeia ou lugar, e ali estão por tempo de hum anno ou mais, doutrinadas pelo velho, e nella lhes acodem seus pais com os mantimentos necessarios, mas não as vem nem fallão com ellas; e estes velhos mudão os nomes a estas donzellas, pondo-lhes outros differentes dos que tinhão; e quan-

bacias de latão, estanho, cobre, ferro, chasinas de cabras, e outras carnes salsas, pano vermelho, e buzio grosso. E ainda que estes Bagas matem aos nossos como se tem dito, não faltão nesta terra lançados que nella habitem e andem a resgatar com elles, porque alguns são guardados dos seus hospedes; e ha outros tão maos que depois do hospede se lhe ir de casa o vão esperar no caminho emboscados e o matão se podem. Indo dous outros em camarada os não acomettem e se mettem pela terra.

Nas ribeiras desta terra há prata, como póde haver em outras muitas partes deste Guiné, que ainda está virgem, porque os Negros delle não sabem buscar minas nem betas de metaes, mais que aquillo que a boamente lhes dá e descobre a terra nas invernadas; nem tão pouco são buscadas pelos nossos, que até ao presente não pertendêrão tirar delle mais que escravos, cera, marfim, e algum ouro que vendem os negros; e por negligencia nossa, e não entenderem alguns dos nossos que se mettem pela terra dos negros, de metaes, não se tem hoje descobertas algumas minas naquellas partes. Nas ribeiras deste Rio do Nuno ha em algumas partes muitas marquezitas, e no mesmo rio esteve hum ourives chamado Araujo. Este tinha achado ao longo destas ribeiras humas betas de prata, e se mettia em hum bosque perto d'ali com forja e seus aviamentos, e ali fundia a prata e fazia manilhas della que vendia aos negros, e não ousava a fazer a fundição em casa por temor do hospede com quem pousava. Dando depois a este hum medo na imaginação que se os negros viessem a saber como elle fazia aquellas manilhas do proprio metal que achava na sua terra delles, dirião que lhes tornava a vender o seu delles, e que por isso o matarião, deu nelle tamanho medo que se recolheu para o Rio Grande terra dos Beafares, onde morreu sem descubrir as betas que tinha achadas, as quaes buscando-se por pessoa que conheça metaes não deixará de as achar.

Estes Negros vão correndo até o Cabo da Verga, onde começão os Sapes, mas todos se entendem como já se disse. Não vendem negros neste Rio; parece que não dérão nisso, mas antes os comprão. Os mantimentos que nelle ha he arroz, milho, muitos animaes que matão, muito pescado, muitas aves, e vinho das palmeiras.

Adiante está o *Rio da Furna* que he destes mesmo Bagas, no qual ha tambem tintas, mas não são tão boas nem tão grandes como as do Nuno. As melhores são as que tra-

comem, como na terra dos Limbas, que de nenhuma maneira o ha nem o comem; em tanto que se esta gente vem a outras partes e o comem, logo inchão e morrem delles.

Ha nestas 80 legoas e limites da Serra Leôa muitos Rios caudaes que correm ao mar do sertão, mui frescos; porque vão os navios por elles acima muitas legoas, cobertos de muitas arvores, povoados de huma banda e da outra em aldeias a que descem muitos resgates; e os principaes rios são os seguintes: o Rio das *Pedras*, o de *Capor*, o de *Tambacira*, o de *Maca-mala*, (onde está a Serra do Cristal,) o de *Calenche-cafu*, e o de *Mitombo*, que corre ao longo da Serra Leôa; faço esta declaração para os que não virão este Rio *Tagarim* ou *Mitombo*; porque o de Tagarim corre ao longo da Serra Leôa, ficando o Rio de Tagarim ao Norte e a Serra ao Sul; o Rio de *Bangue* corta a Serra por outra banda, de maneira que com pouco trabalho se pode acabar de cortar, porque delle passão os negros as suas embarcações por terra ao Rio Tagarim, varando-as; e cortando-a ficará a ponta da Serra, que he o *Cabo Ledo*, em ilha.

O Rio de Calanche-cafu cerca a Serra do Cristal pela banda do Sul, e o Rio de Tambacira vai dar ao pé della pela outra banda. O Rio de Toto tem em si muitas larangeiras, e a barra he toda de vasa solta, e vão os navios por elle á vella. O Rio de *Tanglecu*, o Rio de *Butibum*, e o Rio das *Allianças*, todos são mui frescos, de muitas arvores, e de muitos palmares, e muitas larangeiras. E ha nestas partes o Páo do Brasil, de que fazem as tintas, e chama-se *Cama*, e dizem que he tão fino, que dá sete tintas, e que he parda a derradeira. E ha este páo no Rio de *Bagarra-bomba*; ha canas d'açucar, algodão, malagueta, a qual se dá em humas arvores pequenas como bananeiras em capulhos; ao pé da arvore ha *Mantubilha* que he outra maneira de malagueta, a qual queima, e tinge como açafrão. E nestas partes se podem fazer muitas embarcações, porque ha muita madeira e boa para isso. Ha muito mantimento de arroz limpo e de casca, milho a que chamão branco, e marfim, colas que he o principal resgate para o Rio de Gambia e os mais Rios de Guiné, a qual se dá em arvores como castanhas, em eiriços sem espinhos. Ha ferro da propria terra; e ouro que tambem se resgata nestas partes.

Do Cabo da Verga vinte-e-cinco legoas para o Sul, estão os *Idolos*, que são tres ilhas, huma dellas povoada, e

não *Taguchos*. Estes e Sapes todos se entendem e se communicão. Nestas ilhas se acha muito amber; ha muita cera, marfim, e escravos que já vendem os negros.

N'hum destes esteiros veio ter hum Bento Corrêa da Silva, natural da Ilha de S. Thomé, o qual achando a terra boa, se aposentou nella com hum irmão seu; e foi ajuntando parentes e amigos; e povoou naquella parte huma aldeia da qual he senhor, obedecido de mais de 3000 negros. E tem nella sobrinhas, filhas de hum seu irmão, por nome Jordão Corrêa, que faleceo na mesma terra; e estas sobrinhas casadas, e assim as filhas do mesmo, e sobrinhos e filhos; finalmente que haverá nella perto de 500 pessoas desemparadas dos Sacramentos, e morrem sem elles, por causa e falta de não haver hum Convento de Religiosos na Ilha de S. Tiago, onde podem ir fazer muito serviço a Nosso Senhor e a S. Magestade. E querendo-se acabar de povoar esta terra, ou passar esta gente a povoarem outra parte, não he necessario mais que a proverem de sacerdotes e justiça.

A este Rio descia da Serra, que fica sobre os portos do mar, huma nação de Negros chamados *Putazes*, e outros *Souzos*, a resgatar sal com tintas e panos d'algodão e vestidos feitos que trazião dos Fulos, que ficão cingindo todas as Nações dos Negros por cima. E trazem mais huma palha que serve de tinta, chamada pela lingoa da terra, *Maroque*; e os nossos e os negros da terra a comprão e levão a vender aos Rios de *Bagara-bomba*, e *Toto*, e *Bulo*, e mais rios que vão de Serra Leôa para o Sul, e por causa do medo dos *Sumbas* (de que se tratará ao diante) mudarão os Putazes este trato aos Rios do Nuno e Furna, e deixarão as Cagaçaes.

Nesta terra andão os Negros vestidos com suas roupetas e calções de algodão; e as armas que trazem são azagaias, espadas, e frechas. As molheres andão vestidas com seus panos. O resgate que se a elle leva são panos d'algodão, roupa preta da India, panos de Rás, barretes vermelhos, gabões pretos para os principaes, chapeos novos e velhos, tintas, alaquequa, e brandil da India, continha de Veneza, trombetas bastardas, bacias de latão, e sal.

O costume destes Negros he quando ás suas casas chegão algumas pessoas que vem ahi ter ou passar, em chegando antes de lhes tratar da sua vinda, a primeira cousa com que os agasalhão he metterem-os em huma casa, e darem-lhes a-

de *cabopa*, e vem os nossos navios carregarem-se destas tintas, que he huma grande trato, para o Rio de S. Domingos. E já nos outros annos, governando a Rainha Donna Catherina, que Deos haja, se mandou carregar e trazer á cidade de Lisboa huma caravela destas tintas, para as experimentarem, e se levou a Cadis parte da tinta. Não sei de que modo a achárão, mas sei que da Ilha de S. Tiago se levou por muitas vezes a tinta que se nella faz a Sevilha e a Cadis e a achárão boa e da herva de que se faz o verdadeiro anil; e já se faz na mesma ilha. E o anno de 92, vindo della huma caravella nossa, foi tomada dos Inglezes, e nella achárão hum barril de anil em taboletas, o qual festejárão muito. E nas Ilhas do Cabo Verde se pode fazer muito anil, por haver nellas muita quantidade da herva de que se faz; e a boa he a mais chegada ao mar. Deixo de fallar nesta herva, e torno ao Rio do Nuno de que hiamos tratando.

Esta tinta que delle se tira leva-se para o Rio de S. Domingos, e nelle se gasta na propria terra dos Buramos e Banhuns; e se leva a Casamança, e he muito bom resgate, porque della se fazem escravos e mantimentos e todo o mais resgate; e as taboletas se vendem inteiras e em pedaços, e correm, como moeda entre nós, para os gastos. Tingem com esta tinta, e a prepárão para tingirem com ella da maneira que se prepara a da Costa, como se já disse. Tira-se deste Rio muito marfim, porque matão os elefantes da maneira que os matão os Naluns.

Estes Bagas são mui atraiçoados. Folgão estranhamente de matarem aos nossos, quando se desmandão pela terra a irem chatinar; e se sentem que he homem de sua pessoa, não o acomettem, e quando o fazem há de ser á traição. E em os matando cortão-lhes as cabeças e danção com ellas e escaramução e ficão cavalleiros. E depois as cozem e tirão a carne toda, e limpas da carne e miolos bebem por ellas, servindo-lhes de pucaros. Nisto não ha duvida. E quantos mais vasos tiver hum negro em sua casa mais honrado he. E hão de entender que não hão de ser somente de brancos, senão de quaesquer pessoas que elles possão matar. Suas armas são humas azagaias de huns ferros largos e compridos, como de partazanas. Usão espadas, frechas e adargas de verga e rota boas. Tem suas almadias, que navegão de huma parte para a outra, e de rio em rio ao longo da terra.

O principal trato della que lhe levão os nossos he sal,

ças, e botão os corpos fóra da aldeia aos animaes; e os que são condemnados á morte vendem-os a pessoas, que os comprão para os matarem e serem cavalleiros; porque he costume entre elles, que matando nas guerras ou brigas, ficão cavalleiros; e escaramução com as cabeças dos mortos; e alguns que ainda não alcancárão estas honras por suas pessoas, comprão aos condemnados por pouco preço, (que não passa de 5 ou 6 cruzados de ouro) e os matão, e ficão honrados.

Costumavão estes negros fazerem suas guerras sem ajuda dos visinhos, como ao diante se tratará na Guerra dos Sumbas.

CAPITULO XV.

Que trata como alevantão os Reis na Terra dos Sapes, e as ceremonias com que os fazem, e como fazem os Solategis, *que são os fidalgos.*

Na terra dos Sapes herdão os reinos os filhos e irmãos parentes mais chegados ao Rei; e ha esta ordem entre elles.

Tanto que morre o Rei, depois de morto e feitos os funeraes, logo dão em casa de quem ha de herdar, (se não entra no Reino por guerra,) e o amarrão, e lhe dão alguns açoites na Casa Real, onde he levado. E depois de açoitado o desamarrão ficando todos quietos; e o lavão e vestem com vestidos reaes, e o levão á casa principal (que he o *funço*, o qual está perto dos Paços,) onde estando juntos os principaes do povo, faz hum daquelles principaes Solategis mais antigos a pratica; dizendo, que por direito lhe cabe herdar o reino por morte de seu pai ou irmão, e como quem ha de governar reino he necessario que faça justiça mui recta ás partes, que por isso começão com elle primeiro, para que elle assim a administre aos outros, castigando a quem merecer castigo, galardoando a quem bem servir. Acabante de se fazer a pratica, mette-lhe na mão a arma chamada, "*queto*," que he o sceptro, com que cortão as cabeças aos condemnados — e todos os reis da Serra trazem estas armas nas mãos que são as divisas reaes. Fazendo-se esta ceremonia fica Rei obedecido e temido dos seus.

zem os *Souzos* que confinão pelo sertão com os Bagas, e por cima descem deste sertão a estes rios huma nação de Negros, a que chamão *Putazes*, em cafilas de 1000 e 2000 homens, e vem a comprar sal em troco de roupa de algodão branca e vestidos feitos do mesmo e algum ouro e armas de frechas. E no beira-mar destes Bagas se coze o sal. No Rio da Furna ha muita quantidade de arroz que ali vão comprar os nossos navios e o levão a vender ás partes onde o não há. Este rio vasa tanto que ficão os navios em secco em vasa solta, que não podem vir a elles nem delles irem á terra. E corre ao longo do Cabo da Verga da banda do Norte, e quando enche he com a agua, que se chama de *Macareo*, e com dous ou tres mares fica a maré cheia; os quaes quando vem, vem roncando, e se ouvem muito tempo antes de elles chegarem, como já se disse do Rio da Degoula. Perdem-se neste e correm risco as almadias e outras embarcações pequenas.

Estes negros matão aos que podem para o mesmo effeito como os do Rio de Nuno. Os juramentos dos Nahuns, Bagas e Coquolins, dão-se como se dão na terra dos Sapes. Sobre alguns casos dão juramento ás justiças, pondo a mão sobre as cabeças das partes que o recebem; mas quando he duvidoso e não ha certeza, e sospeitão em alguma pessoa, dão o juramento da agoa fervendo, como se faz na Costa; e o que se queima esse he o culpado entre elles.

CAPITULO XIV.

Que trata do Reino dos Sapes, que começa do Cabo da Verga, que está em nove gráos e dous terços, até os Baixos de Sant'Anna, que estão em sete gráos; dos seus costumes, tratos, guerras, e outras cousas.

Dobrando este Cabo da Verga, correndo para baixo delle, entra outro Rio que se chama o *Rio das Pedras*, grande e formoso, o qual se parte e se divide em muitos esteiros, e vai fazendo a terra firme em Ilhas que se chamão dos *Cagaçaes*. Daqui começa o Reino dos Sapes, e ainda neste Rio chegão os Bagas. E ha outra nação, que cha-

do sabem he todas juntas em coros, muito bem ataviadas e ornadas ao seu modo, pelas aldeias nos *arrifuis*, que he praça em que danção ao som de huns instrumentos chamados *bambalos* de que já tratamos; e tem grandes e pequenos, que tangendo todos se concertão. E nestes bailes e danças vem os pais a verem suas filhas, e os fidalgos e homens mancebos que ali acodem, vendo-as, as pedem para molheres, e dão os casamentos a seus pais, e pagão alguma cousa ao velho que as teve em guarda. E chamão a estas recolhidas *Mendas*, como entre nós Religiosas.

O costume de seus enterramentos he enterrarem-se dentro das suas proprias casas, vestidos com ouro pelas orelhas braços e narizes, que para isso os tem furados como já se disse, e as arrecadas que levão são *masucos*, chamados assim naquellas partes, e de 20 e 30 cruzados de pezo. Os choros fazem-os segundo a qualidade das pessoas pela ordem que já se disse, ajuntando muitos mantimentos, comendo e folgando. Fazem este funeral no *arrifal*. Os Reis se enterrão fóra da aldeia ao longo da estrada; porque dizem que como he pessoa real e administrou justiça, se não ha de enterrar senão em lugar publico, onde todos o vejão. E fazem hum modo de casa de palha que se poem sobre a cova. Estes negros se circuncidão em nascendo até aos oito dias.

Começa a terra destes Sapes do Cabo da Verga, que está em 9 gráos e dous terços, até os Baixos de Sant'Anna, que estão em 7 gráos, e há 80 legoas de costa do dito Cabo a estes Baixos. E delles para o Sul se começa a costa da Malagueta. E neste Reino dos Sapes ha estas nações de gentes; a saber: *Bagas*, *Taguinchos*, *Sapes*, *Bolões* (os quaes comem carne humana), *Temenes*, *Limbas*, *Itales*, e *Jalungas*; e todos estes se entendem huns aos outros. E por todas estas 80 legoas de costa vai outra nação de negros a que chamão *Souzos*, e *Putazes* pelo sertão e montanhas, cingindo a todas estas; e por cima destes Souzos, e Putazes, que ficão cingindo as nações ditas, como muro, habitão os Fulos, os quaes começão no Rio e ribeiras de Sanagá, terra de 16 gráos da banda do Norte, e vão correndo por cima de todos estes negros nomeados. E tem trato os Fulos com os Souzos, e a roupa que se traz dos Souzos aos Sapes vem dos Fulos, e desce ouro dos Souzos abaixo a comprar sal; e ha tão pouco sal que não basta para os do sertão; e ha algumas nações e gentes que o não veem nem o

comem, como na terra dos Limbas, que de nenhuma maneira o ha nem o comem; em tanto que se esta gente vem a outras partes e o comem, logo inchão e morrem delles.

Ha nestas 80 legoas e limites da Serra Leôa muitos Rios caudaes que correm ao mar do sertão, mui frescos; porque vão os navios por elles acima muitas legoas, cobertos de muitas arvores, povoados de huma banda e da outra em aldeias a que descem muitos resgates; e os principaes rios são os seguintes: o Rio das *Pedras*, o de *Capor*, o de *Tambacira*, o de *Maca-mala*, (onde está a Serra do Cristal,) o de *Calenche-cafu*, e o de *Mitombo*, que corre ao longo da Serra Leôa; faço esta declaração para os que não virão este Rio *Tagarim* ou *Mitombo*; porque o de Tagarim corre ao longo da Serra Leôa, ficando o Rio de Tagarim ao Norte e a Serra ao Sul; o Rio de *Bangue* corta a Serra por outra banda, de maneira que com pouco trabalho se pode acabar de cortar, porque delle passão os negros as suas embarcações por terra ao Rio Tagarim, varando-as; e cortando-a ficará a ponta da Serra, que he o *Cabo Ledo*, em ilha.

O Rio de Calanche-cafu cerca a Serra do Cristal pela banda do Sul, e o Rio de Tambacira vai dar ao pé della pela outra banda. O Rio de Toto tem em si muitas larangeiras, e a barra he toda de vasa solta, e vão os navios por elle á vella. O Rio de *Tanglecu*, o Rio de *Butibum*, e o Rio das *Allianças*, todos são mui frescos, de muitas arvores, e de muitos palmares, e muitas larangeiras. E ha nestas partes o Páo do Brasil, de que fazem as tintas, e chama-se *Cama*, e dizem que he tão fino, que dá sete tintas, e que he parda a derradeira. E ha este páo no Rio de *Bagarra-bomba*; ha canas d'açucar, algodão, malagueta, a qual se dá em humas arvores pequenas como bananeiras em capulhos; ao pé da arvore ha *Mantubilha* que he outra maneira de malagueta, a qual queima, e tinge como açafrão. E nestas partes se podem fazer muitas embarcações, porque ha muita madeira e boa para isso. Ha muito mantimento de arroz limpo e de casca, milho a que chamão branco, e marfim, colas que he o principal resgate para o Rio de Gambia e os mais Rios de Guiné, a qual se dá em arvores como castanhas, em eiriços sem espinhos. Ha ferro da propria terra; e ouro que tambem se resgata nestas partes.

Do Cabo da Verga vinte-e-cinco legoas para o Sul, estão os *Idolos*, que são tres ilhas, huma dellas povoada, e

tem rei. He terra montanhosa, coberta de arvores de palmares e outras; fresca de ribeiras d'agoa. Destá vão os negros a fazer suas seáras ás outras despovoadas. Chamão-se *Idolos*, porque quando forão a ella a primeira vêz os nossos achárão humas figuras e idolos de páo que tinhão os negros e que reverenceávão, chamados por elles *Chinas*.

De fronte do Rio de *Çase* esta outra Ilha que se chama *Tamara*. De fronte do Cabo Ledo, que he a ponta da Serra Lêoa, estão duas Ilhas que chamão as *Bravas*, as quaes tem muitas agoas, laranjas, cidras, limões, canas d'açucar, muitas bananas, e muitos palmares, dos quaes tirão a *Sura* os negros, que he o seu vinho. São Ilhas pequenas.

Passando a mar desta Serra Leôa, ouvem-se grandes roncos. Parece que deve de ser o mar da mesma costa, que dando em terra soa o echo, e o ouvem os que passão de largo; e deve de ser o mar na verdade juntamente com alguns trovões.

Junto aos Baixos de S. Anna ha humas Ilhas que chamão as do *Toto*. Erão antigamente povoadas; hoje o não estarão, porque forão despovoadas por causa dos Sumbas; as quaes são frescas, e de muito arvoredo; e nestes baixos se achárão muitas vêzes em ostras algumas perolas. Destas Ilhas de Toto para a Terra-firme está huma Ilha que se chama de *Tunsente*, de 12 legoas de comprido e 10 de largo; fresca de muitas arvores que dão as Colas, e palmares, muito arroz e milho; e fica esta Ilha na entrada dos Rios de *Bitibum* e das *Allianças*.

Nestas partes ha muitos animaes, como Elefantes, Leões, Onças, Lobos, Bufaros e Gazellas. Vacas não as ha, por não serem os Negros destas partes dados á criação dellas; mas não deixão de vir por via dos Fulos. Ficão pelo sertão destes Sapes os *Conchos*, com quem se entendem, terra onde ha muito ouro, e descem ao beiramar desta costa toda, e se entendem huns com os outros. Estas 80 legoas de costa he a melhor cousa que tem Guiné e de mais resgate, e de menos custo. Antigamente os homens pobres não hião a outro nenhum, senão a este, porque com pouco cabedal se aproveitavão muito; e andavão muitos navios na carreira da Ilha de Santiago para esta terra, dos Rios de S. Domingos e Rio Grande: os da Ilha a resgatarem escravos, cera, e marfim, e outras cousas; e os dos Rios hião á cola e mantimentos para tornarem a vender nos outros Rios. A principal mercadoria que nella vale he o sal, e o mais que

goa quente com que se lavem; e depois de lavados, e tornados ao aposento onde está o senhor da pousada, e assentados, com suas cortesias, dizem ao que vem; e, se hão de estar alguns dias na terra, manda o Senhor da pousada vir todas suas molheres, nas quaes lhes manda que escolhão a que melhor lhes parecer, e a que escolherem tem obrigação de os servir, todo o tempo que ali estiverem, de todo o serviço, porque não tenha razão o hospede de lhes tomar nenhuma das outras molheres, e por isso lhe dá aquella a seu contento; e se lhe acerta de tomar alguma das outras, fica obrigado a suas leis, que he o perder os bens que tiver. Esta molher que assim escolhe, posto que se elle vá para qualquer parte, cada vez que tornar á dita casa fica com a mesma obrigação que de antes tinha de o servir; e tem obrigação de dar a ella de vestir; e os filhos que tem as molheres que lhes dão, ficão sendo filhos do mesmo Senhor da pousada como os outros; e se acerta de ser de branco, dão-o ao pai que o leve.

O governo e juizos destas nações dos Sapes he terem na sua aldeia huma casa grande, com hum alpendre redondo, na qual casa pousa o rei; e no alpendre a que elles chamão, "*Funco*", tem hum assento como tribunal das audiencias; e da casa do rei se vem a este *funco*, o qual está armado de sua tapeçaria por baixo e por cima, que são esteiras de cores finas. E neste aposento se ajuntão o Rei e os *Solategis*, que são pessoas principaes do Reino. Em segredo administrão justiça; pondo-se o Rei no tribunal alto, ficão os Solategis mais abaixo delle, assentados de huma banda e da outra; e apparecem as partes que hão de requerer justiça, e para seus advogados sahem huns a que chamão *Arões*, vestidos com invenções de pennas e chocalhos, e os rostos cobertos de humas mascaras mui fêas, com suas azagaias nas mãos, em que se encostão para proporem as razões das partes, e fallão. Hum acabado falla outro, e assi vão correndo e requerendo a justiça das partes, até por razões vencerem huns aos outros. E a causa de virem estes advogados assim mascarados, he porque não tenhão vergonha e empacho de não fallarem no tribunal diante do Rei. E no fim das suas razões dão sentença o Rei e os Solategis; e logo publicamente se faz execução na parte condemnada. Se he causa civel, ali manda trazer as penas em que he condemnado, sem se d'ali sahir. E desta maneira se hão seus juizos. Os feiticeiros matão-os; cortão-lhes as cabe-

ças, e botão os corpos fóra da aldeia aos animaes; e os que são condemnados á morte vendem-os a pessoas, que os comprão para os matarem e serem cavalleiros; porque ha costume entre elles, que matando nas guerras ou brigas, ficão cavalleiros; e escaramução com as cabeças dos mortos; e alguns que ainda não alcancárão estas honras por suas pessoas, comprão aos condemnados por pouco preço, (que não passa de 5 ou 6 cruzados de ouro) e os matão, e ficão honrados.

Costumavão estes negros fazerem suas guerras sem ajuda dos visinhos, como ao diante se tratará na Guerra dos Sumbas.

CAPITULO XV.

Que trata como alevantão os Reis na Terra dos Sapes, e as ceremonias com que os fazem, e como fazem os Solategis, *que são os fidalgos.*

Na terra dos Sapes herdão os reinos os filhos e irmãos parentes mais chegados ao Rei; e ha esta ordem entre elles.

Tanto que morre o Rei, depois de morto e feitos os funeraes, logo dão em casa de quem ha de herdar, (se não entra no Reino por guerra,) e o amarrão, e lhe dão alguns açoites na Casa Real, onde he levado. E depois de açoitado o desamarrão ficando todos quietos; e o lavão e vestem com vestidos reaes, e o levão á casa principal (que he o *funço*, o qual está perto dos Paços,) onde estando juntos os principaes do povo, faz hum daquelles principaes Solategis mais antigos a pratica; dizendo, que por direito lhe cabe herdar o reino por morte de seu pai ou irmão, e como quem ha de governar reino he necessario que faça justiça mui recta ás partes, que por isso começão com elle primeiro, para que elle assim a administre aos outros, castigando a quem merecer castigo, galardoando a quem bem servir. Acabante de se fazer a pratica, mette-lhe na mão a arma chamada, "*queto*," que he o sceptro, com que cortão as cabeças aos condemnados — e todos os reis da Serra trazem estas armas nas mãos que são as divisas reaes. Fazendo-se esta ceremonia fica Rei obedecido e temido dos seus.

Os Solatégis, que são os fidalgos, quando o Rei os poem nesse titulo e dignidade que cada hum merece; he nesta forma: — Vão ao *funco*, onde se julga, na qual o assentão em hum assento de páo lavrado que serve de cadeira; e ali trazem huma fressura de cabra, com que dá o mesmo Rei pelas queixadas ao Solategi, ficando os rostos e peito untados daquelle sangue, e deitão em cima delle farinha de arroz, e lhe poem o Rei hum barrete vermelho na cabeça. E feitas estas ceremonias fica sendo Solategi, que he dignidade como do Concelho d'el Rei e fidalgo, com a qual fica podendo estar nos Conselhos e Juizos, e tem nelles suas esportulas dos condemnados; e achando-se em outro qualquer reino, ainda que não seja no seu, fica usando e gozando de seus privilegios e liberdades, como se fôra na propria sua terra.

Estes negros em suas aldeias tem mettido em cabeça aos plebéos, que em certos dias do anno sahe o seu demonio, que elles tem por Deos, a que chamão a *Contuberia*; e antes de sahir apregoão pela aldeia, que todos fechem suas portas, e que não appareça pessoa nenhuma pelas ruas, porque sahe o demonio a passear por ellas. Pelo que se recolhem e se fechão; e não he outra cousa este Demonio e *Contuberia* senão o Rei com os Solatégis ou fidalgos, os quaes vão nús, com hum páo furado ao modo de huma zarbatana, no qual vão tangendo como em huma trombeta, e faz hum som e arruido grande, e elles com páos e chocalhos fazendo grande matinada pelas ruas e aldeia. E se ladra algum cão, ou se ouve cousa viva em alguma casa, os de dentro hão lhe de deitar logo a cousa para que elles a matem. E se acertão de achar alguma pessoa que vem de fóra sem saber do pregão, o matão a poder de paneadas, salvo se o Rei lhe acode lançando-se sobre ella, pondo-lhe o seu barrete na cabeça; com o qual effeito fica sendo Solategi, e podendo ver e entrar nesta Contuberia.

Tem por ordem nos reinos terem huma casa grande apartada das outras, a que chamão Casa de Religião, da qual he guarda hum fidalgo velho, tido e havido entre elles por homem de boa vida. Nella se recolhem todas as moças donzellas da aldeia ou lugar, e ali estão por tempo de hum anno ou mais, doutrinadas pelo velho, e nella lhes acodem seus pais com os mantimentos necessarios, mas não as vem nem fallão com ellas; e estes velhos mudão os nomes a estas donzellas, pondo-lhes outros differentes dos que tinhão; e quan-

do sabem he todas juntas em coros, muito bem atavindas e ornadas ao seu modo, pelas aldeias nos *arrifais*, que he praça em que danção ao som de huns instrumentos chamados *bambalos* de que já tratamos; e tem grandes e pequenos, que tangendo todos se concertão. E nestes bailes e danças vem os pais a verem suas filhas, e os fidalgos e homens mancebos que ali acodem, vendo-as, as pedem para molheres, e dão os casamentos a seus pais, e pagão alguma cousa ao velho que as teve em guarda. E chamão a estas recolhidas *Mendas*, como entre nós Religiosas.

O costume de seus enterramentos he enterrarem-se dentro das suas proprias casas, vestidos com ouro pelas orelhas braços e narizes, que para isso os tem furados como já se disse, e as arrecadas que levão são *masucos*, chamados assim naquellas partes, e de 20 e 30 cruzados de pezo. Os choros fazem-os segundo a qualidade das pessoas pela ordem que já se disse, ajuntando muitos mantimentos, comendo e folgando. Fazem este funeral no *arrifal*. Os Reis se enterrão fóra da aldeia ao longo da estrada; porque dizem que como he pessoa real e administrou justiça, se não ha de enterrar senão em lugar publico, onde todos o vejão. E fazem hum modo de casa de palha que se poem sobre a cova. Estes negros se circuncidão em nascendo até aos oito dias.

Começa a terra destes Sapes do Cabo da Verga, que está em 9 gráos e dous terços, até os Baixos de Sant'Anna, que estão em 7 gráos, e há 80 legoas de costa do dito Cabo a estes Baixos. E delles para o Sul se começa a costa da Malagueta. E neste Reino dos Sapes ha estas nações de gentes; a saber: *Bugas*, *Taguinchos*, *Sapes*, *Bolões* (os quaes comem carne humana), *Temenes*, *Limbas*, *Itales*, e *Jalungas*; e todos estes se entendem huns aos outros. E por todas estas 80 legoas de costa vai outra nação de negros a que chamão *Souzos*, e *Putazes* pelo sertão e montanhas, cingindo a todas estas; e por cima destes Souzos, e Putazes, que ficão cingindo as nações ditas, como muro, habitão os Fulos, os quaes começão no Rio e ribeiras de Sanagá, terra de 16 gráos da banda do Norte, e vão correndo por cima de todos estes negros nomeados. E tem trato os Fulos com os Souzos, e a roupa que se traz dos Souzos aos Sapes vem dos Fulos, e desce ouro dos Souzos abaixo a comprar sal; e ha tão pouco sal que não basta para os do sertão; e ha algumas nações e gentes que o não veem nem o

comem, como na terra dos Limbas, que de nenhuma maneira o ha nem o comem; em tanto que se esta gente vem a outras partes e o comem, logo inchão e morrem delles.

Ha nestas 80 legoas e limites da Serra Leôa muitos Rios caudaes que correm ao mar do sertão, mui frescos; porque vão os navios por elles acima muitas legoas, cobertos de muitas arvores, povoados de huma banda e da outra em aldeias a que descem muitos resgates; e os principaes rios são os seguintes: o Rio das *Pedras*, o de *Capor*, o de *Tambacira*, o de *Maca-mala*, (onde está a Serra do Cristal,) o de *Calenche-cafu*, e o de *Mitombo*, que corre ao longo da Serra Leôa; faço esta declaração para os que não virão este Rio *Tagarim* ou *Mitombo*; porque o de Tagarim corre ao longo da Serra Leôa, ficando o Rio de Tagarim ao Norte e a Serra ao Sul; o Rio de *Bangue* corta a Serra por outra banda, de maneira que com pouco trabalho se pode acabar de cortar, porque delle passão os negros as suas embarcações por terra ao Rio Tagarim, varando-as; e cortando-a ficará a ponta da Serra, que he o *Cabo Ledo*, em ilha.

O Rio de Calanche-cafu cerca a Serra do Cristal pela banda do Sul, e o Rio de Tambacira vai dar ao pé della pela outra banda. O Rio de Toto tem em si muitas larangeiras, e a barra he toda de vasa solta, e vão os navios por elle á vella. O Rio de *Tanglecu*, o Rio de *Butibum*, e o Rio das *Allianças*, todos são mui frescos, de muitas arvores, e de muitos palmares, e muitas larangeiras. E ha nestas partes o Páo do Brasil, de que fazem as tintas, e chama-se *Cama*, e dizem que he tão fino, que dá sete tintas, e que he parda a derradeira. E ha este páo no Rio de *Bagarra-bomba*; ha canas d'açucar, algodão, malagueta, a qual se dá em humas arvores pequenas como bananeiras em capulhos; ao pé da arvore ha *Mantubilha* que he outra maneira de malagueta, a qual queima, e tinge como açafrão. E nestas partes se podem fazer muitas embarcações, porque ha muita madeira e boa para isso. Ha muito mantimento de arroz limpo e de casca, milho a que chamão branco, e marfim, colas que he o principal resgate para o Rio de Gambia e os mais Rios de Guiné, a qual se dá em arvores como castanhas, em eiriços sem espinhos. Ha ferro da propria terra; e ouro que tambem se resgata nestas partes.

Do Cabo da Verga vinte-e-cinco legoas para o Sul, estão os *Idolos*, que são tres ilhas, huma dellas povoada, e

tem rei. He terra montanhosa, coberta de arvores de palmares e outras; fresca de ribeiras d'agoa. Desta vão os negros a fazer suas seáras ás outras despovoadas. Chamão-se *Idolos*, porque quando forão a ella a primeira vêz os nossos achárão humas figuras e idolos de páo que tinhão os negros e que reverenceávão, chamados por elles *Chinas*.

De fronte do Rio de *Çase* esta outra Ilha que se chama *Tamara*. De fronte do Cabo Ledo, que he a ponta da Serra Lêoa, estão duas Ilhas que chamão as *Bravas*, as quaes tem muitas agoas, laranjas, cidras, limões, canas d'açucar, muitas bananas, e muitos palmares, dos quaes tirão a *Sura* os negros, que he o seu vinho. São Ilhas pequenas.

Passando a mar desta Serra Leôa, ouvem-se grandes roncos. Parece que deve de ser o mar da mesma costa, que dando em terra soa o echo, e o ouvem os que passão de largo; e deve de ser o mar na verdade juntamente com alguns trovões.

Junto aos Baixos de S. Anna ha humas Ilhas que chamão as do *Toto*. Erão antigamente povoadas; hoje o não estarão, porque forão despovoadas por causa dos Sumbas; as quaes são frescas, e de muito arvoredo; e nestes baixos se achárão muitas vêzes em ostras algumas perolas. Destas Ilhas de Toto para a Terra-firme está huma Ilha que se chama de *Tausente*, de 12 legoas de comprido e 10 de largo; fresca de muitas arvores que dão as Colas, e palmares, muito arroz e milho; e fica esta Ilha na entrada dos Rios de *Bitibum* e das *Allianças*.

Nestas partes ha muitos animaes, como Elefantes, Leões, Onças, Lobos, Bufaros e Gazellas. Vacas não as ha, por não serem os Negros destas partes dados á criação dellas; mas não deixão de vir por via dos Fulos. Ficão pelo sertão destes Sapes os *Conchos*, com quem se entendem, terra onde ha muito ouro, e descem ao beiramar desta costa toda, e se entendem huns com os outros. Estas 80 legoas de costa he a melhor cousa que tem Guiné e de mais resgate, e de menos custo. Antigamente os homens pobres não hião a outro nenhum, senão a este, porque com pouco cabedal se aproveitavão muito; e andavão muitos navios na carreira da Ilha de Santiago para esta terra, dos Rios de S. Domingos e Rio Grande: os da Ilha a resgatarem escravos, cera, e marfim, e outras cousas; e os dos Rios hião á cola e mantimentos para tornarem a vender nos outros Rios. A principal mercadoria que nella vale he o sal, e o mais que

atraz fica dito. Nella ha huma casta de monos que não ha em outra Guiné, chamados, "*Daris*", sem rabos, e se não tivessem cabellos podia-se dizer que erão humanos, como nos; porque nas feições ha pouca differença. Andão em pé, e alguns que se tomão depois de se fazerem á casa vão catar agoa ao rio em huma vasilha, e a trazem na cabeça; mas tem tal qualidade que em chegando á porta da pousada lhe hão de acodir de pressa e tomar-lhe a vasilha da cabeça; e não fazendo isto elles mesmos as deixão cahir no chão, e se poem a chorar com grandes gritos. Malhão nos pilões dos negros os mantimentos como huma pessoa. São baixos de corpo, grossos, de boas pernas e braços. São amigos da conversação das moças, e se achão algumas desencaminhadas e sós, as apanhão, e levão comsigo, e lhes fazem muito mimo ao seu modo. Ha outros muitos bichos e animaes de estima, e muitas arvores de toda a sorte.

Estes negros não são tão bellicosos como os mais do Rio Grande para barlavento. São covardes os mais delles, tirando os *Limbas* e *Jalungas*, os quaes até hoje não podérão os *Sumbas* de todo senhorear, porque tem suas habitações debaixo do chão secretas. Indo os imigos contra elles queimão a sua aldeia e se recolhem a ellas, e recolhendo-se os imigos, se sahem e dão nelles, e dessa maneira lhes fazem muito nojo e damno. Os mais são dados a prazeres e festas que continuadamente tem, pela terra ter em muita abundancia tudo, e não usão nem exercitão as armas como as outras nações.

Costumão os desta nação a comerem o comer muito quente, de maneira que va queimando. Isto usão agora depois de conquistados dos *Manes*, os quaes podemos dizer que são agora os mesmos Sapes; e dizem que usão este modo de comer o comer quente por amor do exercicio da guerra, porque não hão de estar esperando que se esfrie. Esta gente, que antigamente era apoucada em si e fraca para as cousas da guerra, pela continuação dos Manes e o uso que continuadamente tem das armas, se fizerão grandes soldados. He gente engenhosa; tomão muito depressa tudo o que lhes ensinão, melhor que todas as outras nações. São as negras muito serviçaes e limpas.

Limão os homens e molheres os dentes dianteiros, assim os de baixo como os de cima; e o Manes não.

CAPITULO XVI.

Que trata dos Sumbas, *chamados entre elles* Manes; *de como viérão, e das guerras que fizérão.*

Estando a Serra Leôa quieta e os seus moradores contentes, porque se havia alguma terra boa entre os negros era ella, abundante de todas as cousas; e os que ião a Guiné não indo a ella não se tinhão por vistos naquellas partes, como entre nós Italia e França, assim os que conquistavão aquellas partes e tratávão não se tinhão por vistos senão depois a verem, porque alem de ser muito abundante de tudo, e ter muitas cousas boas, era abrigo e refugio para muitos, porque indo a elle com nada se levantavão os homens; — parece que por alguns peccados occultos desta nação, ainda que gentios, quiz o Fazedor das cousas castiga-los de maneira que ficassem mais abattidos que todas as outras nações de Guiné, e para isso, se posso dizer, o não quiz mandar fazer por outros senão pela propria natureza delles, porque ainda que não são da propria nação, quando a ella chegárão já se entendião huns aos outros; não quiz que viessem os *Caribes* das Indias nem o gentio do Brazil, porque posto que sejão barbaros, são de differente côr; — não quiz mandar animaes ferozes com que os podéra bem castigar, senão com os de sua propria natureza e côr; e para que fosse o espanto maior quando já chegárão á terra destas Sapes se entendião huns aos outros. Esta nação destes negros que vierão com guerra sobre estes outros, chamão-lhe todos vulgarmente *Sumbas*. Hoje não ha certeza, onde começou a origem delles, nem quem saiba onde começárão a marchar com o seu exercito; porque até agora que ha mais de 40 annos que conquistarão a Serra Leôa, não virão os Sapes mais que a vanguarda deste exercito, e a sua retaguarda até hoje não he chegada. Dizem os Sapes antigos que de 100 em 100 annos vem estas nações a esta terra com guerra. Devem de fallar nisto verdade, e pelo que tenho conjecturado parece-me que he verdade o que dizem estes negros, porque da era de 50 por diante entrárão estes negros neste Guiné com maior impeto e ferocidade que jamais se vio; porque se os

Numantinos chegarão a comer carne humana, foi por se verem cercados de hum cerco muito largo e lhes faltarem os mantimentos, e ser-lhes necessario comerem a carne dos que matávão; estes não estávão cercados, mas antes erão os cercadores. Não lhes faltavão mantimentos, porque os tinhão em sobejo. Parece-me que por ferocidade e temeridade a fazião comer á soldadesca que trazião, porque os proprios Manes a não comem. Torno ao que dizem os desta Nação, que de cem em cem annos vem esta guerra a estas partes, porque quando viérão estes Sumbas a esta terra, havia huma nação de negros que já comião carne humana; parece que devião ficar d'outra guerra como esta que já tiverão; porque ha mais de 40 annos que começárão a conquistar esta terra, e como a achárão boa fizérão alto nella e a habitão e são moradores nella; e passárão palavra á retaguarda que não marchasse avante, porque tinhão a terra por sua, e della mandão os direitos reaes, que elles chamão na lingoa da terra *Marefe*, e não comem já carne humana senão muito poucos, nem se nomeão por Sumbas senão Manes, e são já vulgarmente chamados de todos *Sapes*.

Podem por tempos não comprirem estes reis que habitão e povoão esta terra com mandarem os direitos reaes aos reis e capitaens que atraz ficárão, e tornarem a marchar com outro exercito e com a mesma gente, e vierem comer a estes que já esquecidos do com que começárão, são tidos por Sapes; e desta maneira fica sendo verdade, como elles dizem, vir esta guerra de cem em cem annos. Seja como fôr; entrou este espantoso exercito na terra dos Sapes, comendo os vivos e desenterrando os mortos.

Não se certifica, como já disse, donde viessem, mas o mais que se sabe delles he, que se levantarão entre os negros de alguma corda que vai cingindo huns aos outros como muro. Quanto a mim, tenho que procedêrão de Mandimança, porque fallão a mesma lingoa, e se não he a mesma, trazem as mesmas armas e vestidos como estes trazem, sem haver differença nenhuma. Mandimança he Imperador dos Negros, como já se tem dito, porque ouvindo os mais negros do nosso Guiné o nome de *Mandimança*, se descobrem todos. As armas dos Manes e Mandimanças são huns arcos pequenos e as frechas pequenas; fazem-as desta maneira, porque dizem que sendo as suas frechas pequenas, e os arcos dos imigos grandes, ficão as suas armas não servindo aos imigos, porque as não podem sacodir nem lançar com força, e elles

nos seus arcos se servem das dos imigos por serem compridas. As adargas que trazem são de verga de páo e róta, e tamanhas que ficão cobrindo a hum homem todo; as espadas curtas, huma faca em lugar de adaga, e outra atada no bucho do braço esquerdo; azagaias de huns ferros compridos e os contos da mesma maneira, e ficão ferindo de ambas as partes. Nas guerras trazem dous coldres, que são as aljavas, com muitas frechas. A sua herva he peçonhenta, mas não a cozem d'outras hervas como nas outras partes; he do leite de huma arvore, que he tão fina peçonha em si que só o leite basta. Os vestidos são roupetas de panno d'algodão, largas, compridas e degoladas, e as mangas largas até aos cotovelos; os calções muito largos até por debaixo do giolho meio palmo, dahi vão estreitando ao modo de canhões. Trazem muitas plumas de aves pelas camisas e barretes.

Estes negros viérão atravessando por cima do Reino do Congo, das quaes partes trazião comsigo negros que comião carne humana. Não deixárão de ter encontros com outros muitos, porque viérão atravessando por cima da *Mina* e pela *Costa da Malagueta*, em tanto que trouxerão, em sua companhia, della dous homens nossos; hum branco do Alemtejo, por nome *Francisco Vaz*, e hum preto por nome *Paulo Pulha*, os quaes se perdêrão na mesma costa em hum galeão nosso; e vinhão vestidos como os mesmos Sumbas, e trazião as mesmas armas, e vinhão servindo de soldados até chegarem á Serra, onde acharão gente nossa para os quaes se fôrão. Hão de entender que por onde passava este exercito levava muita gente dessas terras; estes vinhão servindo de soldados e erão os que comião carne humana, como já se tem dito. Querião dizer que o principal Capitão desta gente era molher, e affirmavão ser assim. Seja o que fôr, a sua retaguarda, tanto que elles chegárão a esta Serra, não marchou mais para ella. Se he molher ou não, não tenho noticia certa, mais que chamarem elles a esse general que fica atraz *Mestre*, e a esse e aos mais capitães que ficarão com elle mandão o *Marefe*, que são os direitos reaes.

Tenho para mim, que se estes negros derão com tanto impeto e furia nas nações por onde passarão como derão no Reino dos Sapes, que não ficara nada atraz; mas como fica dito, parece que permittia Deos castigar-se esta nação dos Sapes desta maneira. Despovoárão muitas aldeias antigas, assolando tudo, e quando os Sapes vião que as suas sepulturas havião de ser os mesmos imigos que com elles pele-

jávão, pasmavão todos; de maneira que com pouco trabalho assolavão tudo.

Estes negros não partírão de sua terra com tão grande exercito como cá chegárão, mas pelo caminho o forão reformando das outras nações por onde passárão.

Tinhão esta ordem. Os povos que tomavão, logo a gente que comsigo trazião comia os principaes reis, fidalgos, e governadores. Da mais gente deixavão alguns mancebos que hião disciplinando ao seu modo, e os fazião muito bons soldados, governados pelos Manes, os quaes se prezão de fallarem com a voz grossa e com soberba; e mandavão dar a esses, que assim trazião, a comer carne humana, e com o uso do tempo se forão fazendo mestres neste mister. Vinhão comendo, como fica dito, os que captivavão e matavão nas guerras, e desenterravão os mortos por caso do ouro que achavão nas sepulturas; porque, como he já dito, he costume dos Sapes enterrarem os mortos com as joias que tem de ouro; a saber, manilhas nos braços e nas orelhas, *masucos* de 30 cruzados e de mais pezo, e nos narizes outra invenção como copos de brida; e por isso os desenterravão. Costumavão os que governavão este exercito, chegando sobre hum lugar, mandarem embaixadores aos governadores delle com algumas roupetas e calções ao seu modo de presente, e hum coldre com as suas frechas, e arco, adarga e azagaia, finalmente mandavão amostra das armas que trazião, dizendo, que lhes offerecião os vestidos em sinal de amizade, e quando a não quizessem lhes mandavão amostra das armas com que os havião de vencer, quando se elles não quizessem dar; e que trazião muita gente cujos peitos havião de ser as suas sepulturas. Não se sabião determinar os pobres de que lei nem jurisdicção fossem, porque se se davão não deixavão de os comerem, e se pelejávão desbaratavão-os. Houve nesta nação dos Sapes muita cobardia, porque com serem tantos que povoarão mais de 80 legoas de costa e muitas pelo sertão, nunca forão para se ajuntarem e pelejarem com os imigos. Não usavão de nada. Parece que devia ser de serem pouco exercitados nas armas, porque chegando o imigo a algum lugar ou aldeia, mandando estes pedir socorro aos vizinhos respondião que pelejassem e se defendessem, e que quando chegassem a elles, elles pelejarião. E por esta desordem os forão destruindo de maneira que despovoarão muitas aldeias, destruidas e queimadas com mortes dos seus moradores, consumidos e comidos. Outros deixavão o que tinhão, e se embarcavão com

os nossos, que andavão como aves, que muitas vezes quando se queima algum bosque andão ao longo delle, esperando que saia alguma cousa para se encevarem nella; assim andavão os nossos com caravellas pequenas e outras embarcações ao longo dos esteiros e rios, perto do exercito imigo, nas quaes se embarcavão muitos dos que vindo fugindo da furia delles, ião logo á madre dos rios aos navios grandes que não podião chegar onde elles chegavão, a se vender; assim os captivavão e levavão.

Verem isto os que o virão foi o maior espectaculo que se podia ver. Porque este campo, onde não trazião mantimentos mais que para os Manes, e onde os mais soldados não deixavão de comer o mantimento de arroz e milho, a carne era humana, e assim havia açougues de pessoas como de animaes, pois tanto que faltava que comer os trazião e matávão como se fossem vacas ou carneiros. Vendião os Manes alguns por pouco preço, e quando os vendião, se os nossos refusavão, dizião elles que lhes não dava nada, porque se os não comprassem os comerião. Os mesmos captivos apegavão dos nossos, rogando e pedindo por amor de Deos os comprassem. Davão muitas vezes por hum cinto hum escravo, ou por hum barrete vermelho, ou por hum pano que então valia nas Ilhas do Cabo Verde sete vintens. E antes desta gente verem os nossos, viérão dar huma noute ao longo de hum rio, onde estava huma embarcação nossa esperando por alguns entrados, que assim chamavão aos que vinhão fugindo dos Sumbas, e estava nesta embarcação hum homem tangendo muito bem por huma frauta, e ouvindo os imigos a frauta se vierão chegando até ao longo do rio, e mandarão bradar aos da embarcação, e perguntárão que era aquillo que soava, se era cousa dos Ceos ou da Terra? Responderão que aquillo fazia hum homem que ali estava. Perguntárão se o venderião; responderão que sim, e perguntárão quantos escravos darião por elle. Responderão que cento, e prometterão logo cincoenta. Zombárão os nossos dizendo que aquelle era branco, e os brancos se não vendião, porque não erão negros.

CAPITULO XVII.

Que trata de algumas guerras, que tiverão estes Manes *chamados* Sumbas.

Como já se disse, trazião os Manes no seu exercito muita gente das nações por onde passavão e que sujeitávão; comendo a huns, trazião outros comendo carne humana, para metterem espanto e medo ás nações por onde passavão e que conquistávão. Esta gente que trazião forçada erão os que á comião, e não os Manes, como está dito muitas vezes; e como vinhão todos juntos chamavão-os vulgarmente huns e outros Sumbas, que quer dizer na sua lingoa, gente que come carne humana; e trazião os Sapes este adagio: "*Summa fumo cachim*" que quer dizer; "Comem carne de graça sem lhe custar dinheiro."

O primeiro encontro que teve esta gente sahindo da Costa da Malagueta, entrando pelos Baixos de Sant'Anna, qué he a primeira terra dos Sapes, vindo por aquella costa, foi com hum rei Boulão, como adiante se tratará. Vinhão os capitães Manes, huns á beiramar, outros pelo sertão, marchando por esta ordem, conquistando huma cousa e outra. Conquistava o beiramar hum capitão, chamado *Maçarico*, com boa gente, os quaes conquistárão a terra firme, e entrando pelas Ilhas de Totto destruirão a de Tausente, a qual estava povoada toda. Huns se embarcavão com os nossos, que andavão como já se disse; outros erão comidos dos mesmos imigos. Tivérão as dianteiras com hum Rei Boulão, que ainda me parece erão reliquias de outros que já antigamente vierão ás ditas partes. Este Rei se esforçou mui animosamente. Ajuntou os seus, e lhes pôz diante o risco em que estávão de serem comidos, e que melhor era morrerem como homens que deixarem-se vencer como molheres, e serem comidos como animaes. Ajuntou os seus, esperou ao imigo, e teve com elle huma briga mui travada, na qual matou o capitão Maçarico, e posto que houve aquella victoria não ousou esperar o fim della ao diante, porque vinhão outros capitães na retaguarda; e vendo que lhe não acodião os mais reis vizinhos a elle, determinou de se entregar, e quiz

antes entregar-se aos nossos, que aos imigos, tendo nelles confiança que ainda que o captivassem o não comerião. Embarcou se com muita gente e molheres, os quaes forão pelos nossos vendidos todos, tirando o rei que por consciencia o mandárão á Misericordia da Ilha de Santiago de esmola, e não sabendo ella o successo como passára, foi o negro rei vendido, o qual servia o seu senhor, não como quem havia sido rei, senão como quem fôra toda sua vida escravo, servindo muito bem e com muita paciencia, sem se queixar de sua desaventura. Foi baptisado, e se chamou Pero, e veio á cidade de Lisboa, e tornando á Ilha com seu senhor, governando-a Antonio Velho Tinoco, e dando liberdade a muitos desta nação que se havião embarcados com os nossos, este Pedro jamais se quiz pôr a dinheiro, dizendo que pois chegára a ser escravo que o queria ser e servir em mentes vivesse.

Em quanto aos nossos que andavão ao longo daquelles rios e praias esperando aos que se embarcavão, viu-se a muitos delles serem prosperos; mas depois morrêrão pobres, e deixarão muito pouco a seus filhos.

Morto o Capitão Maçarico, não o comerão os seus como fazião aos que tomavão. Enterrárão-o e fizerão-lhe os funeraes ao seu modo, e vierão huma irmã e molheres suas com muita gente de guerra por mar em muitas almadias; e desembarcando-se forão marchando ao som de seus instrumentos. No choro que houve matárão-se alguns animaes para os Manes, mas para os mais matárão-se em lugar dos animaes muita gente das que trazião captiva. Neste funeral fez esta sua irmã huma cousa horrenda e fineza grande, que foi tirar de hum traçado que trazia na cinta, e pondo o dedo minimo da mão esquerda sobre hum cepo, ella mesma o cortou, dizendo que por sentimento e memoria de seu irmão havião as suas molheres de fazerem o mesmo. Algumas o fizerão, e outras não, e ficárão todas as outras em pouca estima daquelles capitães Manes. Depois das honras feitas entrárão os capitães pela terra dos Sapes, e a destruirão de maneira que em muitas partes se não achava gente, porque huns erão embarcados e outros comidos. Cada hum buscava onde se acolhesse.

Estes Manes erão grandes homens de guerra; commettendo algum lugar tanto que se alojávão se entrincheiravão e fortificavão ao seu modo, a que elles chamão: "*Atabancar.*" Parece que foi permissão divina virem estes negros de tão longe a esta terra a fazerem nella tanto damno; porque pos-

to que por onde passárão o fizerão, não foi com total ruina, como foi nesta, e achando-a boa se não quizerão sahir della, e a senhorêão, e estão de assento nella, como já se disse. Não deixarão de comer nestes encontros alguns dos nossos que ás vezes tomávão, em tanto que estando prezos quatro companheiros, apartados de dous em dous, tirarão da companhia delles hum, dizendo que o mudavão para outra parte, e o matárão e cozerão a carne, e no caldo della arroz. Mandárão dar do proprio arroz aos outros; e comendo delle vinha debaixo hum dedo o qual conhecerão que era do companheiro que delles apartárão, porque o dedo era em si aleijado e o conhecerão. Ficárão muito tristes, esperando pela hora de cada hum delles. Quiz Deos que se livrassem e fugissem.

CAPITULO XVIII.

De como quizérão conquistar os Manes a terra dos Souzos, *que fica por cima dos* Sapes *pelo sertão, e do que passou entre elles.*

Tinhão já os Manes conquistada muita terra desta, assolada, e destruida, de maneira que punhão espanto aos que a vião, porque estava despovoada com o temor dos imigos que tudo tinhão senhoreado, parecendo-lhes que não commetterião cousa que não vencessem e arrazassem com aquelles seus animaes brutos, cujos peitos erão sepulturas dos vencidos; tendo pois senhoreado muita parte do beira-mar, e muitas legoas pelo sertão, ficavão-lhe os Souzos que ficão cingindo estas nações, por cima, como já se disse, e determinárão de os conquistar. Mandárão-lhes embaixadores com os presentes accostumados de vestidos e armas. Vistas as armas, erão humas, sem falta nenhuma nem differença. Mandárão-lhes os Souzos as suas, dizendo que se os quizessem acceitar por amigos que elles serião seus, e se communicarião e correrião seus tratos como de antes sempre fizérão com os Sapes; mas que de outra maneira não consentirião entrarem por suas terras; que elles lhes não ião tomar as que elles tinhão conquistado e tomado a seus donos.

Vendo os Manes esta resposta determinárão de ir con-

tra elles, e fizérão grande apparato e percebimento de petrechos de guerra, e levárão em sua companhia muita gente da que já tinhão sujeita, e affirmão muitos que foi o maior exercito e apparato que elles ajuntárão e fizerão depois que começárão a conquistar os Sapes; em tanto que foi com elles hum homem nosso, por nome Salvador Homem da Costa, com tres escopetas, de quem elles fazião muita conta por ser grande espingardeiro e valente homem de sua pessoa. Tendo os Souzos dada a resposta, e vendo que não tornavão os Manes a mandar outra, começárão de aperceber e ajuntar gente, e tendo huma copia grande, e juntamente os Fulos com quem confinão, e sendo bastante a gente que tinhão para se defenderem e offenderem, fôrão marchando com seus descobridores e atalaias. Sabendo que vinhão os imigos a poucas jornadas lhes botárão diante algumas mangas, os quaes levavão vacas que matávão e cozião em panellas muito grandes, nas quaes deitávão peçonha, e tanto que descobrião os imigos fingião que fugião, e as deixavão. Vindo, se encevavão no comer e se fartávão, e desta maneira ião morrendo poucos a poucos que viérão a ser depois muitos, pois sem embargo dos Manes serem muito confiados pelas muitas victorias que tinhão alcançado nestas partes e serem costumados a irem buscar os imigos a suas proprias casas, perdêrão alguma reputação da muita que tenhão, porque tivérão huma desconfiança, — não sei porque causa, se seria por ser a sua gente de differentes nações e não serem todos Manes, ou por algum signal que como agoureiros tomarião de alguma cousa que virão, — seja o que fôr, passando hum rio depois de terem entrado pela terra dos Souzos, tendo aviso que vinhão marchando para elles, mandárão os capitães e governadores fazer alto, e se entrincheirárão muito bem, e se deixárão estar ali, ficando o rio servindo de muro. Mandárão descobrir os imigos, e achárão que tinhão feito o mesmo, mas sabendo que não marchavão adiante os Manes, os viérão buscar os Souzos mui bem ordenados, até se pôr hum campo perto do outro, e se fortificárão. E ao outro dia, depois do sol fóra, começárão os capitães Souzos e Fulos a desalojar a sua gente, e pô-la em ordem de batalha. E tendo-a toda posta e prestes, fez o Rei huma pratica a todos por muitos arautos, porque não costumão os Reis naquellas partes fallarem com uma só pessoa, ainda que saiba a lingoa e se entenda com ella, senão por arautos, e hão de fallar alto que entendão e oução todos, principalmente estan-

do em juizo, e como era em campo e com muita gente, fez a pratica aos capitães e officiaes de guerra juntos; dizendo: " Até agora não tivérão estes Sumbas quem lhes resistisse, e forão comendo carne sem lhes custar dinheiro de tantos quantos matárão; e destruirão toda esta terra, como o sabeis, dentro das suas proprias casas, onde costumão ter forças os senhores dellas, e estes as não tiverão, e se deixarão destruir por gente estrangeira. Cuidão estes Sumbas, que assim como fizerão a estes vis, nos farão a nós. Eu pela experiencia que tenho de vós outros, esforçados capitães, ainda que não tiveramos em nossa ajuda e favor os esforçados e valentes Fulos, cujas guerras e victorias bem nos são notorias, temos a justiça por nós, porque estes nos vem accommetter e buscar dentro das nossas terras para nos captivarem, comerem, e venderem assim a nós como ás nossas molheres e filhos. Se ha entre nós alguem que o seu coração lhe diz que não peleje, daqui lhe dou licença que se torne e vá accompanhar as molheres."

Dizia o rei estas palavras com muita coragem e esforço, armado das suas armas accostumadas, encostado sobre hum arco que tinha como bastão. Acabante de fazer esta pratica e ter a certeza de todos que não tornarião a suas casas vencidos, senão mortos, mandou tocar os instrumentos militares, ao som dos quaes começárão de marchar para o campo imigo, que vendo os vir, estando fortificados, se deixárão estar como gente que já temia o fim e successo que depois tivérão, sem se quererem sair, e porem-se em ordem de batalha, como lhes representárão. Sómente deitárão algumas mangas que fórão accometter aos Souzos pelas alas, mas elles jamais se desordenárão com todos os accomettimentos, e forão marchando em compaço todos a huma.

Vinhão na dianteira deste campo sete homens de cavallo, os quaes erão pequenos como quartãos, sellados e enfreados, e estes trazião capelhares (e erão Fulos,) e cascaveis grandes nos peitoraes; e vindo todos juntos no compaço que trazião muito bem ordenados, trazendo os adargueiros de fronte e pela alas, e a gente frecheira no meio, estando pertos, accomettêrão todos juntos arremettida e assalto, e pondo os de cavallo a mão na *utabanca* (que assim se chamão naquella lingoa as trincheiras) forão estas rotas. Hão de entender que da parte dos Manes não deixarão de pelejar mui esforçadamente, porque erão muitos, mas a outra gente erão mui animosa, e não trazia mistura de outras nações senão a dos Fulos

somente, que he gente muito esforçada, e sabião que lhes importava pôrem toda a força nesta batalha, porque sendo de huma vez vencidos, jamais tinhão segurança nenhuma, e se destruiria toda a sua terra, molheres e filhos; e naquella victoria estava a segurança delles; e os Manes ainda que fossem vencidos erão senhores das terras que tinhão ganhadas, nas quaes tinhão muita gente sua, e fazião guerra com a gente da mesma terra que andavão com elles, e tendo victoria não deixarião de a seguir até de todo os conquistar, como fizerão aos Sapes; e por isso mettêrão todas as forças nesta batalha.

Estes Manes, como gente que depois de darem na Costa da Malagueta se embarcavão e desembarcavão, erão marinheiros e nadadores, e sendo rotos se passárão a nado, principalmente os Bolões e Temenes que trazião no seu campo e forão mortos e captivos muitos. Os Souzos como costumados a passarem muitas vezes aquelle rio no tempo em que tinhão seus tratos e sabião os váos, sem se desordenarem o passarão e forão, em seguimento do imigo. Dizião os que nesta guerra forão que não escapárão della senão homens muito esforçados e ligeiros, porque lhes não davão lugar para tomarem alento nem descanço nenhum. Affirma o nosso Salvador Homem da Costa que se achou nesta batalha da parte dos Manes, e levava tres escopetas, que carregava e cevava hum escravo seu, que não tivera tempo para disparar depois de os imigos darem arremettida, mais que huma só vêz; e que como sabia a terra, depois da trincheira rota se acolhêra e se emboscára, e dessa maneira se salvou.

Foi esta a maior rota que tiverão os Manes depois que partirão da sua terra, e não conquistárão mais os Souzos, e fallando ás nações que com elles forão a esta guerra, na sua rota, punhão as mãos na boca, fazendo grandes espantos.

Estes Souzos deixárão o trato que tinhão antigamente nesta terra, e se passárão ao Rio do Nuno, mas já torna a haver commercio na terra, porque os Manes que ha hoje nella são naturaes; e ainda ha alguns capitães que vierão em companhia dos outros, e o principal Rei que ha hoje na Serra he hum dos capitães vindos nesta guerra, e ca tomou titulo de Rei e se chama Farma; he rei de *Mitombo*. Ha outros reis Manes que residem nos reinados que antigamente erão dos Sapes, e ha guerra entre huns e outros. He costu-

me entre elles quando hão de matar algum vassallo ser a tempo que lhe vem dar a obediencia. Costumão pôr os giolhos ambos em terra, e ir pondo as mãos como quem se quer deitar de bruços. Estando desta maneira poem o cotovelo direito no chão, e com a mão levantada para cima, dizem= *Atuaco*: que quer dizer: Aqui estou, Senhor, á vossa obediencia: Responde o Rei: *Anamati*, quer dizer: Estejais embora: e se o hão de matar ha de ser antes do Rei responder, porque tanto que lhe responde logo se tem por seguro. Alevanta-se muito alegre, e escaramuça de huma parte para a outra, porque quando vem a falar a el Rei vem mui medrosos, que os matão muitas vezes.

Quando querem fazer gente para alguma guerra sai o rei fóra da aldeia e manda fazer huma casa sobradada de madeira alta, onde se poem em hum rocio chamado por elles *Arrifal*. Estando ali se vem os capitães dos lugares appresentar com suas companhias, e por esta ordem vão tomando por lista toda a gente que trazem, até ter a copia que parece ao rei ser bastante para o que determina; e nunca accomette aos imigos senão em conjunção de Lua Nova.

Estes Sapes que habitavão a Serra Leôa e seus limites erão gente fraca e cobarde. Agora com a disciplina dos Manes se fizerão mui bons soldados e são bons capitães. Fazem muitas guerras huns aos outros; cercão aldeias e se descercão os cercados; e tem já alguns reis das ditas partes em seus fortes artilheria; e ha negro Mane muito bom bombardeiro, e ha alguns escopeteiros, e quando ha guerra entre elles se fortificão e assestão nos fortes artilheria, e folgão de ter gente nossa escopeteira e comprão escopetas. Forão sempre imigos de Francezes e Inglezes. Tiverão brigas com o Capitão Inglez João Acle e com Bartholomeu Bayão. Quando este andou alevantado pelejou nesta Serra com o Rei *Sacena*, o qual se fortificou e teve na sua aldeia e fortaleza muita gente nossa e resistirão muito bem aos Inglezes, que d'ali se forão com perda de gente e de algumas embarcações.

Este Capitão *Sacena* fazia muita honra e mercê ao seu modo aos bons soldados Portuguezes que com elle se achárão entonces. Estes Negros jamais terão amizade com Francezes nem Inglezes, que lhes consintão na sua terra terem nenhum trato, como na dos Jalofos, (salvo se forem indusidos pelos nossos quando andão lançados das nossas partes,) porque sempre tivérão odio formal a estas nações.

CAPITULO XIX.

Da fresquidão desta Terra.

Esta terra he tão abundante de tudo que nada lhe falta; abastada de muitos mantimentos; muito fresca de ribeiras d'agoa, larangeiras, cidreiras, limoeiros, canas d'açucar, muitos palmares, e muita madeira excellente. Povoando-se viria á ser de maior trato que o Brazil, porque no Brazil não ha mais que açucar, e o páo, e algodão; nesta terra ha algodão e o páo que ha no Brazil, e marfim, cera, ouro, amber, malagueta, e podem-se fazer muitos engenhos d'açucar; ha ferro, muita madeira para os engenhos, e escravos para elles. Resultará de se povoar grande proveito á Fazenda de S. Magestade, porque as náos que vão para a India de viagem, arribando podem nella invernar no Rio de Mitombo, para d'ali tornarem a seguir suas viagens sem vir ao Reino. Não se póde dizer o muito que resultará ao diante povoando-se, porque me lembra ouvir muitas vezes dizerem homens muito velhos na Ilha de S. Tiago, onde sou morador e elles o erão e tinhão nella molheres e filhos, que para nenhuma parte se irião salvo se mandasse S. Magestade povoar a Serra Leoa; que para ella se irião de boamente e deixarião tudo quanto na ilha tinhão, a qual segundo está cançada de trabalhos que ha padecido depressa deixarão. Haverá como 14 annos que fui eleito nella pelo povo para vir tratar com S. Magestade sobre se povoar a Serra, e elles se passarem a ella, governando o Doutor Gaspar d'Andrade a Ilha, e tratando com elle este negocio em segredo me disse, que cumpria ao serviço de S. Magestade estar eu nella para o seu serviço e não se fallar por entonces neste negocio da Serra, porquanto se houvesse effeito desemparariião a Ilha.

Está esta terra tão boa á porta, onde não falta nada, e podem ir de Lisboa a ella com o pão fresco e agoa em 15 e 20 dias, desemparada de nós; porque pela continuação dos Francezes e Inglezes, da Ilha não armão navios para ella, e segundo tudo vai afracando cada vêz será peior. Huma só cousa me dá pena. Tendo isto á porta o deixa-

mos para irmos buscar emprezas duvidosas. Povoando-se resultará muito serviço a Nosso Senhor na Christandade que haverá, e permittirá, que pois a Europa está tão conficionada de muitas heresias, a Sua Santa Fé se augmente e accrescente na terra destes gentios; e se accrescente a fazenda de S. Magestade. Abrindo estas portas a seus vassalos se fecharão aos estrangeiros, os quaes enriquecem as suas terras com o que destas partes levão; e della podem correr para a Costa da Malagueta com o mesmo trato, e cessarão os Francezes e Inglezes.

Permitta Deos, pela sua misericordia, que em dias da Magestade d'el Rei D. Philippe, nosso Senhor, vejamos esta terra povoada de Christãos, em que se salvem muitas almas, assim dos nossos, que nella andão e morrem sem Sacramentos, como destes gentios, que posto que em suas terras sigão muitas gentilidades e ritos, vindo á nossa elles mesmos pedem baptismo. E com isto acabo.

LAUS DEO.

INDICE.

PROLOGO..... 1

Cap.º I. Que trata dos Negros Jalofos, que são os primeiros e mais chegados a nós; e de seus costumes e trajos..... 3

Cap.º II. Dos mais costumes destes Jalofos..... 12

Cap.º III. Que trata do Reino do Ale-em-biçane, Barbacim, que confina com estes Jalofos, e dos seus costumes nos quaes são conformes..... 17

Cap.º IV. Que trata do Reino de Borçaló, que são Jalofos e Barbacins; e do mais que nelle ha. 19

Cap.º V. Que trata do Reino de Gambia chamado por outro nome o de Cantor, que he o Reino dos Mandingas, mui grande em si..... 26

Cap.º VI. Que trata do mais que ha neste Rio de Gambia..... 32

Cap.º VII. Que trata dos Arriatas e Falupos, negros que habitão de Cabo de Santa Maria para o Sul..... 37

Cap.º VIII. Que trata do Reino do Casamança e do que nelle ha..... 39

Cap.º IX. Que trata do Reino dos Buramos e seus tratos e costumes..... 45

Cap.º X Que trata dos Bijagós e de seus costumes... 53

Cap.º XI. Que trata do Rio Grande, terra dos Beafares, e seus costumes..... 56

Cap.º XII. Que trata do que ha mais nesta terra dos Beafares 63

Cap.º XIII. Que trata dos Reinos dos Naluns, Bagas e Coquolins, e dos seus costumes..... 67

Cap.º XIV. Que trata do Reino dos Sapes que começa do Cabo da Verga, que está em nove gráos e dous terços, até os Baixos de Sant'Anna, que estão em sete gráos; dos seus costumes, tratos, guerras, e outras cousas..... 72

Cap.º XV. Que trata como aleyantão o Rei na terra dos Sapes, e as ceremonias com que os fazem, e como fazem os Solategis, que são os fidalgos..... 75

Cap.º XVI. Que trata dos Sumbas, chamados entre elles Manes; de como viérão, e das guerras que fizérão..... 81

Cap.º XVII. Que trata de algumas guerras que tivérão estes Manes chamados Sumbas..... 86

Cap.º XVIII. De como quizerão conquistar os Manes a terra dos Souzos, que fica por cima dos Sapes pelo sertão, e do que passou entre elles. 88

Cap.º XIX. Da fresquidão desta terra..... 93

NOTAS.

Erros typographicos importantes.

Pag. 62 lin. 11. *O rio quando sahe.* Leia-se: o *Rei* quando sahe.

Pag. 23 lin. 39. *Cano de prata.* Leia-se: Cano de *pata*, como o A. indicou a pag. 16 linha 13.

Pag. 24 linha penultima. *Maçans.* Leia-se: *maçans d'anafega.* Esta palavra é-nos fornecida pela Descripção de Guiné da Edição de A. da C. Valle.

NOTAS.

Pag. 3. linha 9. *E este rio* (O Sanagá) *os divide* (os Jalofos) *dos Alarves.* Ha razoens para crer que os paizes confinantes com a margem direira do Sanagá na sua parte mais occidental, forão outr'ora habitados por uma raça particular, indigena ,ou aclimatisada, que se denominava dos *Azenhegues*, e que provavelmente derão nome ao rio, embora nossos classicos refirão sua etymologia ao regulo zanaga que dizem os primeiros navegantes Portuguezes em suas visinhanças encontrárão. Do senhorio deste paiz forão estes Azenhegues gradualmente espoliados pelos Mouros, que a final os reduzirão a uma especie de servos adscriptos. Quando o celebre viajante Francêz, *Réné Caillié*, intentou seu perigoso descobrimento de Tombuctú (*Tumbacatum* lhe chama nosso Almada), foi entre os Mouros nomadas da margem direita do Sanagá que elle resolveo iniciar-se, como proselyta, na religião e lingua dos mouros. Elle encontrou estes Mouros repartidos em varias tribus, cada uma das quaes se subdividia em *Hassanes* ou guerreiros, *Marabutos* ou religiosos, AZENHEGUES ou *tributarios*, e *Laratines* ou mestiços; os escravos forão negros. (V. R. Caillié; Voyage a Tombuctoo &.ª)

Pag. 3. linha 13. *Fulos Galalhos*, *chamados cá dos nossos* Gagos. A denominação *Gagos* encontramos usada por outros que não Portuguezes, e lemos d'um Inglez residente em Marrocos em Agosto do anno de 1594 que falla d'uma expedição mandada pelo imperador sobre os reinos de Tombuctoo e *Gago* * O appellido *Galalho* é derivado de Galam, paiz e lugar principal dos Fulos. Qual e onde seja este *Gago*, não nos metteremos nós a *advinhar*, que pouco mais poderiamos fazer. Do interior d'Africa nada se sabe, e desparatados são os erros que se tem commettido na intentada concordancia das diversas narraçoens que sobre sua geographia se tem publicado. A este respeito acaba de publicar-se em Inglaterra um livro interessantissimo intitulado: *The Negro-land of the Arabs*

* V. " *Historial Account of Discoveries &c in Africa* ", por *John Leyden*, publicado por *Hugh Murray*, 1817; no Vol. 1.° a pag. 211, onde se refere á Collecção de *Hackluyt*.

examined and explained &.ª isto é: *A Nigricia dos Arabes examinada e explicada, ou Indagaçoens sobre as primeiras luzes historicas e geographicas da Africa Central; por William Desborough Cooley.* O Autor confia muito na authoridade de *Ben Batutah*, o primeiro volume de cujas viagens acaba de apparecer completo pela primeira vêz em lingua Europêa na traducção Portugueza do Snr. Fr José de Santo Antonio Moura, empreza que começando a vulgarisar-se entre os estrangeiros eruditos *, é devidamente appreciada. Anciosamente esperamos pelo 2.° Volume que diz respeito ás viagens na Nigricia.

* " *The Athenæum* " de 30 Janeiro 1841.

Pag. 3. linha 20. *O Gran-Jalofo* de Almada é o *Burba-Jalof* dos Mappas. *Bur* em lingua Jalofa significa Rei.

Pag. 4. linha 37. *O Rei Jalofo chamado Bomaim Gilem.* Sobre este rei, sua vinda a Portugal, e seu tragico fim póde consultar-se João de Barros, Dec. I. 3. 6.

Pag. 4. linha 37. *O Budumel* é o *Damel* dos Mappas, omittida a (talvez) componente *Bur.*

Pag. 5. linha 4. *Os quaes* (velhos) *são mui obedecidos de todas as naçoens dos negros, e lhes dão sempre mão.* Entre os negros desta costa os mais novos dão a mão a beijar aos mais velhos. (V. pag. 24),

Pag. 5. linha 8. *Bixirim.* Os Bixirins são negros convertidos ao Mahometanismo, e revestidos do caracter sacerdotal. Sabem escrever e são lidos no Alcorão, do qual algum versiculo, escripto em tiras de pergaminho, constitue as *nominas* que elles distribuem ao povo e nas quaes este poem tanta fé e virtude. O nome pelo qual estas se conhecem entre os viajantes modernos é o de *fetiches*, derivação evidente do *feitiço* portuguez. Em algumas partes *gris-gris.* A maior parte destes bixerins são da raça Mandinga, que por seu constante contacto com os Mouros, no commercio a que estes negros mais se dedicão, abraçou com mais zelo o Mahometanismo, e se distingue em fazer proselytos. " Esta nação não sómente bebeo ha poucos annos a peçonha da seita Mahometana, mas tomou por officio dá-la a beber a outras naçoens, para o que se ajudarão da mercancia e entrada que com ella tinhão em outros reinos: e porque são grandes cavalleiros, e onde quer que estão ajudão os Reis em suas guerras indo sempre na dianteira, são mui queridos e estimados delles, e folgão de os ter comsigo, e lhes dão terras que povoão com grandes privilegios. Nestas povoaçoens

tem mesquitas, e os Bixerins poem escolas de ler e escrever letra arabiga, que he a de que usão nas nominas &c" (Relação Annual.., de 1607 e 1608: (a pag. 227); onde é tão curioso de se notar a superstição jesuitica como a ignorancia africana) Os *Jabacouces* de que adiante falla o Autor são advinhadores, do rito gentilico destes negros, e não mahometanos.

Pag. 7. linha 31. *Huma casta de Fulos... chamados Tacuro-res.* São os *Tekrurs* dos modernos viajantes. Vierão do interior não longe de Tombuctú, e encontrão-se em outras partes de Guiné.

Pag. 9. linha 4. *Suas azagaias.* Deveramos ter lido *seis* azagaias. O Autor queria dizer que cada negro alem de uma azagaia grande que não largava da mão, trazia seis que despedia.

Pag. 10 linha 21. *Açoutavão as fecidas.* Mal sabemos ler a palavra que aqui escrevemos *açoutarão.*

Pag. 11 linha 3. *Benares.* Talvez *Berberes.*

Pag. 11 linha 29. *Os quaes rios procedem de uma madre.* Hoje em dia sabe-se que os Rios Sanagá, Gambia, Grande, e Niger, nascem nas fraldas de uma mesma cordilheira de montanhas; mas nenhum delles tem nascente commum a outro.

Pag. 12 linha 9. *Sem embargo delles* (Fulos) não serem *negros.* E na verdade as feiçoens dos Fulos bem claramente indicão que não pertencem á *familia Negra.*

Pag. 13 linha 35. *A angra de Biziguiche*, hoje a *Gorée* dos Francezes. A ilha foi cedida em 1617 aos Hollandezes por um chefe do paiz. Forão estes que lhe dérão seu nome actual, que é o mesmo d'uma villa d'Hollanda, e fortificarão-a. Depois desta epocha foi alternadamente dos Francezes e dos Inglezes, e ficou a final em poder dos primeiros. Sua população é de 7000 pessoas.

Pag. 15 linha 13. *Os quaes tem companhias no Rio de S. Domingos e no Rio Grande.* A primeira companhia Africana authorisada pelo Governo inglez foi instituida no reinado de Elizabeth, 1588. A primeira Francêza foi no anno 1621. Todavia huns e outros começárão a frequentar esta costa do meado do seculo XVI em diante. A novella francêza que narra como elles já em 1364 frequentávão a costa de Guiné, e como lá nomeárão bahias e assentárão povoaçoens é tão ridicula que mal merece menção; mas não podemos resistir a tentação de referir a mais importante prova a favor dos Francêzes que temos encontrado:

" Os negociantes de Dieppe tivérão por longos annos commercio vantajoso com os habitantes das costas de Guiné ; e aqui chegárão a ter tanta habilidade que souberão misturar a pimenta da India com a pimenta d'Africa. Isto foi antes desta droga ser muito commum, e antes que os Portuguezes tivessem descoberto a ilha de S. Thomé, donde (as pimentas, ou os Portuguezes ?) se espalharão por todos os paizes de Guiné : de sorte que tudo tende a provar que os Francêzes tiverão neste paiz commercio mui florescente. Accresce mais, que não sómente o Grande-Sestre conserva o nome de Paris, mas que se os habitantes algumas palavras européas conservão, são estas palavras Francêzas. Á pimenta não chamão elles *Sestos*, como lhe chamão os Portuguezes, nem *grain* como os Hollandezes, mas sim *Malaghette*, que é o nome Francez. Quando chega um navio da Europa, começão logo a gritar : *Malaghette tout plein ; tout a terre de Malaghette.* É verdade que não sabem mais Francêz que isto." (Histoire Générale des Voyages. Tomo 3.° pag. 348). Custa a crer que houvesse autor serio que escrevesse tanto absurdo e tanta contradicção em tão poucas linhas ! E porem affirmamos que a prioridade da descoberta pelos Francêzes não tem prova que seja de mais um ceitil de valor que esta que acabamos de referir.

Pag. 17 linha 12. *Barbaçim* : corrupção de *Bur-ba-Sin* — rei de Sin ; nos Mappas encontramos usualmente *Bur-sin.*

Pag. 17 linha ultima. *Hum rio chamado dos Barbaçins.* E' o rio que nos Mappas se lê Rio de *Bursali*, de *Bursalo*, de *Salum &c.*

Pag. 19 linha 17. *Palmeirinha*,.. *Gomar*,.. *Guindim*,.. *Jagão.* O segundo e terceiro nomes não encontramos em Mappas. O quarto é o *Cahone* dos nossos dias.

Pag 22 linha 11 *Huma nação havida... por Judeus.* Desta gente fallão todos os viajantes e dão-lhe nomes mais ou menos semelhantes a este que lhes dá o Autor. Na " *Relação Annual das cousas... dos annos* 1607 e 1608 ", a fol. 226 v. lemos ;.. " Nam sei donde o Diabo trouxe hum ministro seu dos que cá chamam *Judeus*, ainda que o nam sam na ley, porque seguem a dos Mouros, mas são como oradores que tem por officio louvar os Reys e senhores e encêlê-los de vaidade, referindo em publico as victorias que alcançaram, e os feitos insignes que fizeram e os seus antepassados, misturando nisto muitas mentiras." Os Inglezes chamão-lhes *Juddies.* Na " Histoire Générale " diz-se que, entre os Jalofos e Fulos, erão denominados *Guiriots.*

Pag. 25 linha 12. *Arvores.... a que chamão Polões.* E' o Bombax, que dá a seda d'algodão.

Pag 26 linha 26. *Que trata do Reino de Gambia.* O rio Gambia foi mensurado pela 1.ª vêz em 1826, pelo official de Marinha Ingleza Owen com Macaulay, governador dos estabelecimentos da Serra Leôa. Subirão por elle 188 milhas. Achárão muito exageradas as distancias do seu curso dadas pela estima.

Pag. 27 linha 1. *Faroens.* Escrevêmos *Faroens* porque assim o liamos claramente; mas *Farim* é o vocabulo usual, que a cada passo encontramos em Almada.

Pag. 28 linha 2. *Cação* — ou Cassão — ou Cassan, — ás vêzes escripto com K.

Pag. 30 linha 2. *Fazem suas* Salas: isto é suas oraçoens.

Pag. 30 linha 14. *A cola, fructo* &.ª A cola é o fructo da *Sterculia acuminata.*

Pag. 31 linha 24. *Imperador.... Mandi-mansa. Mansa* na lingua Mandinga significa *imperador;* de sorte que *Mandi-mansa* é o imperador de Mandi. Deste ultimo derivárão os *Mandingas* o nome. Estes formárão (antes de Almada) o poderoso imperio de Melli, cujo renome, no tempo de nosso Autor, talvez tivesse sobrevivido ao seu poder.

Pag. 32 linha 32. *He este rio navegavel mais de* 170 *legoas.* Isto deve entender-se com a restricção da nota a pag. 26, linha 26.

Pag. 36 linha 18. *Rio dos Herejes.* Nos mappas o rio de Jerejá, do nome do lugar por onde passa.

Pag. 39 linha 23. *Do reino de Casa-mança.* Segundo a derivação já indicada *Casa-mança* significa o Imperador de *Casa;* desta ultima, *Casangas*, para denotar a nação.

Pag. 41 linha 38. *Juramento da agoa vermelha.* Todos estes juramentos ainda estão em uso, e são do mesmo modo descriptos pelos viajantes modernos.

Pag. 45 linha 2. *Que trata do Reino dos Buramos.* São mais geralmente conhecidos pelo nome de Papeis.

Pag. 45 linha 24. *Ali fizerão huma força.* O forte de Cacheo.

Pag. 46 linha penultima. *Paos a que chamão manducos.* São páos esquinados d'arremeço.

Pag. 48 linha 17. *E da ilha irião os Religiosos da Companhia a Guiné;* como na verdade começárão a ir em 1604.

Pag. 49 linha 25. *Passou os nossos a um porto que está indo pelo rio de Farim acima.* Esta nova povoação parece-nos dever collocar-se no rio de Casamança e não no rio de Farim. Em alguns mappas vemos indicado no rio de Casamança, acima d'uns esteiros que o unem com o Rio de S. Domingos, um *forte portuguez* que corresponde (em tudo o mais) com as indicaçoens do Autor.

Pag. 51 linha 30. *Correndo por este rio acima.* O Rio de Buçis separa a ilha do mesmo nome da de Bissáo. A primeira fica ao Noroeste da primeira. O esteiro dos Balantas separa a Ilha de Bissáo da terra firme pela banda do Norte. O Rio de Santa Catherina em alguns mappas é marcado como o esteiro que separa a Ilha de Buçis da terra firme pela banda do Norte, sendo, destá forma, continuação para Noroeste do Esteiro dos Balantas: segundo Almada mais quadrára a um esteiro que vemos communicar com o Rio de S. Domingos e que por alguns é denominado o Rio das Ancoras.

Pag. 52 linha 5. *O Rei dos Biçaos.* A povoação, se ainda não existia em tempo de Almada, existia de certo em 1604. A fortaleza foi construida desde 1665 até 1775, e no trabalho de sua edificação morrerão 2600 pessoas (*Planta da Praça de Bissáo &c.* por Bernardino Antonio Alverez d'Andrade. 1796. MS. na Bib. Pub. Port.

Pag. 53 linha 13. *E são as Ilhas* (dos Bijagós) *estas.* Não tendo á mão os ultimos trabalhos hydrographicos emprehendidos por ordem do Governo Inglez sobre o Archipelago dos Bijagós, seria trabalho de pura perda assignar sobre os Mappas que temos os nomes portuguezes das varias ilhas. Da Ilha de João Vieira fizérão os Francêzes a Ilha *Gembere*, da ilha do Poulão a ilha do *Poilon*, e do *Poison!* A ilha do Meio transtornou-se em Ilha do *Mel*, e daqui para *Honey Island.* A Ilha Formosa vê-se assim denominada em muitos Mappas, assim como a Carraxa; da mesma forma a dos Papagaios e a das Gallinhas. A ilha de *Kasnabac* dos Mappas parece-nos ser a Roxa dos Portuguezes. A ilha de Bulama em nenhum mappa faltará. Ha Bulama grande e Bulama pequena. A primeira contestão-nos os Inglezes por causa da venda que della lhes fizerão os chefes da Ilha *Kasnabac* em 1792. A Bulama pequena talvêz seja a Ilha das Arvores d'alguns. A ilha de Metam-

boli na maior parte dos Mappas Francêzes é a ilha *Mantere*; em outros conhece-se pelo cabo que lhe fica de fronte, ao qual se dá usualmente o nome de *Tombali*. A Ilha dos Escravos é formada pelo Rio Grande ao Sul, um esteiro que communica com o Rio de Geba ao Norte, e pelo mar deste Archipelago dos outros lados. É assim chamada do grande numero de escravos fugidos que nella se acolhêrão e formárão povoaçoens. Nosso Autor não falla em *Geba*. Porventura ainda não existiria esta povoação que aliàs se diz coeva com os primeiros estabelecimentos nesta parte de Guiné?

Sobre as guerras dos Bijagós com os Beafares, encontramos na "Relação Annual... de 1606 e 1607" a seguinte passagem, que alem de descriptiva do assumpto principal é caracteristica do descuido com que tratamos estas possessoens Africanas:

"Porem com estes tres reys desta nação Biafar (*os de Bigubâ*, *Bissegui*, *e Guinalá*) serem tam poderosos, todos juntos não são bastantes para se poderem defender de huma nação de negros, que chamão Bijagós, os quais vivem em humas ilhas fronteiras ás terras destes Reys, gente fera e mui cruel, e que com seus assaltos infestão e destruem quasi toda esta nação Biafar, e os Reys della, que sam os sobreditos, e ao de Bigubá particularmente tem quasi acabado de modo, que o pobre Rey com sua gente andão mettidos pelo mato, e não se contentão estes negros com os males que fazem a seus comarcãos, mas o que muito pretendem, he acabarem de todo aos Portuguezes que nestas partes residem, o que poderão fazer se sua Magestade lhe não mandar algum socorro, o qual com muita instancia lhe pedem estes tres Reys com os Portuguezes, que em suas terras estão, e só para tratar e requerer isto a sua Magestade em nome de todos mandárão o anno passado de 607 hum irmão da Companhia dos que lá andavão a este reino, promettendo que indo este socorro, se farão logo vassallos de sua Magestade, e lhe darão portos em seus reinos onde passa fazer fortalezas, e que então poderão receber logo o santo bautismo com toda sua gente; o qual tambem os padres agora lhe nam dão por esta perseguição tão terribel que padecem dos Bijagós que os inquietam, e vam destruindo, os quais ainda que vivem em ilhas, como nellas saem tres rios. que passão pelas terras destes Reys, e as dividem humas das outras, e destes rios sahem tantos braços e esteiros, que toda esta terra retalhão, e fazem navegavel de humas partes para as outras, ficão os Bijagós livres para com suas embarcações, que sam mui ligeiras, poderem correr e saltar e destruir todas estas terras, como fazem: pelo que não tem nenhum remedio senão indo de cá algum soccorro de gente, que juntamente com a dos mesmos Reys Biafares, Portuguezes, que lá andão em navios de remo pequenos e ligeiros possão fazer guerra e destruir estes negros, e conquistar-lhe suas ilhas, que por todas sam dezasete, tam ricas e fertiles, que se estiverão em poder dos Portuguezes puderão fazer hum bom es-

tado, e de muita riqueza e proveito para este reino, porque sam mui abundantes de toda a sorte de mantimentos, mui frescas por causa dos arvoredos, e ribeiras de agoa, tem muitas palmeiras de que colhem muito vinho e azeite, muitas arvores de espinho em varias partes, e dão todas as sementes que lhes lançarem, muita variedade de gado, abundantes de peixe, tem muito marfim, cera, ferro: nas praias se acha muita quantidade de ambar, e pelo não conhecerem os negros, o torna a levar o mar: tem muita colla, fruita, e mercadoria tão estimada, não sómente naquellas partes, mas dos Turcos e Mouros, que affirmão que se podem cada anno levar dalli dous navios desta colla para resgate dos captivos, a qual sahirá muito mais barato que se fôra por ouro e prata. Finalmente são tais as terras destas ilhas, que quasi sem as cultivarem por sua muita fertilidade sustentão os moradores dellas, e os fazem tão poderosos, que podem fazer a guerra que acima dizemos aos Reys Biafares da terra firme, e tem aqui Sua Magestade com que pode satisfazer mui largamente aos que mandar com este socorro conquistar estas ilhas, dando-lhas, e repartindo-lhas em capitanias conforme ao costume deste reino, que ficando debaixo de sua coroa, não somente a acrescentão, mas ficão sendo emparo de toda a Christandade, que assi nellas como pela terra firme se pode fazer, que será mui grande, porque conforme a disposição que os padres achão por toda aquella costa, não avera Rey algum dos muitos que por aquellas partes vivem, que com toda sua gente não receba o sancto Evangelho."

Pap. 55 linha 2. A *gran quantidade* (de amber) *que achou Francisco Barroso no anno de* 69. A " Descripção de Guiné " diz de " 96 "; evidente erro pois A. A. de Almada escreveo em 1594.

Pag. 57 linha 28. *O Rio Grande.* O Rio grande foi mensurado pelo Capitão Belcher da Marinha Ingleza em 1830 e 1832. Este official julga que todo o espaço entre o rio do Nuno (assim chamado do nosso Nuno Tristão que aqui foi morto) e o Rio Grande é um archipelago, e que canoas podem navegar internamente desde os Idolos, até ao Rio de Gambia.

Pag. 79 linha 25. *Degola.* Da colonia Portugueza de *Geba*, se desannexou em tempos posteriores um grande numero de negros a quem um governador Portuguez offendeu no desprezo de seus costumes, e a quem opprimia com as usuaes extorsoens e exacçoens dos governadores portuguezes. A causa immediata da separação foi o não querer elle consentir no resgate pela povoação, d'um negro daquella terra, que tendo sido aprisionado em guerra foi vendido a um traficante portuguez de escravatura. O lugar que os dissidentes escolhêrão para assento da nova povoação foi mais abaixo no mes-

mo rio, ficando esta com o nome de Goule. Seria este o sitio (assim indicado nos mappas) o que Almada nomêa *Degoula* e *Degola*, e existiria aqui alguma aldéa já antes da nova colonisação?

Pag. 61 linha 14. *Farim-Cabo.* O Farim-cabo não entrava no exercicio de sua authoridade sem a confirmação dos governadores portuguezes de Bissáo. Isto em 1755. Não poucas vêzes foi elle de nomeação portugueza. Chamavão-lhe os nossos o *Capitão-Cabo.* (*Planta de Bissáo* já citada).

Pag. 67 linha 5, contando de baixo. *Naluns*, *Bagas.* Do estado actual destas gentes trata largamente Caillié, *Voy. á Tombuctoo*, Tom 1.° pg. 153.

Pag. 73 linha 27. *Rio de Toto.* Nas *Turtle* — Islands dos Inglezes reconhecem se as nossas Ilhas de *Toto.* Nas *Ilhas-de-Los* os nossos *I-do-los*, pela separação das syllabas e a leitura do I. como abreviatura de *Ilhas.*

Pag. 74 linha 26. *Solategis.* Nos nossos MSS. ora lemos *Solategis* ora *Solateguis.* Caillié encontrou a mesma palavra em uso entre esta gente que dizião delle: " E' um *solategui* ", isto é, diz Caillié: *um verdadeiro Arabe.* Parece-nos mais natural a versão do nosso Autor.

Pag. 76 linha 19. *Contuberia.* A descripção desta astuciosa associação quadra com a historia do *Mumbojumbo* dos viajantes Inglezes.

Pag. 79 linha 32. *Os Conchos.* A nação dos Conchos era poderosa. " O *Concho* é como Imperador dos Negros ". (Rel. Annual. 1607 e 1608. fol. 229.) As varias naçoens de negros mencionadas pelo Autor ainda hoje são nomeadas pelos viajantes e geographos com maiores ou menores variantes orthographicas.

Pag. 81 linha 1. Dos *Sumbas.* Julgamos de muito valor estas noticias que Almada nos dá sobre os Sumbas. Ellas confirmão a identidade desta nação com as raças que hoje em dia se conhecem pelos nomes de *Ashantis*, *Dahomeis*, &.ª Todos estes povos procedêrão, com intervallos entre cada successiva emigração, da Africa central, para assolar e occupar os paizes limitrofes dos mares, onde tem formado poderosos reinos. A " Relação Annual. 1607 e 1603 a fol. 237 " elucida-nos mais alguma cousa em relação a estes Sumbas. Fallando a respeito d'um filho do Rey christão Dom Pedro da Serra Leôa, que comião carne humana, diz o Autor. " Mas porque nam pareça que só ella a conservava (a abominação referida) tocarei aqui

brevemente a origem della. Averá obra de sesentas annos, que certa naçam de gente barbara, por não caber ja nas terras em que nasceram, e se criaram, sairam para buscar outras para sua vivenda. Estes em Congo se chamam Iacás, e em Angola Gindas, na India Zimbas, na Ethiopia do Preste João Gallas, e nestas partes Çumbas, o qual nome mudaram em Manes. Seu comer quando vinham caminhando era carne humana, a qual coziam com palmitos, ou olhos de palmeiras, despovoando desta maneira as terras por onde passavão de seus moradores, e destruindo os palmares, que sam como vinhas e olivais entre nos: porque destas palmeiras tiram o seu vinho, e azeite. Na guerra uzavam de adargas derota tam grandes que lhe cobriam o corpo todo, e para meter espanto, e temor á gente, nenhum havia que não levasse algum pé, ou mão, ou outro membro humano entre os dentes atravessado na boca, a qual vista bastava para por em fogida grandes exercitos que lhe saiam ao encontro. Estes depois de destruir o reino de Congo em tempo del Rey Dom Bernardo governando este reino de Portugal a Rainha Dona Catherina, vieram conquistando as terras, e Reinos visinhos ao mar, ficando huns em huma parte, e outros em outra até chegarem a esta serra Leôa, e reinos visinhos a ella aonde pararam por acharem a terra fertil, e de bons ares. Assentados ja e quietos nestas partes foram pouco, e pouco deixando o uzo de comer carne humana: Mas até agora, nem elles, nem seus descendentes, o deixaram de todo, porque ainda comem os que matam em guerra, ou por algum delicto que cometerem. Dos Capitães que vieram com esta gente só vive el-Rey Dom Pedro que parece o guardou Deos até agora, e lhe vai conservando a vida com forças de mancebo, passando ja de cento e trinta annos, para ser glorificado nelle, e o tomar por instrumento, para a conversam desta gentilidade. Elle me disse que puseram dez annos no caminho por causa da guerra que vinham fazendo por onde quer que passavam, e está ainda lembrado do castello da Mina, e dos tiros com que se defendeo delles.

Pag. 91 linha 3 contando de baixo. *Farma*: Deste capitão Sumba falla a Rel. Annual 1607 e 1608 a fol. 221.

NOMES DOS SNR.s ASSIGNANTES.

	Exemplares.
Antonio José Dias Guimaraens	1
Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos (*Penafiel*).	1
Antonio Bernardo de Brito	1
Antonio Joaquim Teixeira	1
Antonio Emygdio Ribeiro Pereira	1
Antonio José Rebello Guimaraens	1
Antonio Alves Pereira Veras (*Figueira*).	1
Antonio José Ferreira „	1
Antonio Sebastião d'Araujo „	1
Antonio Joaquim Ribeiro Gomes de Abreu (*Coimbra*).	1
Antonio dos Santos Monteiro Junior „	1
Antonio Rego „	1
Antonio Teixeira de Queiróz „	1
Antonio Lourenço Coelho „	1
Antonio Carlos Guimaraens Moreira „	1
Antonio Mauricio Cabral „	1
Antonio Soares da Silva e Moura „	1
Antonio Alvares da Silva „	1
Antonio Maria Corrêa Araujo „	1
Antonio Martins Pereira „	1
Antonio de Souza Machado „	1
Antonio José Pinto Carvalho e Silva	1
Antonio Maria de Souza Lobo	4
Antonio Rogerio Gromicho Couceiro	1
Antonio de Souza (*Paradellinha*).	2
Antonio de Mello (*Villa Real*).	1
Antonio Alves Pinto Villar „	1
Antonio Joaquim de Carvalho Pinho e Sousa	1
Antonio Joaquim de Carvalho Castro Pinho e Sousa	1
Antonio Dias Ribeiro Gasparinho (*V. N. de Gaia*).	1
Alexandre Miller	1
Alexandre Soares Pinto	1
A. R. Sealy	1
Anacleto José d'Oliveira	1
Augusto Cesar da Costa Barbosa (*Coimbra*).	1
Alvaro José Ramos „	1
Alexandre José Coelho de Abreu „	1
André de Queiroz „	1
Arthur Kopke de Calheiros Lobo (*V. N. de Gaia*).	1
Arthur Archer	1
Adriano da Silva Pereira	1
Bernardo A. Alves Guimaraens	1

	Exemplares.
Bernardo Luiz Fernandes Alves	1
Bernardo de Lemos Teixeira d'Aguilar	1
Bernardo José Pereira de Carvalho (*Figueira*).	1
B. A. T. Queiroz (*Coimbra*).	1
B. S. Oddy	1
Caetano Eleutherio Ferreira Espinheira	1
Carlos Gubian	1
Conde de Peniche (*Coimbra*).	1
C. T. Pinto Junior	1
C. de Caula	1
Duque da Terceira (*Lisboa*).	1
Domingos José Alves de Souza	1
Domingos Ribeiro de Carvalho	1
Domingos José Pinto Vianna (*Figueira*).	1
Domingos Martins da Costa (*Coimbra*).	1
Domingos Teixeira Martins Ferro (*V. N. de Gaia*).	1
Diogo José de Macedo „	1
Edward Whitely	1
Edward A Cox	4
Edward Egan	1
Edward Moser	1
Eduardo Manoel Francisco da Silva (*Coimbra*).	1
Eusebio Castella de Lemos Pinheiro Falcão „	1
Francisco de Souza Alcanforado Lancastro (*Barcellos*).	1
Francisco Ferreira dos Guimaraens	2
Francisco da Rocha Soares	2
Francisco Maria Montano	1
Francisco José de Oliveira Guimaraens (*Figueira*.	1
Francisco Lopes d'Azevedo Velho da Fonseca Barboza (*P. de Varzim*).	2
Francisco Leandro Mendes (*Coimbra*).	1
Francisco Vieira da Silva Barradas „	1
Francisco Manoel Raposo de Almeida „	1
Francisco Antonio de Mello (D.r) „	1
Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão „	1
Francisco Augusto Ferreira „	1
Francisco José da Cunha Vianna „	1
Francisco Manoel da Costa (*Braga*).	1
Francisco de Souza (*V. N. de Gaia*).	1
Francisco Evaristo Leoni (*Lisboa*).	1
Francisco Adolfo de Varnhagen „	1
Frederico Kunstmann (D.r) „	1
Francisco Van-Zeller	1
Frederico Augusto Jansen Verdades (*Coimbra*).	1
Felippe Augusto de Souza Carvalho	1
Felippe Martins d'Oliveira (*Figueira*).	1

Exemplares.

Gaspar da Costa Pereira de Vilhena Coutinho (*Braga*).	1
George A. Redpath	1
George Knowsley	1
Henrique Lawson	1
Henrique José de Castro (*Coimbra*).	1
Henry Smithes	1
Henry Wilcock	1
H. Donaldson	2
Isidoro Emilio Baptista (*Coimbra*).	1
I. N. P. Rivara „	1
I. M. Monteverde	1
J. R. Thomson	1
J. Thomas Quillinan	2
J. James Forrester	4
James Rawes	1
Jeronymo Pinto da Silva Alvarenga (*Coimbra*).	1
John Noble J.or	1
João Allen	2
João Christiano Kopke	1
João Pedro Soares Luna (*Lisboa*).	1
João d'Almeida Cardoso (*V. N. de Gaia*).	1
João Malheiro de Magalhaens Villasboas (*Barcellos*).	1
João Lourenço Ferreira Braga	1
João Roberto Vieira Pinto	1
João Leite de Faria	1
João da Silva Soares de Menezes (*Figueira*).	1
João Fernandes Thomas „	1
João Fernandes Gaspar „	1
João Maria de Salerno Jordão „	1
João Laidley „	1
João Ignacio de Simas e Cunha (*Coimbra*).	1
João Perestrello de Vasconcellos „	1
João José de Oliveira Gomes „	1
João Pereira de Carvalho „	1
João Diogo Mascarenhas Neto „	1
João Bernardo Matinca „	1
João Duarte Lisboa Serra „	1
João Hatt Noble	1
João de Machado Faria Pinto Roby	1
João Archer	1
Joaquim Augusto Kopke	20
Joaquim José da Silva	1
Joaquim José da Costa de Macedo. (O Conselheiro)	3
Joaquim José Diogo (O P.e)	1
Joaquim Victorino Ribeiro da S.a	1
Joaquim da Cunha Lima Oliveira Leal (*V. N. de Gaia*).	1

	Exemplares.
Joaquim da Silva Soares..... (*Figueira*).	1
Joaquim de Oliveira e Souza..... „	1
Joaquim Malheiro de Mello ..... „	1
Joaquim Pereira Lappa ..... (*Coimbra*).	1
Joaquim Francisco de Souza..... „	1
José Joaquim da S.ª Pereira..... „	1
José Manzo Preto..... „	1
José Ferreira Valle..... „	1
José Ribeiro Guimaraens..... „	1
José Francisco Carneiro Junqueira..... „	1
José das Neves Gomes Elyseu..... „	1
José Vicente Barbosa du Bocage..... „	1
José Herculano Frade de Almeida..... „	1
José Maria de Abreu (D.r)..... „	1
José Feliciano Vaz Pinto da Veiga..... „	1
José de Mello Gouvêa..... „	1
José Eleutherio Barbosa de Lima..... „	1
José Cabral Teixeira de Moraes (Conselheiro)(*Villa Real*).	1
José Maria de Souza Lobo.....(*V. N. de Gaia*).	1
José Estevão Coelho de Magalhaens..... (*Lisboa*).	1
José Cardozo Ribeiro (D.r).....	1
José Gomes Monteiro (D.r).....	1
José Manoel Gomes.....	1
José Perry.....	1
José Antonio d'Aguiar.....	1
José Victorino Damasio.....	1
José de Parada e Silva Leitão.....	1
José Joaquim de Oliveira Coelho.....	1
José Maria Ribeiro Pereira.....	1
José Ferreira Guimaraens Cardoso.....	1
José Jorge Loureiro.....	1
José Manoel Teixeira de Carvalho.....	1
José da Silva Passos.....	1
José Velloso da Cruz.....	1
José Pinto Soares.....	1
José Augusto Salgado.....	1
José da Silva Soares ..... (*Figueira*).	1
José Gomes de Paiva..... „	1
José Antonio Loureiro..... „	1
José Affonso Vianna..... „	1
José Manoel da Costa..... „	1
Libiano Constantino Alves do Valle.....	1
Luciano Simoens de Carvalho.....	1
Luiz Baptista Pinto d'Andrade.....	1
Luiz Gonzaga da Gama Lobo ..... (*Coimbra*).	1
Luiz Ribeiro de Souza Saraiva..... „	1

	Exemplares.
Marquez de Fronteira	1
Manoel Alves da Silva Braga	1
Manoel Joaquim Pereira da Silva	2
Manoel José da Motta	1
Manoel Corrêa da Costa	1
Manoel Browne	1
Manoel José d'Amorim Vianna	1
Manoel José dos Santos (*Figueira*).	1
Manoel Fernandes Coelho Mascarenhas „	1
Manoel da Fonseca (?) e Neves „	1
Manoel José de Souza „	1
Manoel da Costa Pereira „	1
Manoel Joaquim Maciel „	1
Manoel Albino Pacheco „	1
Manoel Antonio Ferreira Tavares „	1
Manoel Lourenço de Matto (*V. N. de Gaia.*)	1
D. Manoel de Souza Coutinho	1
Miguel Joaquim de Moura Coutinho de Lacerda Abreu e Lima (*V. N. de Gaia*).	1
D. Mathilde Julia Kopke de Souza Lobo (*V. N. de Gaia*).	1
M. G. Almeida J.or	1
O Patriarcha Eleito	10
Pedro Nunes Leal (*Coimbra*).	1
Pedro José de Abreu „	1
Robert Charter „	1
Roque Francisco Furtado de Mello (*Lisboa*).	1
R. W. Tozer (*Figueira*).	1
Sebastião d'Almeida e Brito (D.r)	1
Silveiro Campos Henriques (*Coimbra*).	1
Tarquinio Torquato da Camara „	1
Thomaz Archer „	1
Thomaz Norton	1
Trovoens (O D.r)	1
Victorino Cardoso Pinto e Barros (*Coimbra*).	1
Visconde de Sá da Bandeira (*Lisboa*).	1
Visconde de Semodaens	1
William Kingston	1

☞ Estava já concluida esta impressão quando fomos informados, que o MS. da Bib. Pub. Lisbonense da Obra de A. A. de Almada offerecia importantes variantes do nosso texto. Em tempo competente, por via de Appendice ou d'outro modo que se nos suggerir, será o Publico informado do que a este respeito colhermos.

3 2044 019 135 433